

A Tradução de Literatura Fantástica

***Jade War* de Fonda Lee**

Dissertação de Mestrado

Catarina Miranda Sousa

Mestrado em

Tradução e Assessoria Linguística



Ponta Delgada
2022

A Tradução de Literatura Fantástica

***Jade War* de Fonda Lee**

Dissertação de Mestrado

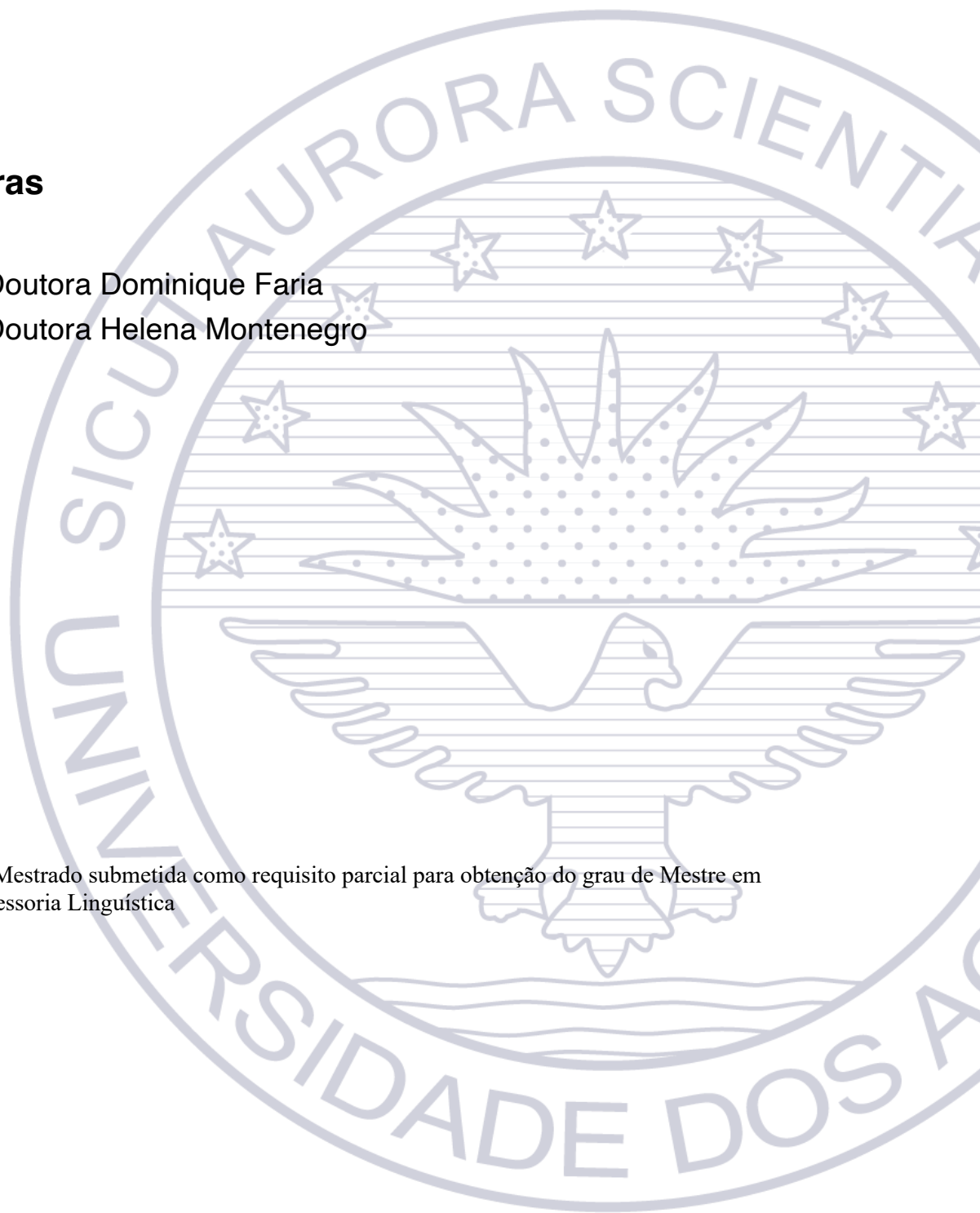
Catarina Miranda Sousa

Orientadoras

Professora Doutora Dominique Faria

Professora Doutora Helena Montenegro

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Tradução e Assessoria Linguística



Dedicatória

Mãe,

Eu procuro, mas não encontro pessoa mais linda que tu neste mundo.

Agradecimentos

Às minhas orientadoras, professora Dominique Faria e professora Helena Montenegro, por todo o cuidado e dedicação durante a elaboração deste trabalho.

Às minhas colegas de curso, pelo apoio e companheirismo ao longo destes dois anos de mestrado.

À minha Bibiana, pela amizade incondicional desde o primeiro sorriso.

Aos meus tios, Conceição e José, e à Carolina, ao Paulo e ao Jorge, por me receberem sempre de braços abertos.

Ao Stitch e à Remy, pelos beijinhos e cabeçadinhas e por se sentarem no meu computador quando já lá estava há demasiadas horas.

Ao meu Joseph, for always believing in me and in us.

Aos meus pais e irmã, Michael, Rosa e Isabel, pelo carinho, paciência e apoio. Juntos somos e sempre seremos.

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo refletir sobre os obstáculos específicos da tradução de um texto de literatura fantástica, a partir da tradução parcial comentada de *Jade War*, da autoria de Fonda Lee. Neste âmbito, a criação de neologismos em contexto literário e a sua utilização para a construção de um universo fantástico é um dos aspetos particularmente relevantes. Ao longo do comentário de tradução, torna-se evidente que os neologismos contribuem não só para a formação do mundo físico do universo de Lee, mas também para a construção da identidade pessoal de cada personagem. A tradução do texto procura então transmitir ao leitor a inspiração cultural por trás da obra de Lee, com o propósito de cativar os leitores portugueses e contribuir para a promoção da literatura fantástica em Portugal. Deste modo, esta dissertação contempla uma contextualização teórica referente ao texto literário e à tradução de literatura fantástica, uma reflexão sobre os desafios associados à tradução de literatura fantástica e a tradução comentada de cinco capítulos de *Jade War*, com foco na utilização de neologismos, na criatividade lexical e na preservação de elementos que conferem ao texto de chegada a inspiração cultural presente no texto de partida.

Palavras-chave: tradução literária, criatividade, inovação lexical, literatura fantástica, neologismos.

Abstract

This master's dissertation aims to consider the specific challenges regarding the translation of fantasy literature, through a commented translation of part of *Jade War* by Fonda Lee. In this regard, the creation of neologisms in a literary context, as well as how they are used to construe a fantasy universe is of significant relevancy. Throughout the discussion of the translation, it becomes clear that these neologisms contribute not only towards the creation of Lee's physical universe, but also towards the construction of each character's individual personality. Therefore, the translation of the text strives to convey to the reader the cultural inspiration that is the base of Lee's work, so as to enthrall Portuguese readers and further propel fantasy literature in Portugal. With this in mind, this dissertation entails a theory review regarding the literary genre and the translation of fantasy literature, a study on the challenges related to the translation of fantasy literature, as well as the commented translation of five chapters of *Jade War*, with a focus on the use of neologisms, on the presence of lexical creativity and on the methods that assure that the elements that portray the target text's cultural inspirations are conveyed on the target text.

Keywords: literary translation, creativity, lexical innovation, fantasy literature, neologisms.

Índice

<i>Introdução</i>	9
<i>Capítulo I</i>	12
Literatura Fantástica.....	12
<i>Guerra de Jade</i> , de Fonda Lee.....	15
<i>Capítulo II</i>	19
Desafios da Tradução.....	19
<i>Capítulo III</i>	25
Tradução de <i>Guerra de Jade</i>	25
Capítulo 3 – Exílio.....	25
Capítulo 11 – Porto Massy.....	32
Capítulo 16 – Ladrão Não.....	43
Capítulo 17 – O Pilar de Southtrap.....	50
Capítulo 22 – O Grudge Hall.....	60
<i>Capítulo IV</i>	79
Comentário de Tradução.....	79
1. Mundo Fantástico.....	79
1.1 Nomes e Títulos.....	80
1.2 Clãs e Sistema Hierárquico.....	81
1.3 Locais e Nacionalidades.....	83
1.4 Calendário.....	86
2. Expressões Culturais.....	87
2.1 Gastronomia.....	87
2.2 Desporto.....	88
2.3 Religião.....	89
2.4 Magia.....	91
3. Expressões Linguísticas.....	93
3.1 Formas de Tratamento.....	93
3.2 Calão.....	94
3.3 Gíria.....	95
3.4 Agramaticalidades.....	97
<i>Conclusão</i>	100
<i>Bibliografia</i>	105
<i>Anexo</i>	112
Quadro I.....	112

All work of fantasy is a world made of words where no voice has ever spoken before; where the act of speech is the act of creation.

Ursula K. Le Guin, 1979. "From Elfland to Poughkeepsie".

Introdução

A literatura fantástica tem presenciado um crescente sucesso nas últimas décadas. (Attebery, 1992: VII). Nomes como Tolkien, G.R.R. Martin e Ursula K. Le Guin passam a ser do conhecimento geral, quando no passado se restringiam a um nicho de leitores bastante específico. Ainda que isto se deva maioritariamente às adaptações para o ecrã, com cada vez mais séries e filmes dentro deste género a dominarem as grandes e pequenas telas, a verdade é que estas adaptações cativam todo um novo público, que acaba por regressar à origem: a literatura.

Em Portugal, contudo, este é ainda considerado um género “pouco cultivado” e “muito pouco praticado” (Céu e Silva, 2019). Ainda que cada vez mais os leitores portugueses se mostrem interessados na literatura fantástica, a produção por autores nacionais permanece escassa. Deste modo, o mercado português acaba por depender fortemente da tradução, importando obras estrangeiras para preencher este vazio na procura do consumidor (Pago, 2007). De facto, e tendo em conta que a literatura fantástica ainda é considerada por muitos como tendo menor prestígio no cânone da literatura, a tradução permite que as obras floresçam e alcancem vários países de língua não inglesa. Um exemplo recente é a adaptação de *The Wheel of Time* para a série televisiva produzida pela Amazon Prime em 2021. Com o primeiro livro, *The Eye of the World*, da autoria de Robert Jordan, publicado pela primeira vez em 1990, a saga de *The Wheel of Time* pode ser considerada como um dos pilares da literatura fantástica contemporânea. No entanto, em Portugal, esta saga de 14 volumes contava com apenas quatro volumes traduzidos para o português na sua variante europeia. Através da produção televisiva, estes quatro volumes foram alvo de grande interesse por parte da comunidade literária, pelo que em julho de 2022 o quinto livro da saga foi finalmente traduzido e publicado em Portugal. A comunidade de literatura fantástica em Portugal continua avidamente a aguardar que a tradução dos restantes volumes acompanhe as temporadas futuras de *The Wheel of Time*, o fenómeno televisivo que impulsionou a continuação da tradução das obras de Jordan.

Como veremos, a própria tradução de literatura fantástica tem sido alvo de estudo e de pesquisa nas últimas décadas. Tratando-se de textos caracterizados por histórias que decorrem num espaço e tempo imaginários (LI, 2010: 21), o tradutor terá não só de dominar os desafios culturais e linguísticos inerentes a uma obra de origem estrangeira, como também de se inserir num novo universo ficcional onde nem sempre poderá depender do conhecimento que tem do mundo à sua volta. Neste sentido, a criatividade e a manipulação linguística tornam-se pontos

fulcrais durante o processo de tradução, condicionando as opções e as decisões do tradutor em função da sua interpretação do mundo fantástico a que está sujeito.

Deste modo, as estratégias selecionadas para elaboração deste trabalho terão por base os estudos de tradução literária, considerando a posição que a literatura fantástica ocupa no sistema literário (Even-Zohar, 2000) e as suas especificidades de tradução. Embora a literatura traduzida possa ser considerada como primária no polissistema literário português, por dominar e participar ativamente na estruturação do sistema literário (Even-Zohar, 2000: 193), a literatura fantástica, quer traduzida quer produzida em Portugal, é, por sua vez, secundária no polissistema, pelo que acaba por não ser uma prioridade no mercado literário português. Como argumenta Even-Zohar, esta contextualização no polissistema irá condicionar de que forma estes textos são traduzidos e que estratégias poderão ser adotadas no processo de tradução (Even-Zohar, 2000: 197). Se, por um lado, o tradutor tem a liberdade de inovar e moldar o texto em função da sua posição primária dentro do polissistema, por outro, terá de obedecer às normas e convenções estabelecidas por trabalhos anteriores dentro do género em que se insere (Even-Zhar, 2000: 195).

Assim, este trabalho visa desenvolver uma reflexão sobre a tradução de literatura fantástica a partir da tradução comentada de *Jade War*, da autoria de Fonda Lee. Fonda Lee é uma autora sino-canadense com várias obras publicadas dentro do género da literatura fantástica. *Jade City*, o primeiro livro pertencente a *The Green Bone Saga*, publicado em 2017, foi vencedor do World Fantasy Award em 2018, foi nomeado para o Locus Award e para o Nebula Award no mesmo ano e foi considerado pela revista *TIME* um dos 100 melhores livros de literatura fantástica de sempre (*TIME*, 2020). O segundo livro, *Jade War*, o qual será objeto de estudo deste trabalho, publicado em 2019, foi também nomeado para prémios como o Locus Award e o Aurora Award e recebeu uma “starred review”, isto é, uma crítica atribuída a um livro de “mérito excepcional” (*Kirkus Reviews*), por parte da *Kirkus Reviews*. Por último, *Jade Legacy*, publicado em 2021, recebeu também uma “starred review” por parte do *Publisher’s Weekly* e do *Library’s Journal*, tendo-lhe sido atribuídos os prémios Locus Award e Aurora Award. No seu todo, *The Green Bone Saga* recebeu uma crítica muito positiva, tendo sido nomeada para um Hugo Award, planeando-se que seja adaptada para uma série televisiva num futuro próximo (Lee, 2022). De momento, esta autora não possui obras traduzidas para português, em nenhuma das suas variantes, ainda que já estejam traduzidas para várias outras línguas.

No presente trabalho elabora-se uma tradução comentada dos primeiros cinco capítulos narrados na perspetiva de Emery Anden, uma das personagens principais em *The Green Bone Saga*, com o objetivo de contribuir para a divulgação da literatura fantástica no geral, e da obra da Fonda Lee especificamente. Sendo a própria autora uma lutadora marcial, com cinturão negro em kung fu e karate, *The Green Bone Saga* nasce da mistura das artes marciais com habilidades especiais. A ação principal decorre em Kekon, uma ilha governada por clãs, os quais controlam o jade, uma substância natural à ilha que concede ao seu utilizador poderes sobrenaturais. Tratando-se de um livro narrado através da perspetiva de diversas personagens ao longo da história, os capítulos selecionados para tradução acompanham a história de Emery Anden, o qual é ostracizado do clã a que pertence no final do primeiro livro. Anden é então enviado para uma comunidade de emigrantes kekoneses num país vizinho, onde terá de se adaptar à nova língua, aos novos costumes e à tradição keko-espeniana que envolve esta comunidade na sua experiência diaspórica.

Através desta tradução, pretende-se refletir sobre a literatura fantástica e sobre a sua tradução, dando atenção particular à criação de neologismos em contexto literário e ao modo como estes contribuem para a construção de um mundo fantástico. Pretende-se também contribuir para a dinamização da literatura fantástica em Portugal, através da publicação de autores que, embora sejam reconhecidos e premiados no estrangeiro, ainda não foram alvo de tradução para o mercado editorial português.

No primeiro capítulo, reflete-se sobre as especificidades da literatura fantástica, seguindo-se uma apresentação de *Jade War* e uma reflexão sobre a sua contextualização. O segundo capítulo concentra-se nos desafios de tradução associados à tradução literária e, mais especificamente, à tradução de literatura fantástica. O terceiro capítulo apresenta a tradução do inglês para o português europeu dos cinco capítulos selecionados. No quarto capítulo registam-se os diferentes casos de tradução relevantes por várias categorias relacionadas com a construção da obra, elaborando-se um comentário à tradução com foco nas diferentes estratégias e metodologias que foram utilizadas ao longo da mesma, refletindo-se sobre o uso de neologismos e sobre a presença do tradutor ao longo do texto.

Capítulo I

Literatura Fantástica

A definição da literatura fantástica tem sido alvo de discussão ao longo dos últimos anos. O género parece estabelecer-se com Tolkien e com C. S. Lewis, com a publicação de *The Hobbit* em 1937 e de *The Lion, the Witch and the Wardrobe* em 1950, respetivamente. São estas as obras que moldaram e deram origem à literatura fantástica como a conhecemos hoje. Ainda assim, *The Cambridge Companion to Fantasy Literature* (James, Mendlesohn, 2012: 26) designa *Beowulf* como a primeira obra conhecida de literatura fantástica, publicada por volta de 800 a.c. Estas três histórias, completamente distintas no que toca a personagens, espaço, tempo e narração, não deixam de ser consideradas obras de literatura fantástica, distinguindo-se da ficção literária mais genérica por adotarem o sobrenatural e o irreal, incorporando certos elementos que as distanciam do mundo real e do domínio do senso comum.

De forma a definir a literatura fantástica e os elementos que a compõem, voltaremos a Tolkien, recorrendo ao seu ensaio *On Fairy Stories*:

Fantasy (...): in a sense, that is, which combines with its older and higher use as an equivalent of Imagination the derived notions of “unreality” (that is, of unlikeness to the Primary World), of freedom from the domination of observed “fact,” in short of the fantastic. (...) things that are not only “not actually present,” but which are indeed not to be found in our primary world at all, or are generally believed not to be found there (Tolkien, 1983: 23).

É através do “irreal” e do distanciamento do “mundo primário”, aquele em que vivemos e com o qual estamos familiarizados, que Tolkien caracteriza a literatura fantástica. É de notar também o sentimento de liberdade por parte do autor, o qual teremos em atenção mais à frente, comparativamente com as restrições e regras dos “factos” e realidades do dia-a-dia.

Similarmente, Brian Attebery descreve a literatura fantástica enquanto “Other”: “The broader field of the fantastic may include the improbable, the implausible, the highly unlikely, and the as-yet-nonexistent” (Attebery, 1992: 15). Segundo Attebery, é através de obras como *Lord of The Rings* que se cristaliza a definição de literatura fantástica, destacando-se elementos

comuns presentes em obras deste género, tais como “dragões” e “feiticeiros”, como meio de categorização de um género literário (Attebery, 1992: 1).

Por sua vez, C. N. Manlove evoca a sensação de “wonder”, isto é, o sentimento de maravilha com que se depara o leitor de literatura fantástica: “A fiction evoking wonder and containing a substantial and irreducible element of supernatural or impossible worlds, beings or objects with which the mortal characters in the story or the readers become on at least partly familiar terms” (Manlove, 1978: 1). De facto, este sentimento de “maravilha” pode ser associado à sensação de “estranheza”, pelo que é através do impossível e do sobrenatural que o autor surpreende o leitor, transportando-o e submergindo-o num mundo criado pela sua imaginação.

Ainda assim, a literatura fantástica não é um monólito, tendo vindo a diversificar-se cada vez mais com o passar do tempo. Em *Rethorics of Fantasy*, através de uma perspetiva focada no cenário e no desenrolar da ação, Farah Mendlesohn propõe quatro categorias principais para distinguir os diferentes tipos de histórias fantásticas: “Portal-quest”, “Immersive”, “Intrusion” e “Liminal” (Mendlesohn, 2008: introdução).

Como indica o nome, uma história do tipo “Portal-quest” terá como foco principal a deslocação de uma personagem no espaço com o objetivo de cumprir uma “missão” específica. O exemplo mais evidente será talvez *Alice no País das Maravilhas* (Carroll, 1865), onde a personagem principal cai num portal mágico, sendo transportada para um mundo fantástico onde a sua missão é agora voltar para casa. Por sua vez, uma história do tipo “Immersive” tem lugar num só mundo, autossuficiente e “independente das influências do mundo real” (Mendlesohn, 2008: cap. 2). Por exemplo, *A Song of Ice and Fire*, de G. R. R. Martin, também conhecida como *Game of Thrones* na sua adaptação à televisão, decorre num espaço e tempo imaginários, com reinos e eras própria, distintas do mundo real. No entanto, será possível argumentar que nenhuma obra poderá ser realmente independente do contexto em que foi escrita, uma vez que o autor depende das suas experiências e do seu conhecimento do mundo para a escrever. Tomando novamente a obra de G. R. R. Martin como exemplo, esta é obviamente uma história cuja inspiração tem por base a cultura e tradição europeias da Idade Média. De seguida, a história do tipo “Intrusion” realça o elemento “intruso” como perturbador do mundo em que este se introduz. Mendlesohn sublinha que esta intrusão poderá acontecer tanto no contexto de uma história do tipo “Immersive”, onde o intruso será um elemento estranho ao mundo fantástico, como numa história que, à primeira vista, tem como base o mundo real mas cuja realidade é interrompida por um elemento fantástico. Novamente, em *Alice no País das*

Maravilhas, ao assumirmos a perspectiva do Chapeleiro Louco ou do Gato Cheshire, Alice é na verdade uma intrusa, estranha ao mundo mágico a que estas personagens estão habituadas. Por sua vez, em *Buffy, the Vampire Slayer* ou em *Twilight*, ambas as histórias se desenrolam num espaço real, mas são destabilizadas por elementos fantásticos, os vampiros. Por último, uma história do tipo “Liminal” contém elementos fantásticos mais subtis, onde o fantástico se encontra sobretudo na forma de “possibilidade”, isto é, no “limiar” da narração. A existência do elemento fantástico é insinuada, mas há sempre espaço para dúvida, uma vez que, como descreve Mendlesohn (2008: introdução), “the magic hovers in the corner of our eye”, argumentando que a distinção entre o fantástico e a metáfora é deixada à interpretação não só do protagonista, mas também do leitor. Ademais, Mendlesohn realça a presença da ironia neste tipo de literatura fantástica. Em “Neil Gaiman's Irony, Liminal Fantasies, and Fairy Tale Adaptations”, Sándor Klapcsik (2008: 319) argumenta que grande parte da obra de Gaiman se enquandra neste tipo de literatura fantástica. É o caso de “How to Talk to Girls at Parties” (Gaiman, 2006), um conto sobre um rapaz que tem dificuldade em falar com pessoas do sexo feminino, comparando-as a alienígenas. A história desenrola-se com a personagem principal a interagir com diferentes raparigas numa festa, as quais descrevem viagens intergalácticas, clonagens e outras referências sobrenaturais. Ainda assim, o protagonista interpreta estes assuntos como triviais no contexto de uma conversa com uma pessoa do sexo oposto.

No entanto, Mendlesohn faz questão de realçar que estas definições servem apenas como uma “ferramenta” para a compreensão da literatura fantástica e que, na prática, as histórias nem sempre se enquadram num tipo específico, podendo permear e pertencer simultaneamente a múltiplas categorias diferentes. Ademais, estas categorias podem ser subdivididas em outras categorias, mais específicas. Em *Historical Dictionary of Fantasy Literature*, Brian Stableford (2005: 198) destaca “High Fantasy”, um termo cunhado em 1971 por Loyd Alexander, que se refere a uma obra de ficção cuja ação se passa exclusivamente num “mundo secundário”. A “High Fantasy”, enquanto subcategoria da “Immersive fantasy”, foca-se então neste mundo secundário, definido por Tolkien (1939) como uma “location in which fairy tales generally take place, the imaginative entry into which by the reader involves the process of enchantment” (Stableford, 2005: 364), o qual dá lugar ao sentimento de maravilha já mencionado. Por sua vez, o “Magical Realism”, um subgénero estabelecido principalmente através da obra de Gabriel Garcia Márquez, tem como objetivo agregar histórias onde as experiências do dia-a-dia se misturam com eventos e criaturas fantásticas relacionadas com crenças do foro popular de certas culturas (Stableford, 2005:264). Por este motivo, o “Magical

Realism” poderá ser encarado como uma subcategoria da “Liminal Fantasy” decrita por Mendlesohn, sendo frequentemente utilizada para descrever autores como Machado de Assis e José Saramago (Stableford, 2005: 265).

Guerra de Jade, de Fonda Lee

Jade War, de agora em diante denominado de *Guerra de Jade*, é o segundo livro na trilogia *The Green Bone Saga*, da autoria de Fonda Lee. Esta é a história da família Kaul, responsável pelo Clã Sem Topo (No Peak Clan). Juntamente com o clã rival, o Clã da Montanha (Mountain Clan), a família Kaul disputa o controlo sobre a ilha de Kekon. Estes clãs lutam pelo poder sobre o território, o comércio e, principalmente, sobre uma substância extremamente poderosa que influencia toda a caracterização deste mundo fantástico: a jade.

Ainda que a maior parte da história tenha lugar na cidade de Janloon (e, mais tarde, na cidade de Porto Massy) e por isso possa ser categorizada como “Urban Fantasy” (James, Mendlesohn, 2012: cap. 17), será talvez mais apropriado categorizá-la como “High Fantasy”, mesmo que num contexto urbano moderno. Como Mark Fabrizi (2016: 4) descreve em *Fantasy Literature: Challenging Genres*, este tipo de literatura fantástica foca-se principalmente na “preservação ou restabelecimento do *status quo*”, o qual tende a incorporar a forma de um regime absoluto ou, como refere Charlie Stross (2010), uma “tirania benigna”. Neste tipo de história, algo, ou alguém, “ameaça ou destabiliza” o território do “herói”, pelo que cabe a esta personagem restaurar o mundo à sua “tirania benigna” inicial. Em *Jade City*, o primeiro livro da trilogia, isto traduz-se numa luta entre clãs pelo controlo da ilha de Kekon e do seu recurso natural mais precioso: a jade. Esta é uma substância que confere ao seu utilizador habilidades sobrenaturais. No entanto, o seu uso deve ser acompanhado de uma predisposição genética (natural à maior parte dos kekoneses) e de um treino intensivo nas seis disciplinas de jade: Força, Ferro, Perceção, Leveza, Deflexão e Condução (“Strenght”, “Steel”, “Perception”, “Lightness”, “Deflection” e “Chanelling”). O uso prolongado e descontrolado de jade levará o seu utilizador à exaustão ou, em casos extremos, à loucura.

Ainda assim, com *Guerra de Jade*, e com o avançar da história, a narrativa passa a dividir-se entre a cidade de Janloon, a qual já conhecemos no primeiro livro, e a cidade de Porto Massy, a qual temos a oportunidade de explorar junto de uma das personagens principais.

Os capítulos selecionados para tradução e análise focam-se na perspectiva de Anden, o membro mais novo da família Kaul, adotado após a morte da sua mãe por Kaul Sen, patriarca do clã Sem Topo e avô de Lan, Shae e Hilo, irmãos adotivos de Anden. Neste segundo livro, após uma luta traumatizante que o levou a renegar o uso de jade, Anden é enviado para Espenia, um país do outro lado do oceano, com o objetivo de ingressar numa universidade espeniana e de se afastar do conflito em Kekon e onde é acolhido por uma comunidade de emigrantes kekoneses. Assim, o leitor acompanha Anden na descoberta deste novo mundo aparentemente despojado da magia de jade, etnicamente muito mais diversificado do que a ilha isolada de Kekon e onde os costumes, tradições e valores com que Anden cresceu não se aplicam.

Como já foi referido, ao categorizar os diferentes tipos de literatura fantástica na sua obra *Rethorics of Fantasy*, Farah Mendlesohn propõe quatro categorias principais: “Portal-quest”, “Immersive”, “Intrusion” e “Liminal” (Mendlesohn, 2008: introdução). A história de Anden parece representar um cenário típico de “Portal-Quest”:

In both portal and quest fantasies, a character leaves her familiar surroundings and passes through a portal into an unknown place. (...) The position of the reader in the quest and portal fantasy is one of companion-audience, tied to the protagonist, and dependent upon the protagonist for explanation and decoding. (...) [These stories] assume the same two movements: transition and exploration (Mendlesohn, 2008: cap. 1).

Tal como refere Mendlesohn, o leitor de *Guerra de Jade* estará na mesma posição de Anden, descobrindo e explorando Espenia através dos seus olhos, dependendo desta personagem e da sua interpretação do mundo para compreender a história.

É de notar que é esta mudança de cenário que obriga Anden a lidar com inúmeros obstáculos, tanto a nível pessoal como cultural. Neste sentido, a viagem de Kekon para Espenia funciona como um “portal” que transporta a nossa personagem para um lugar desconhecido onde ele terá de “atingir a sua redenção” de forma a voltar a ser “admitido no reino” (Mendlesohn, 2008: cap. 1).

The Green Bone Saga conta uma história que se desenvolve num mundo fortemente inspirado pela cultura asiática e pela *wuxia*, um género literário e cinematográfico com origem na China que se define pela fusão de elementos fantásticos com artes marciais. De facto, a

palavra *wuxia* é composta por duas palavras: *wu*, que traduz a habilidade em artes marciais, e *xia*, que se refere a uma personagem do tipo herói mítico (Leung, 2001: 43). Consequentemente, a moralidade do herói torna-se central na narrativa. Este é posto à prova, tendo de lutar constantemente pela sua honra num mundo definido pela rivalidade entre clãs, pela solidariedade entre guerreiros e pela “vingança de sangue” (“blood feud”), em que os conflitos entre diferentes famílias aparentam não ter fim. Numa entrevista com a revista *The Fantasy Hive*, Fonda Lee descreve a sua obra enquanto um “misto de influências orientais e ocidentais”, derivada de histórias como *The Godfather* e outras “histórias de máfia”, assim como “filmes de John Woo”, “yakuza”, “clássicos de kung fu” e “o género wuxia” (Lee, 2020).

Ademais, esta é uma história fortemente influenciada pela experiência da diáspora, com a qual a autora se identifica, pelo que o mundo de *The Green Bone Saga* e as suas personagens são moldados pela sua experiência enquanto sino-canadense. A alteridade associada à fantasia traduz-se diretamente na situação de diáspora em que se encontra a personagem principal – longe de casa e de tudo o que lhe é familiar, a cultura ocidental associada a Espanha é “estranha” para a personagem principal. É através desta obra que Fonda Lee reflete sobre a falta de representatividade e sobre a importância de ver a cultura de diáspora refletida na literatura fantástica (Lee, 2020). Numa entrevista com Barnes and Noble, Lee reflete sobre a literatura fantástica e sobre a sua ligação à cultura da diáspora: “o que acontece quando a humanidade alcança as estrelas e se espalha [pelo universo], deixando para trás a sua terra natal? Como se desenvolve esta cultura de emigrantes?” (Lee, 2019b).

Na verdade, uma das razões que atraem tanto autores como leitores à literatura fantástica é a possibilidade de explorar as “grandes questões da vida” e da experiência humana através de uma lente metafórica (Fabrizi, 2016: 1). Geraldine Heng destaca a ideia de que a literatura fantástica permite ao autor transmitir e discutir temas importantes como o racismo e as desigualdades de género de uma forma segura e inteligível:

Cultural fantasy does not evade but confronts history. (...) Fantasy engages with lived event, crisis and trauma, and conditions of exigency in ways that render intelligible to humans the incalculable and the incommensurate (...) fantasy is unusually conducive to conceptualizations of race and race discourse (Heng, 2003: 14).

O distanciamento do mundo primário permite ao autor explorar questões como “o bem e o mal”, o “heroísmo”, “o papel do indivíduo na sociedade” e até a “importância da diversidade cultural” num mundo semelhante, mas distinto do nosso (Fabrizi, 2016: 36). Lee encara a sua obra como uma forma de refletir sobre o “mundo primário”, dando ao leitor uma experiência imersiva, mas que lhe permite reconsiderar as suas experiências do dia-a-dia.

My goal is to write speculative fiction with as much verisimilitude as possible. I'm not trying to shape the world to my liking or to something in particular, but to hold up a mirror to our own world. I want the places, the people, and the societies I write to feel entirely real to the reader (Lee, 2021).

A referência a espelhos e à arte da mimética na literatura é algo bastante estudado dentro da literatura no geral. Platão e Aristóteles afirmaram que a imitação é, na verdade, a essência da literatura. Neste sentido, a literatura fantástica é um exemplo de como a literatura espelha o mundo real, uma vez que nos permite “explorar possibilidades que transcendem o mundo material” (Hume, 1984: 196). Assim, ao referir a sua intenção de espelhar o mundo que a rodeia, Lee concede ao leitor a possibilidade de explorar a sua obra sob uma luz metafórica, onde as personagens, culturas e as interações entre estas estão intrinsecamente ligadas à sua realidade, identidade e ideologias.

Deste modo, ao assumir a tarefa de traduzir a obra de Fonda Lee, o tradutor possibilita ao leitor de chegada não só aceder ao mundo fantástico criado pela autora, mas também encarar este espelho e compreender de que forma a realidade da autora está representada na sua obra. O tradutor torna-se então responsável não só por transmitir um texto pertencente ao género da literatura fantástica, o que implica certos obstáculos e desafios que irão ser discutidos de seguida, mas também por preservar as referências e alusões à cultura asiática, a qual serve de base ao mundo a que pertencem as personagens principais de Guerra de Jade.

Capítulo II

Desafios da Tradução

De modo a considerarmos os desafios e obstáculos relacionados especificamente com a tradução de textos pertencentes à literatura fantástica, será pertinente considerarmos primeiro a tradução literária na sua totalidade. A literatura tem, na verdade, uma grande abrangência, integrando textos como a poesia, a peça de teatro e o conto. No entanto, e tendo em conta o propósito deste trabalho, iremos focar-nos apenas no romance enquanto alvo dos estudos de tradução literária.

Em *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Francis R. Jones sugere uma definição do texto literário focando-se na intenção, isto é, a de provocar emoções e de entreter, em oposição a outros tipos de texto que têm como objetivo principal informar ou influenciar os seus leitores. Estes textos são normalmente do domínio da ficção e privilegiam a estética da escrita, através do ritmo, da poética, dos jogos de palavras e de outros recursos semelhantes (Jones, 2020: 294). De forma semelhante, em *The Palgrave Handbook for Translation*, Boase-Beier, Fisher e Furukawayaya (2018: 3) destacam os efeitos cognitivos relacionados com o texto literário, “giving rise to emotions such as grief, sadness, anger or empathy, causing pleasure, or helping one to order one’s thoughts about a situation or entity which is not actually present”. Por sua vez, Chantal Wright, realça a importância do “estilo” de um texto, através da “voz” narrativa, do uso da metáfora, da ambiguidade e da repetição enquanto características proeminentes num texto literário (Wright, 2016: 5).

São vários os autores que têm vindo a definir a tradução literária nos últimos anos. Tymoczko (2014: 25) argumenta que a tradução literária é na verdade um processo de reescrita, caracterizado pela adaptação do texto em função de um público-alvo específico. No mesmo sentido, Wright refere-se à tradução literária como um “exercício artístico”, em oposição a um “processo mecanizado” (Wright, 2016: 8), o qual depende em grande parte da interpretação do tradutor. A relevância da interpretação é algo vastamente referido por Venuti, o qual defende que o leitor deve estar ciente de que uma tradução representará sempre uma interpretação e o contexto cultural em que esta surge (Venuti, 2002: 244). De facto, Even-Zohar (2000), através da teoria dos polissistemas, argumenta que não é possível isolar uma tradução do seu contexto social, cultural, histórico ou político. Do mesmo modo, Tymoczko defende que um texto literário, e, por conseguinte, a sua tradução, será sempre “uma forma de produção cultural ideológica e política” (Tymoczko, 2014: 21 e 28). Por este motivo, Hiroko Furukawa

argumenta que uma tradução literária é uma “representação da ideologia de uma sociedade” (Furukawa, 2018:122).

Todos estes autores parecem concordar que o texto literário é o veículo através do qual uma sociedade expressa a sua identidade cultural. O texto literário é capaz de incorporar a representação de uma sociedade específica, pelo que é através da tradução que esta representação é partilhada com os demais. Neste sentido, Venuti defende que, ao assumir a representação de um escritor e da cultura de partida onde este se insere, adquirindo o “poder associado à construção de uma identidade nacional”, o tradutor deve tornar-se “visível” num texto, quer através de paratextos, como introduções e notas de tradutor, quer estilisticamente, mantendo a natureza estrangeira do texto de partida (Venuti, 1995:19).

É através do processo de reescrita que mencionava Tymoczko que o tradutor ganha poder sobre o texto em que trabalha. Ao descrever o texto literário, Tymoczko faz questão de realçar a sua propensão para a manipulação linguística:

[Literary language] is characteristically rich and complex, exemplifying the full range of the linguistic phenomena and capacities of a particular human language. No other corpus of texts can make this claim. Although translation is not restricted to linguistic issues, clearly translation is normally in part a linguistic practice. Whatever the role of other non-linguistic aspects of a particular translation task, language is almost always at the core of translating (...) (Tymoczko, 2014:15).

De forma semelhante, Berman (2000: 284) realça a singularidade da tradução literária por considerar que esta exige a manipulação dos significantes, em função do vínculo entre o texto e a língua em que este é escrito. Berman enumera então 12 tendências deformadoras que resultam desta manipulação linguística do texto de partida. Destas, três são referidas durante o Comentário de Tradução abaixo, nomeadamente, a explicitação, o empobrecimento quantitativo, e a destruição de redes de significação profunda, as quais serão agora definidas.

A explicitação caracteriza-se pela clarificação do texto, pelo que a ambiguidade e opacidade do texto de partida é desconstruída em prol da compreensão do leitor do texto de chegada pelo leitor. Por sua vez, o empobrecimento quantitativo refere-se à perda lexical resultante da elisão da multiplicidade de expressões utilizadas para referir um conceito, por outras palavras, o texto de chegada contém menos significantes que o texto de partida. Já a

destruição de redes de significação profunda refere-se à dimensão subjacente ao texto escrito, onde a recorrência de um significante ou de parte de um significante cria uma corrente de ritmos ou de significados que proporciona uma nova dimensão à leitura texto. A supressão desta recorrência irá então destruir a rede de significação

As tendências deformadoras de Berman realçam a importância da linguagem utilizada em contexto literário. Neste sentido, Tymoczko destaca algumas características chave desta linguagem: “literary language is also often creative, innovative and generative, and includes the creation of nonce words and unexpected syntactic patterns (Tymoczko, 2014: 16). No geral, o texto literário constitui o contexto ideal onde os falantes têm a possibilidade de explorar as possibilidades da língua, manipulando-a de forma a criar formações novas que, ainda que efêmeras, proporcionam estilo à prosa devido à sua originalidade e criatividade (Correia e Lemos, 2005: 13). Ainda assim, será possível argumentar que a criatividade e a inovação associadas à escrita literária alcançam novos limites no contexto da literatura fantástica.

A tradução de literatura fantástica torna-se especialmente complexa por abranger não só os desafios habituais associados à tradução, mas também por incorporar a criação de um novo mundo com “objetos, criaturas e contextos” únicos, onde a “coerência entre a semântica, fonologia e morfologia” do texto nem sempre é evidente (Pauković, 2019: 8).

A tradução de neologismos, isto é, de “unidades lexicais cuja forma significante ou cuja relação significado-significante (...) não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior ao código da língua” (Correia e Lemos, 2005: 17), parece ser um dos maiores desafios aquando da tradução de literatura fantástica (LI, 2010: 23). Num género onde tudo é possível, o autor ganha a liberdade de criar novos lugares, objetos e conceitos, para os quais não existe designação no mundo primário. Por este motivo, o autor passa a acarretar também a responsabilidade de os designar. Correia e Lemos descrevem o aparecimento de neologismos, através de duas categorias principais: a neologia denominativa, advinda da “necessidade de nomear novas realidades” e conceitos, anteriormente inexistentes, e a neologia estilística, onde a criação de novas palavras tem como objetivo conferir expressividade e criatividade ao discurso.

Propõe-se que os neologismos criados em função da literatura fantástica resultam de um misto de ambos estes processos, por nomearam novas realidades e conceitos num contexto circunscrito à obra em causa, com formação efêmera, não havendo a intenção de que estas novas palavras passem a integrar o léxico da língua (Correia e Lemos, 2005: 13), funcionando como uma ferramenta que confere credibilidade ao novo mundo fantástico, mas que se pode

revelar um obstáculo à tradução (Pauković, 2019: 4). Por sua vez, Lewandowska-Tomasczyk (1985: 297), considera que os neologismos criados no contexto literário, quer no âmbito da literatura fantástica ou não, se enquadram na categoria de “neologismos intencionais”¹, a qual se estende a neologismos “referencialmente vazios, servindo sobretudo certas funções afetivas”², como é o caso dos neologismos estilísticos definidos por Correia e Lemos, assim como em “algumas histórias de ficção científica, onde se introduzem palavras de uma realidade proposta pelo autor”. No entanto, Lewandowska-Tomasczyk refere também o conceito de “aceitabilidade” por parte do leitor como forma de avaliar a sua estabilidade no léxico, enquanto Correia e Lemos denotam a efemeridade e limitação contextual enquanto característica deste tipo de inovação lexical.

Neste sentido, ao considerar a tradução de um texto de literatura fantástica, o tradutor terá de recorrer não só à sua própria imaginação, como também a um conhecimento alargado dos diferentes processos de formação de palavras tanto na língua de partida como de chegada (Marković, 2018: 11; Pauković, 2019: 9). Cristina Sousa (2002: 26) considera que o tradutor, ao deparar-se com um neologismo, terá de optar entre duas possíveis soluções: traduzir o seu significado, utilizando palavras já estabelecidas no léxico da língua de chegada e por isso conhecidas pelo leitor, ou replicá-lo na língua de chegada, utilizando um processo de formação de palavras semelhante ao do texto de partida, com o objetivo de “replicar o processo criativo do autor”.

A utilização de neologismos contribui também para a sensação de “estranheza” frequentemente associada à literatura fantástica, obrigando o leitor a familiarizar-se não só com um novo espaço e tempo, mas também com o léxico utilizado para os descrever:

Their primary function is to help to create a fictional world. On the one hand, they function as devices which aid the creation of a fictional world of which they form an integral part. On the other hand they function within that imaginary world, forming a sociolinguistic context within which group and individual identities can be created (Barnes, van Heerden, 2006: 102).

¹ Tradução realizada pela autora do presente trabalho; “intentional neologisms”.

² Tradução realizada pela autora do presente trabalho; “referentially empty and serve first of all certain affective functions”.

De facto, e como veremos mais à frente ao analisarmos diferentes interações entre as personagens de *Guerra de Jade*, a introdução de neologismos e a referência a línguas que não existem no mundo primário contribui, como expõem Barnes e van Heerden, para a formação de um contexto sociolinguístico e, conseqüentemente, para a criação das identidades individuais de cada uma das personagens.

Num mundo imaginário onde nem sempre se aplicam as regras do mundo primário, o autor encontra-se ainda inserido na sua realidade cultural e linguística, pelo que será possível argumentar que não existem criações “*ex-nihilo*”, isto é, sem qualquer tipo de motivação, mesmo que esta não seja aparente. Deste modo, quando confrontados com neologismos num texto de literatura fantástica com grandes influências culturais, como é o caso de *Guerra de Jade*, surgem frequentemente problemas como “referências extralinguísticas pouco claras”, “opacidade de motivação e significado”, “ambigüidade”, especialmente no contexto de um livro pertencente a uma saga ainda não finalizada, o que poderá resultar na “perca de conotações, alusões, e propriedades fonológicas, morfológicas e estilísticas” (Pauković, 2019: 8). Deste modo, o tradutor tenta maximizar o potencial estilístico e semântico na criação de neologismos no texto de chegada, tendo simultaneamente de o conciliar com as referências associadas à inspiração cultural que advém da identidade do autor. Newmark (1988: 97) argumenta que “onde o escritor inova deliberadamente, o tradutor terá de o seguir”³, de forma a contribuir para o idioleto que distinguirá tanto o autor como a sua história dos demais (Pauković, 2019: 20). No entanto, face aos desafios já referidos, caberá ao tradutor avaliar os riscos associados à dependência da sua interpretação individual do texto e dos neologismos que contém, considerando que, como veremos, a sua motivação semântica nem sempre é evidente.

Por fim, será também necessário ter em conta a legibilidade do texto. Ao considerar a tradução de nomes e neologismos, torna-se necessário distinguir “nomes motivados” (“loaded names”) de “nomes não motivados” (“conventional names”) (González, 1991: 51; Hermans 1988: 88). Enquanto os nomes não motivados são, como o nome indica, desprovidos de motivação, por não terem referências extralinguísticas e não carregarem um valor semântico inerente, os nomes motivados têm como intenção realçar características físicas ou psicológicas das personagens a quem pertencem, como é o caso da maior parte das alcunhas e de outros nomes sugestivos (Fernandes, 2006: 49). Por este motivo, a maior parte dos nomes motivados acabam por ser traduzidos de modo a assegurar a sua compreensão no texto de chegada, como

³ Tradução elaborada pela autora do presente trabalho; “where a writer deliberately innovates, the translator has to follow him”.

é o caso de “Chapeleiro Louco” (“Mad Hatter”) em *Alice no País das Maravilhas* ou de “Pateta” (“Goofy”) no mundo de Walt Disney, enquanto a maior parte dos nomes não motivados se mantêm inalterados, como é o caso de “Alice” em *Alice no País das Maravilhas* ou de “Pluto” no mundo de Walt Disney.

Ainda assim, Tymoczko (1999: 225) argumenta que, num contexto literário, é essencial que os nomes sejam “reconhecíveis” e “memoráveis”. Neste sentido, a originalidade atribuída a neologismos poderá ser uma vantagem, por conferir um estilo único e uma sensação de novidade à obra. No entanto, será também necessário considerar que nomes com uma fonologia ou grafia completamente distintos das normas da língua do leitor poderão interferir com a sua legibilidade, deixando por isso de ser “memoráveis” (Fernandes, 2006: 48). Por este motivo, se se optar por conservar a inovação linguística do texto de partida, o tradutor poderá proceder à adaptação das palavras em função da grafia e fonologia do texto de chegada enquanto estratégia viável na tradução de nomes e neologismos. É o exemplo da maior parte das personagens dentro da literatura infanto-juvenil, como “Aladino” (“Alladin”) em *Aladino e a Lâmpada Mágica* e “Quasímodo” (“Quasimodo”) em *O Corcunda de Notre-Dame* de modo a tornar a leitura mais simplificada para um público-alvo mais jovem, através de pequenas alterações que contribuem apenas para uma melhor legibilidade. No entanto, é de notar que, em publicações mais recentes, a personagem de *Mil e Uma Noites* já tem vindo a ser referida pelo seu nome original, “Alladin”, possivelmente devido a uma estratégia comercial com o objetivo de aproximar os mercados relacionados com esta personagem (Álvares, 2016: 135).

Deste modo, e considerando o exposto, a tradução comentada de *Guerra de Jade* terá em conta as nuances e estratégias associadas à tradução de literatura fantástica, com o objetivo de manter o equilíbrio entre a inovação lexical utilizada pela autora, conferindo ao texto a sensação de “maravilha” a que se refere Tolkien e que deve estar presente numa obra de literatura fantástica, ao passo que se mantém a legibilidade do texto de chegada, deixando transparecer as influências culturais asiáticas e a intenção da autora em representar a experiência de diáspora.

Capítulo III

Tradução de *Guerra de Jade*

Capítulo 3 – Exílio

Emery Anden sentou-se no banco debaixo da cerejeira no pátio da propriedade da família Kaul, bebendo lentamente uma gasosa de lima e evitando o olhar dos restantes convidados do funeral. As longas mesas cheias de comida estavam decoradas com grinaldas de flores brancas e um harpista sentado no jardim dedilhava uma melodia sentimental e revigorante. O pátio estava apinhado, mas o murmúrio contínuo da conversa permanecia respeitosamente ténue. A única coisa que manchava a elegância do evento era a cerca de plástico azul provisória num dos lados do pátio que isolava a área em obras onde a residência do Homem do Tempo estava a ser renovada, resumida à sua estrutura base.

Anden não podia alegar ter sido próximo de Kaul Sen, mas o homem tinha sido o seu avô adotivo e tinha-lhe dado tudo: fizera-o parte da família Kaul e assegurara a sua educação na Academia Kaul Dushuron, em pé de igualdade com os próprios netos da Tocha. Desde criança, Anden assumira que um dia viria a retribuir o que o patriarca fizera por ele, tornando-se num Osso Verde de primeira classe no clã Sem Topo. Agora, o Avô estava morto e a dívida de Anden continuaria por pagar.

As sombras de fim de tarde aumentaram, a multidão diminuiu e Anden continuava à espera. Levantou-se para ir buscar mais um refrigerante da mesa das bebidas. Estava ciente de todos os ombros e queixos que se viraram, de todos os olhares interessados e desagradáveis que o seguiam. A maior parte das classes mais altas do clã Sem Topo estava presente. Sabiam quem Anden era e o que tinha feito no ano anterior: ajudara a evitar a destruição do clã e depois, no dia da sua cerimónia de fim de curso, recusara usar jade e fora publicamente deserdado pelo Pilar.

Com um sobressalto, reconheceu alguns dos seus colegas da Academia — Lott, Heike e Ton — juntos, perto das suas famílias. Falavam uns com os outros e lançavam olhares na sua direção. O eco de um sentimento antigo, entorpecido pelo desuso, agitou-se no peito de Anden. Lott Jin estava casualmente encostado a uma mesa. Não tinha perdido o seu jeito desleixado e inquieto, mas aparentava ter treinado durante o ano que passara; os seus ombros estavam mais

largos, preenchendo o casaco cinzento do seu fato, e cortara o cabelo, pelo que este já não balançava em frente dos seus olhos velados.

Anden desviou o olhar, o calor subia-lhe ao rosto. Havia momentos, agora que tinha vivido em Marenia por mais de um ano, em que desfrutava da sua vida quotidiana e em que conseguia afastar a memória da sua desgraça. Estar de volta a Janloon, nesta casa, e novamente entre os membros do clã, arrastava-o de volta aos dias e semanas que sucederam ao seu exílio e lembrava-o de tudo aquilo de que tinha desistido.

Anden voltou para o seu lugar no banco debaixo da árvore. Para seu horror, Ton atravessou o pátio. Lott e Heike ficaram para trás, observando sem se aproximarem.

– Anden – disse Ton, tocando na testa numa saudação informal. Clareou a voz. — Há tanto tempo. Fico feliz por ver que estás bem.

Anden levantou relutantemente os olhos até ao rosto do seu antigo colega.

– Que bom ver-te, Ton-jen – disse ele.

Ton acenou com a cabeça e brincou com os dois anéis de jade na sua mão esquerda, um hábito nervoso. Era agora um Dedo no clã, respondendo diretamente ao Chifre e aos seus Punhos, patrulhando e defendendo o território do Sem Topo, mantendo a ténue vantagem do clã sobre a Montanha. Ton parecia estar à pesca de mais alguma coisa para dizer de modo a quebrar o constrangimento, mas Maik Tar aparecera, inclinando-se para falar em voz baixa com Anden.

– Ele está pronto para te receber.

Anden levantou-se, colocou a garrafa vazia de refrigerante no banco e seguiu o Homem do Pilar até à casa. À entrada do escritório, parou, querendo mais um segundo para se preparar, mas Tar empurrou a porta e Anden viu-se obrigado a entrar no quarto. Tar fechou a porta atrás dele, eliminando o barulho de fundo das pessoas a conviver no exterior.

O Pilar estava sentado na maior das poltronas de couro. Kaul Hilo aparentava estar igual e ao mesmo tempo diferente desde a última vez que Anden o vira. Ainda possuía uma aparência jovem, ainda exalava o carisma casualmente insolente que Anden vira manifestado através de afeto generoso para com amigos e de terrível ameaça para com inimigos. Mas o manto de Pilar não permitia que se escapasse inalterado; havia agora uma rigidez à volta dos olhos e da boca de Hilo, um jeito mais sombrio e controlado na sua maneira de estar que Anden não tinha presenciado anteriormente.

Anden procurou por Shae, mas ela não estava na sala. Era o único membro do clã com quem Anden mantivera contato regular durante o ano que se passara. Tinha tido esperança de que ela estivesse presente. Anden engoliu em seco. Levou as mãos entrelaçadas à testa e inclinou-se numa saudação formal.

– Kaul-jen – disse ele. – Os meus pêsames pelo seu avô.

Houvera uma altura, não há muito tempo, em que Hilo se teria levantado e abraçado o primo calorosamente, dando-lhe um beijo na face e, sorrindo, o teria guiado até à cadeira mais próxima.

– Andy – teria repreendido Hilo. — Não sejas assim; deixa-te de merdas e senta-te.

O Pilar não fez isso. Permaneceu sentado e disse, num protesto frio:

– Ele também era teu avô, Andy, em tudo menos em sangue. Acolheu-te nesta família.

– Não me esqueci disso – disse Anden em voz baixa.

– Não?

Hilo inclinou-se para a frente e pegou no maço de cigarros espenianos que estava na mesa de centro. Bateu no maço, retirou um cigarro e levou-o à boca. Depois, para surpresa de Anden, ofereceu a caixa ao primo. Anden sentou-se e pegou num dos cigarros sem olhar o Pilar nos olhos. Hilo acendeu o cigarro, fez o isqueiro deslizar sobre a mesa em direção a Anden e voltou a inclinar-se para trás na sua poltrona.

– O que tens feito de ti, Andy? – a sua voz era suave e reprovadora. – A Shae disse-me que estás a viver em Marenia. Um homem de dezanove anos, treinado como Osso Verde, a viver numa aldeia de pescadores e idosos sem jade.

Anden escondeu o seu rosto corado, debruçando-se para acender o cigarro.

– Tenho um emprego lá – respondeu. – É trabalho seguro e consigo sustentar-me. Daqui a um mês terei poupado dinheiro suficiente para arrendar a minha própria casa e deixar de ser um fardo para a tua mãe.

Os olhos de Hilo brilharam com uma ira repentina.

– E os guardas alocados para zelar por ti? Será que o teu salário a trabalhar numa loja de mobiliário vai cobrir os custos deles também?

Anden encolheu-se face ao tom de Hilo.

– Kaul-jen, o clã não devia fazer quaisquer esforços especiais por minha causa. Todos os Ossos Verdes disponíveis são necessários na guerra contra a Montanha. Ninguém veio atrás de mim até Marenia, e se o fizerem, é justo que seja eu a enfrentar esse risco.

– Não sejas estúpido – disse Hilo. – Assassinaste o Gont Asch; viraste a guerra no ano passado. Achas que a Ayt Mada se vai esquecer disso?

Hilo voltou a inclinar-se para a frente.

– Ela sabe que tens potencial para te tornares no Osso Verde mais poderoso do país.

Anden murmurou:

– Não se eu não voltar a usar jade. Seria contra o aisho se—

– A Ayt vai encontrar uma maneira de contornar o aisho se quiser. Não precisa de mandar Ossos Verdes com lâminas lunares contra um homem sem jade numa aldeia de pescadores. Ela só ainda não sussurrou o teu nome porque não tem nada a ganhar com isso neste momento. Quem sabe, talvez pense que se esperar um tempo, te possa converter.

A cabeça de Anden disparou para cima.

– Eu nunca me converteria à Montanha, nem que a minha vida dependesse disso. Posso não ser um Osso Verde, mas nunca trairia o clã aos nossos inimigos.

– Foi isso que disseste ao homem que te abordou no mês passado?

Anden não respondeu, mas a mão que segurava no cigarro tremeu ligeiramente.

Um estranho, um homem careca, tinha-se aproximado dele no supermercado e dissera, com um sorriso confidente:

– Admiro o que fizeste, recusares usar jade e tornares-te num daqueles Ossos Verdes assassinos. Obviamente és um jovem com integridade. Mesmo nesta pequena vila, as pessoas sabem quem és. Se alguma vez precisares de ajuda para encontrar um trabalho ou um sítio para ficares, ou se precisares de um favor de um amigo, fica à vontade para me ligares.

O homem entregara a Anden um cartão de visita com um número de telefone.

– A Shae investigou-o. Tem conexões com a Montanha – disse Hilo. – Estão a ser pacientes, mas em breve, vão certificar-se de que te deparas com algum problema inesperado e pode ser que ligués para o número no cartão. Se não o fizeres, problemas piores surgirão no futuro.

Anden deu uma tragada rápida no cigarro e apagou-o. Compreendia agora porque o tinham chamado aqui. O Pilar podia não o ter perdoado, mas também não queria que um

membro da família, desonrado ou não, estivesse vulnerável e à mercê de ser manipulado pelo inimigo.

– Andy – disse Hilo. Ainda que a sua voz estivesse firme, havia uma ponta de dor que fizera com que Anden finalmente olhasse o primo nos olhos. O Pilar retorceu a boca, apagando o próprio cigarro. – És meu irmão; se tivesses caído em ti e me tivesses pedido para voltar a qualquer altura deste ano que passou, se tivesses falado comigo e admitisses que cometeste um erro, da mesma maneira que eu admiti que também errei, eu ter-te-ia perdoado imediatamente. Ter-te-ia recebido de braços abertos; como poderia não o fazer? Mas não o fizeste. Mantiveste-te longe da família e desperdiçaste um ano da tua vida.

– Disseste que não me querias voltar a ver – murmurou Anden.

– Todos dizemos coisas erradas quando estamos zangados – disse Hilo ríspidamente. – Humilhaste-te a ti próprio naquele dia, humilhaste o clã e insultaste-me ao fazê-lo.

A raiva e o rancor ergueram-se, dissipando a culpa de Anden.

– Ter-me-ias recebido mesmo que eu me recusasse a usar jade? Ou só valho algo para ti enquanto Osso Verde?

– Estavas destinado a ser um Osso Verde – disse Hilo. – Estás a enganar-te a ti próprio se pensas o contrário. A Shae despojou-se do seu jade e foi-se embora; tentou fingir ser outra pessoa e olha o que aconteceu. Se não o tivesse feito, talvez tudo estivesse diferente. Talvez o Lan ainda estivesse sentado nesta sala em vez de mim. Ao recusares usar jade, és como um ganso que não se aproxima da água.

Hilo suspirou profundamente.

– Não me venhas dizer que não pensas nisso.

Pensava; claro que pensava. A memória do jade, do poder que lhe havia concedido, o êxtase de terror daquela última batalha quando matara um dos mais poderosos Ossos Verdes em Janloon — às vezes despertava nele um desejo quase sexual na sua intensidade, numa pura fome animalesca. Os olhos de Anden recaíram involuntariamente na parte superior da camisa de Hilo, com os primeiros dois botões desabotoados como de costume. Observando a longa linha de pedras de jade cravadas na clavícula de seu primo, Anden sentia o conflito entre o medo e o desejo, puxando as suas entranhas e tornando-o tenso. Ainda queria ser um Kaul.

Ainda assim, mais forte do que o desejo, pairava o espectro da loucura e de uma vida passada constantemente com terror de si próprio. Sempre que contemplava a ideia de voltar a usar jade, memórias negras emergiam na sua mente; os gritos de insanidade da mãe antes da

sua morte por conta das Comichões; Lan no último dia que Anden o vira vivo — desgastado, volátil e enfraquecido por utilizar jade em demasia e por se drogar com shine; e ele próprio, Anden, depois da batalha com Gont, acordando no hospital sedento e febril, meio louco com sede por jade e por matar.

Abanou a cabeça.

– Não o farei, Hilo-jen. O jade transformar-me-á num monstro. Continuo grato para com a família e leal para com o clã; farei tudo o que me pedires. Menos usar jade.

A princípio, Hilo não respondeu. Anden não se atreveu a dizer mais nada e o silêncio expandiu-se entre eles. Quando o Pilar voltou a falar, a sua voz estava resignada, desprovida da raiva que Anden percebia agora ser um sinal do quanto desejara um desfecho diferente entre eles, do quanto esperara não ter de recorrer ao que estava prestes a dizer.

– Vou mandar-te para Espenia. A Shae já tratou de tudo. Partes na semana que vem.

Anden fixou-o, não acreditando imediatamente.

– Espenia?

– Não me serves de nada aqui se não és um Osso Verde. Não podes ficar em Marenia; não vou ter soldados a olhar por ti dia e noite para que possas esculpir cadeiras de baloiço e colher conchas na praia enquanto a Montanha decide quando agir. Se não vais usar jade, tens de fazer outra coisa com a tua vida. Vais para Espenia para teres uma educação lá.

– Eu nunca estive em Espenia – protestou Anden.

– És meio espeniano. Devias aprender sobre o país, aprender a língua – disse Hilo.

Anden ficou tão surpreendido que a princípio nem conseguira falar. Hilo nunca tinha destacado o seu lado estrangeiro, nunca sugerira que Anden não era verdadeiramente kekonês e um membro pleno da família Kaul.

Esta mudança repentina, talvez mais do que tudo, fora tão dolorosa que Anden perdera o resto da sua compostura.

– Queres livrar-te de mim – engasgou-se. – Estás a exilar-me.

– Raios partam, Andy – rosnou Hilo. – Pela última vez: vais ajoelhar-te e fazer os teus juramentos perante mim enquanto Pilar, usar jade e ser um Osso Verde, parte desta família?

Anden agarrou nos braços da poltrona, o seu maxilar tão tenso que conseguia sentir a pressão nas cavidades oculares. Se abrisse a boca, não sabia ao certo o que sairia, pelo que não se permitiu falar. Hilo levantou-se. Deslocou-se até ao lado da poltrona de Anden, debruçando-

se sobre ele, de coluna tensa e ombros inclinados ligeiramente para a frente, como se quisesse abaixar-se e agarrar no seu primo, para o abraçar ou para o magoar. Anden sentiu lágrimas a arder nos olhos.

– Por favor, Hilo-jen – sussurrou ele. – Não me mandes para lá. Odeio aquela gente, aquele país.

– Pode ser que gostes quando lá chegares – disse Hilo. – Não vais estar sozinho; o clã tem contactos, hão de tomar conta de ti enquanto estiveres longe de casa. Daqui a uns anos, terás opções e falaremos delas então.

Ele podia recusar, supostamente. Podia desobedecer a Hilo uma segunda vez, insistir em ficar em Marenia. Ainda que tudo o que pudesse esperar de lá fosse uma vida monótona e rotineira, pelo menos estaria em Kekon e não num país estrangeiro. Mas estava certo de que Shae não o poderia voltar a ajudar se ele assim o fizesse. Estaria completamente fora da família. Kekon era governado pelos clãs; enquanto pária, as suas perspectivas para o futuro eram escassas. Com Hilo tão perto de si, conseguia sentir os índices da aura de jade do primo, conseguia Pressentir a determinação relutante por trás das suas palavras. Hilo tomara a sua decisão. Era o Pilar e, com a morte de Kaul Sen, tinha a palavra final e indisputável na família Kaul.

Anden levantou-se e levou as mãos juntas à testa em saudação.

– Como desejar, Kaul-jen.

A sua voz estava baça. Não se atreveu a voltar a olhar para Hilo, virando-se e saindo do escritório.

Atordado, percorreu o corredor e viu Shae sentada nos degraus da escadaria principal no saguão. Parecia estranha sentada ali sozinha, quase às escuras, ainda vestida formalmente, com as mãos à volta dos joelhos. Levantou-se assim que o viu. Lá fora, no pátio iluminado, os trabalhadores traziam as sobras de comida para a cozinha e arrumavam as mesas. Conseguia ouvir os carros a afastarem-se

– Anden – disse ela.

– Disseste que falarias com ele — interrompeu-a num tom acusatório. – Disseste que arranjarias uma forma de eu voltar para casa. Mas foi ideia tua mandar-me para Espenia, não foi?

Shae suspirou.

– Decidimos que era o melhor a fazer. Vais estar mais seguro lá e vais ganhar experiência e conhecimento. Espenia é o nosso maior aliado militar e parceiro de negócios; será uma vantagem a longo prazo que tenhas vivido e estudado lá durante algum tempo. Depois, quando fizer sentido que voltes para cá—

– E pensaste sobre o que é que eu quero?

Tinha agora a certeza de que Hilo não lhe teria feito isto sem a insistência do seu Homem do Tempo.

– Ir embora pode ter sido algo que tu quisesses fazer, mas eu não quero deixar Kekon. Não quero saber de Espenia ou ter uma educação espeniana. Nunca fui grande coisa a estudar de qualquer maneira, só com—

Só com jade. Tinha sido um prodígio no que dizia respeito às disciplinas de jade.

Shae estendeu a mão e colocou-a sobre o braço de Anden.

– Ainda és jovem. Não sabes o que está por vir.

Anden afastou-se.

– Quem me dera ter morrido no dia em que lutei com o Gont.

Shae deixou cair a mão.

– Não digas isso.

A resposta dela foi ríspida, mas Anden não se importava de a ter magoado. Virou-se e saiu da casa. Ouviu a prima dar dois passos na sua direção antes de parar e deixá-lo ir.

Capítulo 11 – Porto Massy

Uma semana depois do funeral do seu avô adotivo, Anden embarcou num voo de onze horas e meia no Aeroporto Internacional de Janloon. Sentiu-se como se estivesse a entrar numa cela ocupada por prisioneiros na noite anterior à execução. Só que, em vez de um santuário do tamanho de uma caixa de sapatos e de um penitente a orientar as orações de meditação que poderiam aliviar a sua consciência em preparação para a vida após a morte, havia pilhas de revistas cor-de-rosa esfarrapadas e assistentes de bordo a deslocarem-se entre o nevoeiro circular de fumo de cigarros a oferecer cobertores e chá quente.

Anden tomou um comprimido para adormecer e desligou durante a maior parte da viagem. Quando acordou, o avião estava a descer em preparação para aterrar e, atordoado,

abriu a cortina da janela para obter um primeiro vislumbre da cidade estrangeira para onde tinha sido exilado. Como uma vasta besta pontiaguda a dormir sob um cobertor, a metrópole de Porto Massy estendia-se por baixo de uma espessa camada de nevoeiro, tingida de laranja pelo sol de fim de tarde. Arranha-céus de aço e de betão projetavam-se em densos aglomerados nas margens onde o grande Rio Camres desaguava na Baía de Whitting e se encontrava com o Oceano Nórdico Amáric. Anden tentou avistar pontos turísticos que tinha visto em fotografias e na televisão: a Ponte do Olho de Ferro, o Edifício do Mastro, as estátuas do Guardião do Porto. Até agora, não tinha realmente acreditado que estava a sair de Kekon, mas parecia finalmente real, e quando as rodas de aterragem do avião colidiram com a pista, o seu coração respondeu com um batimento de fascínio e de receio.

Na zona de recolha de bagagem, agarrou na sua mala e observou a multidão nervosamente até encontrar um velho casal de kekoneses a segurar numa placa com o seu nome escrito. Aproximou-se deles e disse:

– Senhor e senhora Hian?

Olharam-no surpreendidos, como se ele não fosse quem tinham esperado. O homem tinha olhos gentis, uma barba curta grisalha, mais escura que o seu cabelo; a mulher tinha um rosto largo e rosado, surpreendentemente com poucas rugas para a sua idade.

Anden pousou a sua mala no chão e disse:

– O meu nome é Emery Anden. Obrigado por me acolherem em vossa casa. Que os deuses vos iluminem pela vossa bondade.

Levou as mãos entrelaçadas à testa e inclinou-se numa saudação respeitosa.

Se a princípio o casal tinha ficado confuso com a aparência de Anden, ficaram mais à vontade com o seu kekonês fluente e as suas boas maneiras.

– Ah, não é incómodo nenhum; gostamos de receber alunos – disse o senhor Hian, agora a sorrir e de mãos na testa em saudação.

A sua esposa fez o mesmo, perguntando:

– Como foi o teu voo? Muito longo, não é? Só voltámos a Kekon duas vezes desde que nos mudámos para aqui; esse voo, é muito longo! O meu velho corpo já não aguenta.

O marido tentou levar a bagagem de Anden, pelo que este insistiu imediatamente em aliviá-lo desse peso. O casal guiou o caminho para fora do aeroporto até ao estacionamento de curta duração

O Sr. Hian conduziu, com a Sra. Hian sentada à frente no lugar do passageiro. Era o carro mais pequeno e mais velho em que Anden alguma vez andara, com estofos em tecido castanho, um painel de madeira falsa e janelas que só desciam até metade. Anden sentou-se atrás, observando as ruas e edifícios por que passavam. O ar estava húmido, mas sem comparação ao suor perfumado de Janloon; aqui, a humidade parecia fresca e empoeirada. Erguia-se um vapor das grades nos passeios por onde as pessoas se apressavam a passar em frente a montras com manequins exibindo roupas vivas e brilhantes. Artistas de rua, em grande parte ignorados, tocavam em baldes de metal de pernas para o ar em frente a uma estação de comboios. Autocarros de dois andares vomitavam fumo de escape negro. A maior cidade em Espenia aparentava ser um sítio hostil e sem sol, um quadro de atividade frenética sobre uma tela sépia de tijolo e betão. E onde quer que olhasse, via espenianos.

– Então, tens família em Espenia? – perguntou o senhor Hian, casualmente.

– Não – respondeu Anden, e tendo em conta que reconheceu a pergunta aparentemente inocente por aquilo que realmente era — uma questão sobre a sua ascendência — continuou.
– O meu pai era espeniano, mas eu nasci em Kekon. É a minha primeira vez aqui.

Era estranho falar do seu pai, um militar estrangeiro qualquer que nunca conhecera nem queria conhecer. Ainda mais estranho era pensar que estava na terra natal do homem.

O Sr. e a Sra. Hian viviam numa parte da cidade chamada Southrap, no lado inferior do Camres. Era um bairro de classe operária, na sua maioria imigrantes, com apartamentos em edifícios de tijolo de vários andares, colados uns aos outros de uma maneira que lembrava ao Anden dos distritos de Paw-Paw ou de Forge em Janloon. A sua família anfitriã vivia numa das melhores casas: uma moradia amarela de dois andares de frente para uma rua movimentada de duas vias. Anden levou a sua mala até dentro de casa e subiu as escadas estreitas até ao quarto de hóspedes, o qual tinha vista para um beco nas traseiras. Era do tamanho do seu dormitório na Academia, muito mais pequeno do que o quarto ao qual se tinha habituado na casa de praia da família Kaul em Marenia. No entanto, era aconchegante; a colcha era espessa e macia e, pendurado na parede por cima da cabeceira, estava um quadro em aguarela de uma montanha enevoadas. Na cómoda, um vaso segurava três rebentos de flores de tecido azuis.

A Sra. Hian fez um verdadeiro jantar kekonês com frango enegrecido em leite, verduras salteadas e noodles com molho de alho. Anden sentiu-se imensamente grato pela comida familiar e não teve problemas em servir-se várias vezes para demonstrar o seu agrado.

– Come o máximo que puderes – encorajou a Sra. Hian. – A comida espeniana não é muito boa. Digo sempre ao meu filho para cá vir jantar mais vezes, mas está sempre tão ocupado e o trânsito é muito difícil. Por isso está a perder peso.

Os Hians tinham dois filhos. O mais velho, a que a Sra. Hian se referia, vivia na parte norte da cidade, mas trabalhava em vendas para uma empresa de equipamento médico e viajava bastante. Fora ele que trouxera os pais para Espenia há mais de uma década. O filho mais novo estava a tirar o doutoramento em História na Universidade de Watersguard em Adamont Capita.

– Um curso inútil – suspirou o Sr. Hian. – Mas as crianças fazem o que querem.

Depois do jantar, a Sra. Hian levantou a mesa e Anden foi buscar os presentes que Shae o instruíra a oferecer: uma garrafa cara de hoji, um envelope com dinheiro em thalirs espenianos e um bule de cerâmica verde, embrulhado em jornal para o manter a salvo durante a viagem. O hoji e o dinheiro eram meros símbolos; Anden tinha a certeza de que o casal seria pago mensalmente pela sua estadia. O bule era mais significativo. O Sr. Hian levantou a tampa. A insígnia circular do clã Sem Topo estava estampada no interior. Um presente em verde, marcado com o símbolo do clã, significava a amizade dos Ossos Verdes e que conferia estatuto ao seu destinatário. Quando oferecido a uma pessoa exterior ao clã, significava um favor prestado que viria eventualmente a ser retribuído.

O casal agradeceu calorosamente a Anden e colocou o bule numa estante na cozinha junto às fotografias dos seus filhos. O Sr. Hian ofereceu a Anden um copo do excelente hoji e desfrutaram-no juntos à mesa de jantar.

– As pessoas em Kekon estão preocupadas com a guerra? – perguntou ele.

A princípio, Anden ficara confuso. Por momentos pensara que o anfitrião se referia à guerra de clãs entre a Montanha e o Sem Topo.

– Está a falar sobre o conflito em Shotar – disse ele, assim que se apercebeu do seu erro. – Acho que sim. Mas não tenho acompanhado muito bem as notícias.

Não explicara que passara o último ano a manter a sua cabeça desonrada em baixo numa sonolenta aldeia costeira.

– A Guerra de Oortokon está a ser bastante falada aqui – disse o Sr. Hian.

A província oriental de Shotar, conhecida como Oortoko (Ortykvo em Ygutês) situava-se ao longo da fronteira com Ygután e há bastante tempo que era uma zona disputada, onde viviam muitos ygutianos étnicos. Há três meses, um exército rebelde proclamara a zona

independente de Shotar. O governo shotariano rejeitou a declaração unilateral e enviou tropas para a região de modo a suprimir a revolta, acabando por se deparar com um grupo militar bem equipado, discretamente treinado e apoiado pelos ygutanos. Os shotarianos apelaram à ajuda de Espenia.

– Se forem enviadas tropas espenianas para lutar contra os rebeldes em Shotar, esta pode tornar-se numa guerra contra Ygutan – o Sr. Hian abanou a cabeça com preocupação. – O meu sobrinho diz-me que Kekon também pode vir a ser afetado porque os espenianos vão usar a ilha como base e vão exigir jade para os seus soldados.

– Tenho a certeza de que ele tem razão – disse Anden. – As pessoas que trabalham no escritório do Homem do Tempo saberão o que se passa.

O sobrinho do Sr. Hian era um Fazedor de Fortuna de grau sénior na torre do escritório do clã na Rua do Barco; tinha feito parte da turma de Kaul Lan e de Woon Papidonwa na Academia e garantira a Shae que o seu tio tomaria conta de Anden enquanto este estivesse em Espenia.

– E tu, Anden? – perguntou a Sra. Hian com curiosidade. – Fazes parte da hierarquia do clã?

Ela não perguntara se ele “era membro do clã” ou se “fazia parte do clã”. A maioria das pessoas em Janloon podia alegar estar afiliada a um dos clãs de Ossos Verdes, mas “fazer parte da hierarquia” era diferente. Referia-se a uma posição de estatuto e normalmente significava que a pessoa usava jade.

Talvez o sobrinho do Sr. Hian lhes tivesse dito que Anden tinha sido um estudante na Academia Kaul Dushuron. Deviam ter ficado confusos por não o verem a usar nenhum verde. Anden hesitou; não queria diminuir a consideração que os seus anfitriões pudessem ter por ele, mas também não queria ser desonesto.

– Fazia, mas o meu primo é o Pilar e ele decidiu que eu devia vir para Espenia estudar.

Por momentos, fingiu para consigo que se estava a referir a Lan e não a Hilo e foi invadido por uma onda de tristeza e de pena de si próprio; não estaria nesta situação se Lan ainda estivesse vivo.

Os Hians acenaram, sem dúvida sentindo que havia mais por trás da história de Anden, mas abstiveram-se de fazer mais perguntas.

– Tens sorte por ter uma família tão poderosa e com possibilidades para apoiar a tua educação, mesmo que isso signifique enviar-te para o outro lado do mundo – disse o Sr. Hian.

– Mas deves estar muito cansado. Devíamos todos ir dormir.

– Sr. Hian – começou Anden, mas o homem levantou a mão, interrompendo-o.

– O teu primo pôs-te ao nosso cuidado – disse o velho homem. – Enquanto estiveres aqui em Espenia, considera-nos família. Pede-nos o que precisares, como farias com os teus.

Anden assentiu com a cabeça.

– Tio, gosta de viver em Espenia?

O Sr. Hian esfregou a barba com um olhar pensativo.

– O suficiente – respondeu ele. – Não é Kekon, claramente. A comida, a língua, os espenianos e as suas maneiras ser-nos-ão sempre um pouco estranhos. Mas também há coisas positivas. E o mais importante: é aqui que estão os nossos filhos. O teu lar é sempre onde quer que a tua família esteja.

A sua esposa acenou veementemente em concordância.

A longa sesta de Anden no avião, induzida por comprimidos, fizera com que não conseguisse adormecer quando se deitara. O dormitório na Academia, a residência dos Kaul em Janloon e o seu quarto na casa de praia em Marenia tinham sido todos espaços calmos, separados da agitação da cidade. Agora, conseguia ouvir pessoas, carros, sirenes e outros barulhos urbanos durante toda a noite do outro lado da sua janela. Anden permaneceu acordado por várias horas, sentindo-se completamente inconsolável.



Shae tinha-o matriculado no Programa de Imersão de Espeniano para Falantes de Outras Línguas (PIEFOL) na Universidade de Porto Massy. O primeiro semestre começou na semana seguinte. O Sr. Hian mostrou a Anden onde apanhar o autocarro e foi com ele no primeiro dia. Anden sabia um total de cerca de trinta palavras em espeniano, na sua maioria provindas da cultura popular; havia uma disciplina na Academia, mas frequentara-a apenas um semestre antes de a trocar por uma optativa suplementar de Deflexão. Naquela altura, não tinha visto por que razão falar espeniano lhe viria a ser útil. Proficiência nas disciplinas de jade era muito mais importante se ele queria chegar a Punho no clã Sem Topo.

Cinquenta alunos faziam parte do programa, vindos de toda a parte do mundo. Havia quatro tuni e dois shotarianos na turma, mas Anden era o único kekonês. A professora era uma mulher corpulenta, com cabelo da cor de trigo. Quando Anden lhe respondeu à pergunta sobre de onde era, inicialmente ela tinha percebido “Callon”, uma cidade em Stepenland. Os estudantes estavam sentados em mesas redondas, encorajados a conhecerem-se uns aos outros. Anden tinha decidido que seria bem-educado, mas que não estava ali para fazer amigos — e ainda bem, visto que durante a hora de almoço formaram-se grupinhos sociais com base em origens étnicas. Anden podia ter tentado juntar-se à mesa dos jovens tuni, mas não o fizera, visto que o seu instinto era desconfiar deles; os kekoneses consideravam-se superiores às raças vizinhas.

Para Anden, havia duas maneiras de lidar com a situação: ceder ao desespero e permanecer num estado sonâmbulo durante todo o ano, ou cerrar os dentes e provar que conseguia vencer este castigo. Ainda que estivesse claramente a começar como um dos alunos menos proficientes, estava determinado a trabalhar mais arduamente do que todos os outros. Estudar teoria nunca tinha sido um dos seus pontos fortes, pelo que não ficara surpreendido quando ler e escrever espeniano se revelara uma luta constante. Ainda assim, rapidamente descobriu que tinha muito mais facilidade em captar a língua falada. Sempre que podia, sentava-se na cantina do *campus*, em bancos em público, ou até em estações de autocarro, e escutava as conversas à sua volta, às vezes ecoando as palavras na sua cabeça, formando-as silenciosamente com a boca. Agarrara-se à ideia de que, quanto mais cedo acabasse o curso, mais depressa iria para casa.

Durante os meses seguintes, quando não estava nas aulas ou a estudar, tentava ser útil aos seus anfitriões. O tempo que passara a trabalhar na loja de mobiliário em Marenia dera-lhe experiência a trabalhar com ferramentas e a fazer biscates; arranjou uma porta descaída, calafetou janelas e transformou umas tábuas abandonadas numa sapateira. Acompanhava os Hians em recados e carregava coisas por eles.

– Devíamos ser nós a pagar-te para ficares connosco – exclamou a senhora Hian. – Já tivemos outros estudantes a ficar em nossa casa, mas a maior parte quer explorar, passear e divertir-se na cidade. Trabalhas demasiado.

O bairro, como Anden veio a descobrir, era como uma colcha — havia vários grupos culturais distintos lado a lado. Várias famílias de ascendência kekonesa viviam na dúzia de edifícios à volta da moradia dos Hians, mas Anden podia atravessar a rua e encontrar uma zona completamente tuni, onde os residentes gritavam com as suas crianças naquela língua gutural

e um fumo de trazer água aos olhos ascendia de comida cozinhada em panelas de barro sob fogões portáteis à porta de cada casa. O resto do amplo distrito de Southrap, o qual se estendia a oeste até Lockwood e a este até Quince, era ocupado por espenianos de classe baixa ou operária.

Certa tarde, Anden perdeu o autocarro e, uma vez que se tratava de um dia quente de primavera, dentro dos padrões de Porto Massy, decidiu andar o resto do caminho até à casa dos Hians. Levava quase duas horas, mas ficara orgulhoso por se ter desenrascado sozinho nesta cidade estrangeira e ter ganho uma melhor ideia da disposição da mesma. No caminho, ficou com sede e parou num mini-mercado a um canto para comprar um refrigerante e um pacote de frutos secos. Contou as moedas de bronze espenianas ao balcão. O dono da loja, um homem grande de bigode, disse algo com um ar animado que Anden interpretou como um cumprimento. Como ainda não se sentia confiante com nada do que lhe saía da boca, Anden apenas acenou e sorriu. Este era um problema recorrente — à primeira vista, passava por espeniano, pelo que era estranho e constrangedor quando estranhos tentavam falar com ele.

Quando se deslocou em direção à saída, dois homens entraram na loja. Não pararam para ver os produtos, dirigindo-se diretamente ao balcão, e começaram a falar com o dono num tom inicialmente cordial, mas que rapidamente se tornou bruto e ameaçador. Anden parou à porta e virou-se a tempo de ver o lojista abrir a caixa registadora e contar nervosamente uma pilha de dinheiro, a qual entregou a um dos intrusos. Os seus olhos viajaram brevemente na direção de Anden, como se à procura da ajuda de um estranho. Anden permaneceu parado, indeciso, com uma mão na porta. Esta não era a sua gente; não sabia o que se passava e não se queria envolver numa má situação.

A quantidade de dinheiro entregue aparentemente tinha sido insuficiente, visto que foram proferidas mais algumas palavras bruscas. Um dos homens agarrou nos dois mostruários mais próximos, puxando-os e espalhando barras de chocolate e óculos de sol pelo chão. O dono da loja soltou um grito de protesto. O segundo homem agarrou-o pelo cabelo, batendo com a testa do dono contra o topo da caixa registadora num som doloroso, empurrando-o de seguida violentamente para trás. O lojista caiu, fora do campo de visão de Anden. Os dois assaltantes foram-se embora; saiu do caminho quando passaram por ele. Um deles parou tempo suficiente para rosar diretamente na cara de Anden.

– Para onde é que estás a olhar? – foi a primeira vez que Anden compreendeu tão claramente algo dito em espeniano, mas o outro homem apressou-os aos dois porta fora, a qual bateu quando se fechou atrás deles.

A pulsação de Anden estava aos saltos. Sentia que devia ter feito algo, mas não sabia o quê. Sabia instintivamente que teria sido uma má ideia barrar o caminho dos dois homens, mas não sabia o que é que uma pessoa deveria fazer em Espenia quando testemunhava este tipo de situação. Em Janloon, teria corrido para relatar o incidente a um Dedo do clã, ou a um Punho, se o conseguisse encontrar.

O lojista gemeu e começou a pôr-se de pé atrás do balcão. Não parecia gravemente ferido, pelo que Anden, com um claro sentimento de vergonha, mas sem querer interagir novamente com o pobre do homem, empurrou a porta e escapou rua fora.

O Sr. e a Sra. Hian tinham ficado preocupados por ter chegado tão tarde e repreenderam-no por não ter ligado a pedir boleia. Ficaram ainda mais transtornados quando lhes explicou que tinha vindo a pé até casa e o que acontecera no caminho.

– Esses homens fazem parte dos Gangues. Trabalham para o Chefe Kromner – exclamou a Sra. Hian. – Daqui em diante, não apareças lá!

Anden não ficou incomodado com a ideia de que certas partes da cidade estivessem fora de limites; na verdade, era estranhamente reconfortante perceber que havia clãs e territórios em Porto Massy, tal como em Janloon. Deste modo, suspeitou que o lojista fosse um tipo de Homem Lanterna e que os dois homens tinham sido enviados para cobrar pagamentos de tributo em atraso. Sentiu-se aliviado por não ter interferido estupidamente nos negócios de um clã desconhecido, mas a situação ainda o perturbava pelo seu cariz notoriamente bruto. Em Kekon, era raro que Ossos Verdes tratassem alguém assim tão mal, mesmo os Homens Lanterna mais problemáticos. Os clãs estavam entrelaçados em todos os aspetos da sociedade; não cumprir com o pagamento de um tributo razoável significava perder a proteção do clã, o que dificultaria a vida em várias maneiras. Um Homem Lanterna duvidoso poderia ter dificuldades em abrir uma conta bancária, comprar uma casa ou colocar os filhos na escola. Não havia necessidade de o ameaçar ou magoar.

Anden pensou sobre o assunto ao começar a comer a sopa de peixe e gengibre da Sra. Hian.

– Porque é que o dono da loja não vai ter com esse Kromner pedir alguma leniência? – perguntou ele. Tinha a certeza de que uma percentagem não insignificante do trabalho da sua prima Shae enquanto Homem do Tempo era negociar termos com Homens Lanterna, ainda que a um nível mais elevado do que o de proprietários de lojas de conveniência.

O Sr. Hian deu uma risada, ficando sério quando se apercebeu de que Anden não estava a brincar. Levantou-se e vasculhou numa caixa de cartão no chão, cheia com uma pilha de jornais antigos, até que encontrou uma edição do Jornal de Porto Massy de há uma semana, folheando-o até encontrar aquilo por que procurava. Pousou o jornal e apontou para uma fotografia a preto e branco de um grande homem espeniano de fato e gravata a sair de um ZT Toro preto com uma mulher de casaco de peles branco. Anden ainda não lia espeniano muito bem; a manchete tinha algo a ver com corrupção policial.

– Este Blaise Kromner, é um homem mau. Um criminoso. É conhecido por vender drogas e traficar mulheres. O pessoal dele faz todo o trabalho, por isso ele nunca é apanhado, mas tem um belo carro, umas belas roupas, e está sempre a ir a festas e a ser fotografado. Achas que se importa com o dono da loja, ou sequer sabe quem ele é?

O Sr. Hian dobrou o jornal e voltou a pô-lo na caixa.

– Anden-se, os Gangues não são como os clãs. Só querem saber do dinheiro. Nunca oferecem nada, só recebem. O dono da loja paga-lhes uma e outra vez, mas não recebe nada.



Anden recebeu mais um choque de educação cultural duas semanas depois, desta vez muito mais perto de casa. Estava a voltar para casa ao fim da tarde, carregando um saco de compras que tinha trazido para os Hians, quando ouviu um grito de uma das janelas abertas do outro lado da rua.

Isto não era raro; havia um casal de kekoneses ali a viver que brigava como animais a toda a hora, às vezes a gritar um com o outro, noite dentro. A voz do homem podia ser ouvida claramente.

– Devia matar-te, sua puta!

Ouviu-se um estrondo, mais gritos de ambas as partes e, de repente, a mulher saiu porta fora em pijama e correu, na perspetiva de Anden, diretamente contra o trânsito.

Anden imaginou-a a ser esmagada como uma cabra solta na autoestrada e a ser projetada pelo capô de um carro em movimento. Uma bicicleta guinou para fora do caminho e o jovem que a guiava saltou da mesma, soltando uma praga em sobressalto. Anden deixou cair

o saco de compras e correu para a frente, mesmo sabendo naquele momento que não havia nada que pudesse fazer a tempo.

O rapaz da bicicleta lançou-se e agarrou na mulher transtornada. Numa explosão de Força e Leveza, arrastou-a de volta para o passeio. Carros voaram a um fio de cabelo de distância, buzinando ruidosamente. O marido espantado da mulher — de tronco nu, bêbedo e furioso — correu a gritar num discurso ininteligível. Vacilou quando o ciclista se virou e lançou uma Deflexão que o atingiu nos joelhos. Cambaleando em frente, outra Deflexão atingiu-o no tronco e ele sentou-se com força, como se tivesse levado com um varal na cintura.

A mulher correu a chorar até à casa de um vizinho ao fim da rua, sem sequer parar para agradecer ao seu defensor. Um minuto depois, o marido levantou-se e voltou para dentro de casa, murmurando palavrões, mas mantendo o seu olhar assassino afastado.

Anden encontrou a sua voz.

– És um Osso Verde – gritou em kekonês.

O jovem do outro lado da rua olhou-o, afastando o cabelo desgrenhado da testa como se para melhor ver Anden. Riu-se, mostrando um clarão de dentes brancos.

– E tu és um ilhéu idiota – gritou ele de volta. Limpou o pó das calças e recolheu a bicicleta.

Anden ficou espedado, perplexo de boca aberta. Não conseguia ver qualquer jade no corpo do rapaz, mas tinha de lá estar. O Osso Verde passou a perna por cima da bicicleta arranhada e olhou para trás para Anden, ainda parado no passeio, as compras espalhadas atrás dele.

– Não me digas que pensavas que não havia mais nenhum sítio no mundo onde as pessoas têm jade?

O rapaz acenou em gozo e pedalou rua fora, de gémeos tensos e ombros musculados inclinados sobre o guiador. Anden observou-o até desaparecer, longe da vista.

Parecia que, pensou ele, nem tudo em Espenia era estranho e insuportável.

Capítulo 16 – Ladrão Não

Anden habituou-se à rotina da sua vida em Porto Massy. Os dias de verão tornaram-se mais longos, quentes e abafados, ainda que a cidade estivesse nublada e sem cor a maior parte do tempo. Apesar das suas intenções iniciais, Anden formou relações cordiais com os seus colegas e conheceu alguns dos vizinhos dos Hians. Viu o Osso Verde na sua bicicleta em duas outras ocasiões — uma vez em alta velocidade do outro lado da estrada a ir na direção oposta, e uma vez no canto da rua a falar com três outros rapazes quando Anden passou no autocarro da cidade.

Anden estava imensamente curioso e queria fazer mil e uma perguntas ao rapaz. Quando mencionou o incidente aos Hians, estes disseram:

– Ah, é o Dauk Corujon. Vai para a faculdade de direito; estamos todos muito orgulhosos dele. Sim, claro que ele é verde; é um verdadeiro filho kekonês. Quantos Ossos Verdes existem aqui? No nosso bairro? – o Sr. Hian encolheu os ombros. – Trinta? Quarenta? Quem sabe?

Anden ficou espantado. Shae tinha estudado em Espenia, mas nunca mencionara ninguém que usasse jade. Talvez nunca tivesse encontrado nenhum durante o tempo que tinha passado na residência na cidade universitária de Windton, onde não havia uma comunidade kekonesa significativa. Porto Massy tinha vinte vezes a população de Windton e mostrava as suas raízes enquanto centro de trocas comerciais nas pessoas, na comida e nos produtos que lá podiam ser encontrados, vindos de toda a parte do mundo. Andando de autocarro todos os dias, Anden ouvia muitas línguas diferentes a serem faladas e achava que seria possível sobreviver em Porto Massy sem realmente aprender espeniano, desde que se ficasse perto da sua gente. Agora que sabia da existência de Ossos Verdes a viver perto de si em segredo, estava sempre a tentar identificá-los. Observava homens e mulheres de aparência comum no supermercado, na fila do banco, a andar pela rua. Questionava o Sr. e a Sra. Hian frequentemente.

– O senhor Tow? Claro que não. Consegues imaginá-lo como Osso Verde?

A Sra. Hian soltou uma gargalhada.

Mais tarde:

– Oh, sim, a família Ruen. Todos eles Ossos Verdes. O Ruen-jen ensina as disciplinas de jade há anos.

Achavam graça ao seu interesse extremo, não compreendendo completamente que Anden passara toda a sua vida rodeado por Ossos Verdes e que, desde o seu primeiro dia em Porto Massy, a ausência destes tinha sido uma das características mais inquietantes de Espenia. Deste modo, descobrir a sua existência secreta no bairro de Southrap revelava-se estranhamente reconfortante.

No entanto, independentemente do quão cuidadosamente olhasse, não via nenhum jade exposto — nenhum piercing, anel, pulseira ou cinto cravado de pedras. Era realmente desconcertante. Em Janloon, o jade era uma marca inconfundível de estatuto — impunha respeito nos becos mais escuros do distrito de Coinwash e nas salas de reuniões dos arranha-céus mais altos no Distrito Financeiro. Os Ossos Verdes usavam jade abertamente, com orgulho, e não pensariam em escondê-lo a menos que tivessem necessidade de parecer especialmente modestos ou discretos.

Tornava as interações sociais em Espenia difíceis, na opinião de Anden, não saber com quem utilizar o honorífico jen.

– Isto não é Kekon – lembrou o Sr. Hian. – Os espenianos não percebem que o jade faz parte da nossa cultura. Pensariam que estamos a ameaçá-los ou a destacarmo-nos como diferentes. Exibir jade seria apenas arranjar problemas.

Por mais fascinado que Anden ficasse com a estranha subcultura de jade, não fazia quaisquer esforços especiais para conhecer a vizinhança de Ossos Verdes ou para descobrir onde treinavam ou socializavam. Afinal, ele não era um Osso Verde — um facto que ainda lhe trazia uma sensação de vergonha sempre que pensava no assunto, ainda que o sentimento tivesse diminuído com o passar dos meses. Longe de Janloon, a sua desgraça dentro do clã Sem Topo era desconhecida e não era uma lembrança constante como tinha sido em casa. Aqui em Southrap, onde não era fácil identificar quem era ou não era verde, não parecia importar tanto. Não esperava voltar a envolver-se pessoalmente com assuntos de Ossos Verdes — até cometer um compreensível, mas grave, erro.

Com a mesada que Shae lhe tinha fornecido e a ajuda do Sr. Hian em vasculhar a secção de anúncios no jornal local, Anden tinha comprado uma bicicleta de segunda mão, que mantinha acorrentada no beco por trás da casa do Sr. e da Sra. Hian, esperando utilizá-la com mais frequência agora que o tempo estava agradável e às vezes até ensolarado. Certa tarde de verão, Anden foi na sua bicicleta até a um parque perto de casa, sentando-se debaixo de uma árvore para acabar de fazer as leituras obrigatórias atribuídas para aquela semana. Acabou por

fazer uma pequena sesta. Quando acordou, recolheu os seus pertences, pegou na bicicleta no estacionamento e dirigiu-se à casa dos Hians.

Andara não mais do que meio quarteirão quando ouviu gritos e olhou para trás, vendo um homem a persegui-lo agitando os braços. Anden parou, colocando um pé no chão. O seu perseguidor alcançou-o; era um homem nos seus vinte e poucos anos, não muito mais velho do que Anden. O seu rosto estava manchado de rosa e os seus grandes dentes estavam cerrados de raiva.

– O que é que estás a fazer? Essa bicicleta é minha!

Anden olhou para baixo e viu que, de facto, tinha levado a bicicleta errada. Era quase idêntica à sua, mas a tinta vermelha era nova e não estava riscada, a banda de rodagem nos pneus estava em perfeita condição. O dono agarrou no guiador.

– Pensavas que podias roubar a minha bicicleta nova? – lançou-se num discurso acusatório em espeniano rápido que Anden não conseguiu acompanhar.

– Desculpa – o rosto de Anden ardia de constrangimento ao descer da bicicleta. – Desculpa. Engano.

O homem empurrou Anden para o lado de forma brusca.

– Deves ser o ladrão mais burro das redondezas. Fazes ideia de quem eu sou? Nem sequer falas espeniano?

A compreensão de Anden da língua estava longe de ser perfeita, mas compreendia o suficiente para perceber que estava a ser acusado de ser ladrão. A princípio ficou atónito; mas depois uma onda de raiva subiu-lhe do pescoço à cabeça, ficando na defensiva. Os ladrões eram a pior escumalha; ser chamado de ladrão era pior do que ser chamado de cobarde ou desgraçado. Havia homens em Kekon a serem mortos por menos. Que tipo de pessoa diria algo tão insultuoso a um perfeito estranho, sem dar à outra pessoa a hipótese de se explicar?

– Não roubar – protestou ele veementemente. – Eu disse engano.

– Sim, claro, boa tentativa. Sai daqui, volta para de onde quer que tenhas vindo, idiota.

O homem começou a empurrar a bicicleta para longe. Anden ficou perplexo por um segundo. Depois deu vários passos rápidos e agarrou na traseira do assento da bicicleta. O homem virou-se para trás, de boca aberta em surpresa indignada.

– Eu não roubei a tua bicicleta – Anden enunciou cada palavra. – Pede desculpa.

– Estás a gozar comigo? – gritou o homem. – Soas a keko, é isso que tu és? Queres que te parta a porra da cara?

Deixou cair a bicicleta no chão e encarou Anden de punhos levantados.

Anden passou por um momento de grande incerteza. Só queria que o homem retirasse o que tinha dito; ninguém merecia ser tratado tão mal e ser caluniado por um erro tão simples. Não tinha interesse em lutar com o homem, mas não conseguia pensar numa maneira de sair desta situação que não envolvesse renunciar, o que não era uma opção, visto que tinha sido tão gravemente insultado. Em Janloon, se tivesse amigos com ele a servir de testemunhas, poderia ter tentado remarcar a luta para outro dia e lugar — às vezes, cabeças mais frias prevaleciam nesse meio-tempo — mas não fazia ideia quais eram os costumes dos duelos em Espenia e não parecia que o outro homem estivesse disposto a desistir.

Anden tirou os óculos e colocou-os no bolso lateral da sua mochila da universidade antes de a pousar na relva junto ao passeio. Levantou os punhos e colocou-se em posição, equilibrado e bem distribuído, ainda a tentar perceber como tinha chegado a este ponto. Porque é que o outro homem não podia ter simplesmente aceitado o seu pedido de desculpas pelo engano e seguido em frente?

Os olhos do homem arregalaram-se em surpresa, de seguida semicerrando-se numa ameaça furiosa.

– Oh, estás mesmo a pedi-las, seu arrogante de—

Correu contra Anden, lançando um golpe na direção da cabeça.

Já fazia algum tempo — as últimas Provas na Academia, para ser exato — desde que Anden estivera numa luta e a princípio demorou a reagir. Mal se defendeu da sucessão inicial de socos do homem e, ainda que tivesse identificado algumas oportunidades óbvias para contra-atacar, tinha compensado excessivamente pelos seus reflexos lentos, recuando longe demais, fora do alcance do seu adversário, pelo que não conseguiu movimentar-se suficientemente rápido para eliminar a distância entre eles antes de o homem voltar a atacá-lo. Anden abanou a cabeça, frustrado consigo mesmo; Hilo ter-lhe-ia dado um soco por ser tão desleixado. Ao pensar nisto, o seu adversário acertou em cheio, penetrando a sua defesa e atingindo Anden na bochecha.

A dor irradiou na cara de Anden. Ser atingido tinha desencadeado todo o treino de infância em artes marciais; baixou o queixo e os ombros e mergulhou por baixo do próximo golpe, enterrando o punho no abdómen do homem. O seu oponente grunhiu de dor e tentou

lançar um braço à volta do pescoço de Anden num golpe de gravata. Anden arremessou o cotovelo na coxa do homem, empurrando-se para trás, esquivando-se do espeniano e fazendo-o tropeçar. O homem recuperou o equilíbrio imediatamente e voltou a atacar com uma sucessão de golpes cerrados. A maior parte atingiu os braços levantados de Anden, mas alguns deles alcançaram o seu estômago e abdômen com uma força de trazer lágrimas aos olhos e um dos golpes atingiu-lhe a boca com força suficiente para lhe cortar o lábio nos dentes. O estilo de luta do homem não era muito aprimorado, mas continha velocidade e força mais do que suficiente, assim como o instinto impetuoso de alguém que já tinha participado numa grande quantidade de bulhas. Era maior do que Anden e estava mais zangado, e nesta pura disputa física, ambas estas características concediam-lhe a vantagem.

Numa súbita onda de pânico e vergonha, ocorreu-lhe que Anden — o membro mais novo da família Kaul, educado numa das melhores academias de artes marciais em Kekon — estava prestes a ser espancado por um arruaceiro espeniano.

Anden engasgou-se na sua dor, mas permaneceu de pé; de braços ainda levantados junto à cabeça, arremessou o cotovelo para cima, atingindo o seu adversário no queixo. Enterrando o pé no abdômen do homem, chutou-o, empurrando-o com a máxima força possível. Quando o espeniano recuperou o equilíbrio e voltou ao ataque, Anden recuou rapidamente, como se relutante em voltar a enfrentar o homem (o que não era de todo mentira). Sentiu o calcanhar tocar na borda do passeio. Quando o homem colocou toda a sua força no próximo soco, Anden saltou para trás, saindo do passeio. Agarrou no braço estendido do homem e puxou-o. Não foi um movimento com grande força, apenas um puxão súbito no pulso, mas com o impulso combinado de ambos, o espeniano continuou em frente; o seu pé dianteiro aterrou fora do passeio, cambaleando de cabeça. Ainda assim, era ágil e não teria caído; Anden resolveu o assunto, lançando um soco para baixo enquanto a parte superior do corpo do homem caía, atingindo o lado da sua cara com força, da orelha ao maxilar.

O espeniano lançou as mãos para a frente, amparando a sua queda ao aterrar no asfalto. Anden não perdeu tempo; atingindo o homem novamente e enterrando o joelho no seu peito. O seu oponente tentou lançar os seus braços à volta das pernas de Anden; Anden esquivou-se, pontapeando-o nas costelas. Finalmente, o homem contorceu-se numa bola, gemendo de dor, e Anden saltou para cima dele, agarrando-o no peito, de punho armado sobre o seu rosto inchado.

– Queres parar?

O homem não respondeu, pelo que Anden atingiu-o na boca com força, cortando os nós dos dedos nos dentes do homem.

– Queres parar? – perguntou novamente, ficando aliviado quando desta vez o espeniano acenou com a cabeça. – Diz que eu não sou um ladrão – insistiu Anden.

– O-o quê? – disse o homem com um falar arrastado por entre lábios inchados.

Anden voltou a armar o punho.

– Diz que eu não sou um ladrão.

– Pronto, pronto, louco de merda. Tu- Tu não—

Vários braços agarraram Anden à volta dos braços e do peito, puxando-o para longe do homem e de volta para o passeio. Anden olhou em volta surpreendido e confuso por ver um pequeno semicírculo de espetadores reunidos; dois grandes homens tinham-no afastado e outra pessoa estava agachada junto do seu oponente abatido. Anden afastou as mãos que o agarravam. Porque tinham interferido? Claramente, tinha ganho de forma justa; e o outro homem estava prestes a ceder.

Um dos espetadores aparentava ser kekonês. Anden dirigiu-se a ele na sua língua nativa.

– O que é que se passa? Qual é o problema? – mas o homem olhou-o com um sério desagrado.

O oponente de Anden pôs-se de pé lentamente.

– Estás morto, estás a ouvir? – a sua voz era um rosnado mortal. – Não sei quem pensas que és, mas metes-te com o Carson Sunter, metes-te com o gângster errado. Vou encontrar-te e vou matar-te.

Cuspiu uma bola de sangue para o passeio junto aos pés de Anden e depois voltou costas e foi-se embora, recolhendo a sua bicicleta e apoiando-se nela para andar, desaparecendo rua fora, rosnando profanidades.

O pequeno grupo de espetadores dispersou-se, nenhum deles disposto a olhar para Anden. Novamente, Anden dirigiu-se ao homem kekonês, certo de que já o tinha visto no bairro.

– O que se passa? Fiz algo de errado?

Para seu espanto, o homem respondeu em espeniano.

– Porque é que fizeste aquilo? Queres dar má fama a todos nós? Espancar um homem por causa de uma bicicleta?

De seguida, falou rapidamente em kekonês:

– Estás a tentar ser um daqueles capangas dos clãs da velha pátria?

Lançando um último olhar de desdém a Anden, virou-se e foi-se embora, deixando Anden no passeio.



Quando Anden entrou pela porta da frente, a Sra. Hian exclamou horrorizada.

– O que é que estiveste a fazer? – exclamou ela, sentando-o numa cadeira à mesa da cozinha, apressando-se para ir buscar gelo e pomada para a sua bochecha e lábios inchados. – O que é que aconteceu?

Depois de transmitir a sua história, o Sr. e a Sra. Hian trocaram um olhar sombrio.

– Isto não é nada bom – disse o Sr. Hian com um suspiro preocupado. — Pode trazer-nos problemas.

– Não compreendo – protestou Anden. – Ele insultou-me e desafiou-me e eu ganhei a luta de forma justa. Ele rendeu-se; as pessoas viram. Se ele voltar para se vingar, não vai ter razão.

– Anden-se – disse o Sr. Hian sombriamente. – Duelos não são permitidos neste país. Os tribunais espenianos não iriam respeitar o resultado de uma disputa resolvida através de um duelo, mesmo que ambas as partes concordassem.

– Esse homem pode voltar para te magoar, ou mais provavelmente, a sua família pode exigir-nos um pagamento – explicou a Sra. Hian, limpando o rosto ensanguentado de Anden.

– De acordo com a lei espeniana – explicou o Sr. Hian – uma lâmina limpa não significa nada.

Anden ficou num silêncio consternado durante tanto tempo que os Hians ficaram ainda mais ansiosos e tentaram confortá-lo o melhor que podiam. A Sra. Hian levantou-se e esfregou-lhe as costas, dizendo:

– Não te sintas mal; a culpa é nossa, não tua. Só estavas a defender a tua reputação e o nome da tua família; como podias ter adivinhado que as regras aqui não fazem sentido? Devíamos ter-te explicado, mas não pensámos que isto fosse acontecer.

O Sr. Hian ofereceu a Anden um copo de hoji e um cigarro, dizendo:

– Não te preocupes demasiado.

– O que é que fazemos agora? – perguntou Anden, inconsolável.

A boca da Sra. Hian estava cerrada numa linha preocupada. Voltou-se para o seu marido, o qual cruzou os braços na pequena mesa da cozinha e assentiu relutantemente.

– Temos de ir falar com o Pilar.

Capítulo 17 – O Pilar de Southtrap

Na noite seguinte, Anden e os Hians apanharam o autocarro, percorrendo seis paragens até ao outro lado de Southtrap. Chegaram a uma casa azul de dois andares e foram recebidos por uma mulher de cerca de cinquenta anos, com uma permanente e unhas pintadas de branco, que os recebeu calorosamente e os convidou a entrar.

– Deves ser o Anden, o rapaz de Janloon que está cá a estudar – disse ela.

– Sim, Tia – disse Anden.

– Tão educado! – exclamou a mulher, sorrindo-lhe com um ar aprovador. – Entrem, podem deixar os vossos sapatos ali. Losun-se! – chamou em direção às escadas.

Um homem subiu os degraus, limpando as mãos a um pano. As mangas da sua camisa de flanela estavam enroladas até aos cotovelos.

– Estou quase a acabar de assentar os azulejos da casa de banho – disse ele, desenrolando as mangas e abotoando os punhos. – Tirando isso, acho que a cave está quase pronta.

– Duvido que alguma vez fique pronta – disse a sua esposa, num pessimismo risonho.

– Não tens confiança nenhuma em mim – resmungou ele. – Ah, os Hians estão aqui.

No dia anterior, Anden questionara os seus anfitriões. Quem era este Pilar? Que clã liderava? Ficara perplexo, perguntando-se por que não o tinham mencionado até então.

O Sr. Hian tinha esfregado a barba.

– Bem, não é exatamente o mesmo que em Janloon. Não temos muitos Ossos Verdes. É ao Dauk Losunyin que os outros obedecem e a quem todos nós chamamos de Pilar, então suponho que isso o torne... – o Sr. Hian encolheu os ombros. – Pilar de Southtrap.

O Pilar era um homem corpulento, careca, com as mãos grandes de um trabalhador e uma postura amigável. Observando-o, Anden não sabia o que pensar. Este homem não tinha a aparência de um guerreiro Osso Verde, muito menos a de um líder de um clã de Ossos Verdes. A sua casa era mais pequena que a casa de hóspedes da propriedade dos Kaul. Não transmitia grande poder ou autoridade; imaginá-lo ao lado de alguém como Kaul Hilo ou Ayt Mada era apenas ridículo.

– Dauk-jen – disse o Sr. Hian, juntando as mãos e levando-as à testa. Curvou-se em forma de saudação, demonstrando respeito. A Sra. Hian fez o mesmo e entregou à Sra. Dauk um prato de pãozinhos caseiros de pasta de amêndoa.

– Muito obrigado por nos receber – disse o Sr. Hian. – Este é o Emery Anden, o estudante de Janloon de que lhe falámos.

Anden seguiu o exemplo da sua família de acolhimento, inclinando-se numa saudação formal.

– Dauk-jen.

Dauk bateu ao de leve no ombro de Anden.

– O que estás a achar de Espenia?

– Eu... ah.... Ainda me estou a habituar, jen – respondeu Anden.

O Pilar deu uma gargalhada.

– Leva algum tempo até nos habituarmos, não é?

Conduzindo-os pela cozinha até à sala de jantar, o Pilar puxou mais cadeiras para a mesa oval de madeira. Na parede entre a cozinha e a sala de jantar, havia uma alcova com uma lustrosa jarra verde que deixou Anden de boca aberta até se aperceber de que, o que à primeira vista lhe parecera uma jarra feita de uma quantidade surpreendente e perigosa de jade, era na verdade apenas um objeto decorativo feito de nefrite.

De seguida, reparou em duas pequenas esculturas de cavalos sobre a lareira e num castiçal numa mesinha junto ao sofá, todas feitas de falso jade. Em Janloon, tal demonstração de verde falso numa casa ou numa empresa seria considerada terrivelmente constrangedora. Seria porque os kekoneses-espenianos tinham tão pouco jade verdadeiro, e não podiam usá-lo abertamente, que expunham falsificações? Ou talvez, pensou Anden, apreciassem a aparência ostentosa dos ornamentos inertes enquanto lembranças visíveis da sua herança cultural?

A porta da frente abriu-se e um rapaz entrou em casa. Era o Osso Verde que Anden encontrara há alguns meses, o mesmo que salvara a mulher de ser atropelada. A Sra. Dauk apressou-se até à porta para cumprimentá-lo.

– Coru, pensava que hoje não ias chegar a tempo do jantar.

O jovem tirou o boné e deu um abraço à mãe.

– Temos convidados?

– Já conheces o senhor e a senhora Hian – disse a Sra. Dauk. – Este é o Emery Anden, um estudante de Kekon que está a morar com eles enquanto frequenta a Universidade de Porto Massy.

Anden apercebeu-se de que estava espedado a olhar para ele, como um idiota. Só agora se lembrara de que o Sr. Hian lhe tinha dito que o nome de família do Osso Verde era Dauk. Passara tanto tempo que se tinha esquecido e não fizera a ligação. O perspicaz ciclista era filho do Pilar.

Os olhos de Coru arregalaram-se ao reconhecê-lo. Depois, sorriu abertamente. Formou-se-lhe uma covinha entre as sobrancelhas e os seus olhos escuros dançaram, hilários.

– Então, encontramos-nos novamente – disse ele, em espeniano. – Continuas com a mesma expressão de cervo assustado, como da primeira vez que te vi.

Anden piscou os olhos e disse, num espeniano quebrado:

– Surpreendeu-me ambas as vezes, jen.

– Coru, que maneira é essa de falar com um convidado? – exclamou a Sra. Dauk, dando-lhe uma palmadinha repreensiva na nuca. – Fala em Kekonês!

– Não faz mal, Sra. Dauk – disse Anden, sentindo-se a corar. – Tenho de treinar o meu espeniano de qualquer maneira. O seu filho estava só a ajudar... como parece ser o seu costume.

– Sana – chamou Dauk Losun. – Quanto tempo até ao jantar?

– Já está pronto – respondeu-lhe a esposa, correndo de volta para a cozinha e trazendo uma panela de aço, colocando-a sobre uma base no centro da mesa. – O guisado de porco ainda não está pronto, mas o resto já está. Daqui a pouco já o trago. Não fiquem à espera; sentem-se e comam!

A mesa estava sobrelotada com seis pessoas. Dauk Sana tinha feito mais comida do que o suficiente — repolho picante, camarão com molho de pimenta e limão e o tão esperado guisado de porco com vinagre, ainda que atrasado, que continha pedaços generosos de

cogumelo e ovo — comida tradicional Kekonesa caseira, à exceção das longas e espessas bolachas escuras salgadas que passaram pela mesa numa cesta; os espenianos pareciam servi-las como acompanhamento em todas as refeições, para levar comida à boca como uma colher e para as mergulhar em sopas e guisados. Anden estava sentado ao lado de Dauk Coru, que comia com enorme apetite e, como bom filho Kekonês que era, elogiava a mãe a cada novo prato.

Desesperadamente, Anden tentou pensar numa forma de iniciar uma conversa normal com o seu vizinho de mesa que não referisse a forma constrangedora como se tinham conhecido. De soslaio, olhou repetidamente para Coru, tentando localizar as pedras de jade que usava. Anden inclinou-se, cronometrando deliberadamente o momento em que se debruçara em direção ao cesto de bolachas, de modo a que o seu braço tocasse ao de leve no do outro rapaz. Um formigueiro percorreu-lhe o cotovelo, penetrando-lhe os ossos; sentiu uma pancada firme no estômago, como um gancho na boca de um peixe prestes a ser arrancado para fora de água. Suores invadiram-no; há muito tempo que não estava tão perto de alguém ao ponto de sentir a sua aura de jade. Depois de uma abstinência tão prolongada, a reação inconfundível do seu corpo à proximidade de jade quase o fez sentir tonto. Anden estremeceu e afastou o braço.

– Então, estás cá por quanto tempo? – perguntou Coru.

– Hm? – Anden recompôs-se apressadamente. – Ah, dois anos. O suficiente para concluir o programa de imersão em língua estrangeira e obter o diploma. Pelo menos, é esse o plano.

Coru levou outra garfada à boca, não fazendo mais perguntas. Após um silêncio constrangedor, Anden continuou:

– Então... Coru-jen, ouvi dizer que também é estudante. Vai estudar direito?

O jovem olhou para ele e riu-se.

– Ninguém me chama Coru à exceção dos meus pais e dos amigos dele. Chama-me Cory – limpou a mão e estendeu-a a Anden, cumprimentando-o. – Agora que estamos devidamente apresentados, sim, vou estudar direito na Universidade de Wastersguard no próximo outono. Tirei este ano para fazer voluntariado e trabalhar como assistente jurídico para juntar dinheiro para as propinas. Também estou a planear fazer uma viagem pelo país durante seis semanas no próximo verão – ergueu o queixo e falou mais alto para que o pai o conseguisse ouvir. – Antes de ser obrigado a seguir as pegadas da minha irmã.

– Tens uma irmã mais velha? – perguntou Anden.

– Três – Cory abanou a cabeça. – Estás à vontade para ter pena de mim.

Anden não fazia ideia como seria ter tantas irmãs, ainda que, na sua família, disse, também ele era o mais novo, com uma irmã e dois irmãos mais velhos, por assim dizer. Cory levantou-se da mesa e pegou na foto de família emoldurada em cima da lareira. Mostrando-a a Anden, disse:

– A minha irmã mais velha é advogada: trabalha no Departamento Federal da Indústria. O marido dela é engenheiro; mas não têm filhos. A minha outra irmã estudou enfermagem; mas agora é dona de casa para tomar conta dos dois filhos. A terceira, esta aqui, licenciou-se em serviço social e casou-se no ano passado.

Os Dauks eram todos parecidos, mostrando semelhanças na forma como sorriam e na largura dos ombros. Anden queria perguntar se alguma das irmãs de Cory também era Osso Verde, mas já tinha feito tantas suposições erradas sobre tantas questões culturais de Espenia que se mostrou hesitante. Se aqui as pessoas escondiam o seu jade, talvez fosse indelicado perguntar abertamente se se era um Osso Verde. Estudou a foto de família atentamente por mais uns segundos antes de a devolver a Cory.

– O vosso filho mais velho ainda está na Watersguard, não é? – perguntou Dauk Losunyin aos Hians. – Como está a correr? Ainda está a fazer o doutoramento?

A conversa entre os mais velhos transformou-se num relatório de queixas sobre os filhos já adultos, seguindo-se uma sessão de mexericos sobre os vizinhos da parte kekonesa de Southrap. Para Anden, estes assuntos pareciam-lhe demasiado mundanos para merecerem a atenção do Pilar, mas Dauk Losun assentara um cotovelo na mesa e ouvia com o queixo apoiado na mão enquanto a Sra. Hian se lamentava sobre o trânsito cada vez mais agravado em frente a sua casa e expressava preocupação em relação ao casal que vivia na casa em frente, constantemente a discutir.

Dauk Sana tinha acabado de levantar os pratos da mesa e trazido chá juntamente com uma lata de biscoitos espenianos, quando tocou a campainha. Cory abriu a porta a um homem, o qual entrou na sala e, com uma expressão séria, acenou com a cabeça a todos os presentes.

– Dauk-jens. Sr. e Sra. Hian.

Olhou para Anden, mas não disse nada. O homem tirou o chapéu, o casaco e as botas. Usava umas luxuosas luvas de couro, que tirou também, mas em vez de as deixar com o casaco, colocou-as no bolso da frente da camisa, sentando-se à mesa com os demais. Cory puxou mais uma cadeira e o homem agradeceu, tirando um biscoito enquanto Sana distribuía o chá.

Era o primeiro homem que Anden encontrava em Espenia que lhe fizera pensar imediatamente: *Punho*. Não era um homem especialmente grande, mas tudo nele — o seu olhar cortante, a sua postura e a forma como movia o seu corpo esguio — sugeria uma predisposição para a violência. Uma vez, Kaul Hilo dissera a Anden que um bom Punho tinha a mente de um cão de guarda — podiam ser amigáveis, sorrir e abanar as caudas, mas estavam sempre alerta. Um movimento em falso e se se sentissem ameaçados não hesitariam em usar os dentes. Anden não conhecia este homem, mas reconheceu-o imediatamente como alguém que se encaixaria perfeitamente junto dos irmãos Maik.

– Perdoem-me por não ter estado presente para jantar – disse o homem.

A sua chegada marcara uma mudança no serão; Anden suspeitara que o timing não fora uma coincidência. A conversa leviana acabara. Arrastaram-se as cadeiras ligeiramente para trás; na mesa limpa, apareceram cigarros e hoji.

– Rohn-jen, sabe que é bem-vindo a qualquer altura – disse Dauk Sana, mas a sua voz revelava agora alguma reserva. – Como tem estado o seu ombro?

– Muito melhor após as sessões que tive consigo, Sana-jen – disse Rohn.

Dauk Losun acenou com a cabeça em direção a Anden.

– Toro, este é o Emery Anden, um estudante deslocado de Janloon. Ele é meio kekonês, mas a mãe era uma Osso Verde poderosa e ele foi adotado pelos Kaul do Clã Sem Topo enquanto neto mais novo da família.

Anden foi apanhado de surpresa. Durante todo o jantar, pensara que o Pilar de Southrap o conhecia apenas como um estudante a viver com os Hians. Dauk Losunyin falara com o mesmo tom de voz amigável e casual que adotara toda a noite, como se o passado de Anden fosse do conhecimento de todos os presentes, ainda que este não fosse o caso. Cory arqueou as sobrancelhas. Recostou-se na cadeira e inclinou a cabeça, olhando interessado para Anden.

Rohn Toro mergulhou um biscoito de canela no chá.

– Kaul é um nome famoso – disse ele.

– Muito famoso – concordou Dauk Losun, recostando-se e esfregando a barriga, satisfeito após a grande refeição. – Eu cresci em Kekon, numa família de Ossos Verdes, durante a ocupação shotariana. Ouvi muitas histórias sobre os grandes líderes da Sociedade da Montanha. Ayt Yugontin e Kaul Seningtun. A Lança e a Tocha. Depois de o meu pai ter matado um polícia shotariano, a Sociedade ajudou-me e à minha mãe e irmãs a fugir para Espenia. As três semanas que passámos no porão de um cargueiro foram as piores da minha vida. Ainda

assim, graças aos deuses, chegámos a salvo ao nosso novo país, com nada mais que as roupas que vestíamos. Eu tinha catorze anos.

O Pilar olhava intensamente para Anden.

– Jovem, digo-te isto porque quero que compreendas que tenho o maior respeito pela tua família. Faço questão de saber o que se passa por estes lados, por isso, quando o Sr. e a Sra. Hian ligaram a dizer que te vinham apresentar, claro que tive de fazer algumas perguntas e descobrir mais sobre ti. Agora que sei quem és, eu e a minha família queremos ajudar-te da melhor maneira que pudermos.

– Obrigado, Dauk-jen – disse Anden, a tentar recuperar da súbita mudança na atitude de Dauk e no ambiente à sua volta. Continuava sem saber ao certo o que esperar deste modesto Pilar, do jantar de família aconchegante, da casa decorada com falso jade.

– Anden-se, diz-lhes o que aconteceu – apressou-o a Sra. Hian.

Depois de lhes ter contado sobre o seu encontro violento no parque, Dauk virou-se para Rohn Toro.

– Conheces este Carson Sunter?

– É um casaco, trabalha para o Skinny Reams.

Rohn dissera a palavra casaco e o nome Skinny Reams em espeniano.

– O chefe Krommer não ligaria a um pequeno desentendimento como este, mas o Reams pode levar a peito.

O Sr. e a Sra. Hian mostraram-se bastante preocupados.

– Dauk-jen, os Gangues não têm quaisquer princípios! – exclamou a Sra. Hian. – E se ameaçarem o nosso lar, ou até os nossos filhos?

Anden estava perdido e cada vez mais alarmado.

– O homem com quem lutei, quem é ele?

Para sua surpresa, foi Cory quem respondeu.

– Não tinhas mais que fazer do que meter-te numa briga com um gângster? O Krommer é responsável por toda a extorsão, tráfico de drogas, jogos de azar e usurpação na parte sul de Porto Massy. O Willum “Skinny” Reams é o seu braço direito. O homem com quem lutaste, o Carson Sunter, é um casaco. Um soldado raso no Gangue do Krommer. Não muito importante, atenção; do tipo responsável por cobrar proteção aos negócios locais e transportar algum do

dinheiro do tráfico de drogas. Mas o Reams... esse pode encarar um kekonês a meter-se com um dos seus como algo mais sério.

– Esses bandidos atacam qualquer pessoa mais desprotegida, especialmente os imigrantes – disse a Sra. Hian. – Mas normalmente deixam os kekoneses em paz por termos o Dauk-jen como Pilar e alguns Ossos Verdes com jade para nos proteger. Por isso é que não costumam estar por estes lados de Southrap.

– Temos uma espécie de acordo com os Gangues. Metemo-nos nas nossas vidas e eles metem-se nas deles – explicou Dauk Losun. – Temo que as coisas venham a mudar assim que a posse de jade se tornar ilegal.

Uma onda de consternação invadiu todos à volta da pequena mesa. Dauk Sana sussurrou um palavrão entre dentes. O marido tentou acalmá-los, levantando as mãos num gesto pacificador.

– Mais vale aceitá-lo. Têm publicitado muitas notícias sobre o uso irresponsável de jade, casos de Comichões e agora este aumento de procura por causa do envolvimento militar em Oortoko. A Assembleia Nacional já está a discutir a lei que proíbe a posse de jade e têm o apoio das maiores e mais importantes Sociedades de Comércio. É quase certo que vai ser aceite.

O Pilar levou a mão ao colarinho da sua camisa de flanela, revelando um pendente de jade num fio de prata. Beijou o disco de jade e disse, virando-se para Anden:

– Esta é a nossa herança kekonesa. A minha família usa jade há várias gerações. Hoje, é a razão pela qual estamos a salvo dos Gangues e de qualquer outra pessoa que se queira aproveitar de nós; é o que nos une enquanto comunidade e faz parte da nossa identidade enquanto keko-espenianos. E agora o governo diz que é contra a lei? É a lei que está errada.

A sua esposa acenou veementemente em concordância.

– Posso não ser médica, mas estudei enfermagem em Kekon e aprendi o suficiente sobre Condução médica com a minha mãe para conseguir ajudar quem vem até mim com problemas. Agora, por causa desta lei ridícula, vão ter receio de se envolver em algo ilegal, ainda que os tenha ajudado todos estes anos.

À semelhança do que fizera com os outros Dauks, Anden tentou determinar onde é que a mãe de Coru usava o seu jade.

Dauk Losun voltou a pôr o pendente debaixo da camisa, longe do olhar.

– A única coisa que esta lei vai fazer é tornar os Gangues desesperados por jade. Já está a acontecer; querem fazer parte de qualquer negócio do mercado negro em Porto Massy. Estão metidos nas drogas, também se vão meter no tráfico de shine. Em breve, os Gangues virão atrás daquilo que temos.

Dauk Sana suspirou profundamente.

– Esse dia não é hoje. Para já, foquemo-nos no que temos em mãos. Os Hians e o Anden vieram até nós para pedir ajuda, não podemos deixar que este pequeno desentendimento lhes traga problemas. O Rohn-jen pode ir ter com o Skinny Reams e oferecer – considerou por um momento. – Dois mil thalirs. Talvez até três mil, mas não mais que isso.

O Pilar acenou com a cabeça.

– Como sempre, a minha esposa é mais inteligente do que eu. Tenho sorte em poder contar com ela para me manter focado nestes últimos tempos. Toro, leva dois dos teus amigos mais verdes e se o Reams tentar pedir mais dinheiro, lembra-lhe de que sabemos tudo sobre o trabalhinho dele em Gerting e que não dissemos nada à polícia. Três mil e o nosso contínuo silêncio; é o suficiente.

Anden olhou à sua volta. Sentia-se preso nas garras de duas epifanias simultâneas. Primeiro, ao contrário do que tanto ele como os primos tinham acreditado, afinal este não era um país desprovido de jade e de clãs. Em Janloon, a guerra pelo controlo de jade era disputada abertamente nas ruas, com bastante sangue derramado entre o Sem Topo e a Montanha; aqui, a luta estava apenas a começar, latente no submundo espeniano e nas sombras das comunidades imigrantes, mas definitivamente presente.

A segunda conclusão cimentou-se ao olhar para Dauk, para a sua esposa e para Rohn. Esta pequena sala de jantar de família estava longe de ser o escritório formal na casa dos Kaul ou o último piso da torre na Rua do Barco, mas Anden compreendia agora que estava a olhar para um Pilar de Ossos Verdes, o seu Homem do Tempo e o seu Chifre. Os seus papéis em Porto Massy eram um pouco diferentes dos seus pares em Janloon. Pessoas simples, parte de uma comunidade de vizinhos que secretamente ajudam vizinhos.

Anden olhou para Cory. O jovem, que em breve se tornaria advogado, estava recostado, com a cadeira inclinada contra a parede, uma perna assente no banco, ainda a prestar alguma atenção à conversa, mas aparentemente mais interessado no seu montinho de biscoitos com compota. Cory tinha uma pele suave, era alto e tinha gémeos musculados devido ao ciclismo. Vestia uma t-shirt com um logotipo, provavelmente de uma banda famosa, e podia muito bem

ser um espeniano. Mas era um Osso Verde; usava jade algures no seu corpo e fora treinado para usá-la. Qual era o lugar dele neste clã?

Rohn Toro acabou o seu chá e levantou-se.

– Vou encontrar o Reams e falar com ele.

– Obrigado, velho amigo – disse Dauk Losun, levantando-se também e acompanhando-o até à porta. – Para além disso, acho que seria uma boa ideia fazeres uma pequena visita ao nosso amigo Tim Joro. O que acontece entre um homem e a sua esposa não é da conta de ninguém, mas quando se torna num problema conhecido na vizinhança e a polícia pode ser chamada, bem, torna-se num problema maior que afeta toda a gente. Refresca-lhe a memória, sim?

Rohn acenou com a cabeça e saiu. Enquanto Dauk Sana insistia para que a Sra. Hian levasse consigo uma travessa com restos, o Sr. Hian recolheu os seus casacos e voltou a saudar o Pilar.

– Dauk-jen, não lhe conseguimos agradecer o suficiente por resolver este nosso problema. Que os deuses iluminem o vosso caminho de bonança.

– Não se preocupem – disse Dauk. – Confiamos completamente no Rohn Toro e já tivemos de lidar com os Gangues no passado. Venham jantar connosco novamente quando quiserem e tragam este moço convosco – apontou um falso dedo severo ao rosto de Anden. – A partir de agora, fica longe de problemas, ouviste? Agora que sabes que duelos não são permitidos. Há maneiras de contornar essa situação, mas não falemos sobre isso agora. Ainda assim, admiro o teu sangue quente. Por te defenderes e recusares que te passem por cima. Um verdadeiro homem kekonês da velha pátria, de alma verde, não como as nossas crianças espenianas sensíveis de hoje em dia – olhou de soslaio para o filho.

Atrás de seu pai, Cory piscou-lhe o olho e disse:

– Vemo-nos por aí, ilhéu.

Anden juntou as mãos e levou-as à testa, despedindo-se. Ainda estava a tentar assimilar tudo o que acontecera esta noite.

– Dauk-jen, tem a certeza de que este plano vai funcionar?

Estava preocupado com os Hians; não conseguia imaginar ser responsável por colocá-los em perigo.

– Não to posso garantir, mas tenta não pensar muito nisso – respondeu-lhe o Pilar. – Há um ditado, sabes? Quando há um problema a ser resolvido, primeiro, o espeniano opta pelo dinheiro, depois recorre à violência. O kekonês opta pela violência, depois recorre ao dinheiro.

Dauk Losun riu-se. Claramente, esta era uma frase que citara frequentemente, visto que tanto a mulher como o filho reviraram os olhos nas suas costas.

– Estamos em Espenia. Da mesma forma que os Hians são os teus pais adotivos aqui, permite-me ser um amigo, para ti e para a tua família.

Anden acenou em agradecimento, ainda que sentisse uma preocupação crescente. Tinha fortes suspeitas de que o Pilar de Southrap, ainda que um homem amigável e genuíno, estendia o seu auxílio não só pela sua afeição aos Hians, mas também pela ligação de Anden à família Kaul. Esperaria ele que, no futuro, esta amizade e favor lhe fossem retribuídos pelo clã Sem Topo? Ficaria severamente desapontado se Anden não conseguisse retribuí-los.

Anden escolheu as suas próximas palavras com cuidado.

– Dauk-jen, só lhe tenho a agradecer. Sou um estranho neste país e só tenho sobrevivido devido à generosidade da comunidade kekonesa. Gostaria de poder falar em nome dos meus primos, mas infelizmente não tenho qualquer poder dentro do clã Sem Topo. É exatamente por essa razão que me mandaram sair de Janloon. Não sou um Osso Verde, mas espero que um dia a minha amizade possa significar algo mais do que significa neste momento.

O Pilar não aparentou ter ficado desapontado com esta sincera confissão. Talvez a sua pesquisa sobre Anden em antecipação ao jantar tivesse revelado a totalidade da sua situação e estivesse ciente do papel de Anden no clã e da sua subsequente rejeição. Estendeu a sua grande mão calejada a Anden e, ao apertá-la, disse:

– Um jovem ilustre como tu? Tenho a certeza disso. As coisas mudam. As circunstâncias levaram a que também a minha família fosse exilada para Espenia, mas não me arrependo de nada.

Capítulo 22 – O Grudge Hall

Anden jogava relayball duas vezes por semana com Dauk Corujon e o seu grupo de amigos, no terreno relvado atrás da escola secundária do bairro. Um dia, duas semanas depois do jantar na casa dos Dauks, o filho do Pillar passara pela casa dos Hians quando Anden estava

cá fora, em cima de um escadote a arranjar uma calha partida. Em vez de continuar a pedalar, como sempre fizera, Cory travara a bicicleta e chamara por Anden.

– Hey, ilheú, jogas relayball?

Anden limpou as mãos nas calças e desceu do escadote.

– Sim.

– E és bom? – perguntou Cory, não de forma arrogante ou com desdém. Simplesmente curioso. O rapaz olhou Anden de cima a baixo.

– Joguei numa equipa na Aca... – de repente, Anden não queria que Cory soubesse do seu passado na Academia. Que fora treinado como Osso Verde. – Na minha escola em Janloon.

– Em que posição jogavas?

– Primeiro defesa.

Cory acenou com a cabeça.

– Fim da tarde de quinta-feira, okay? Eu venho buscar-te.

Empurrou a bicicleta para a frente e começou a pedalar rua abaixo antes que Anden pudesse responder.

Durante o primeiro jogo, Cory apresentou-o a um grupo de rapazes da mesma idade.

– Migalhas, este é o nosso novo primeiro defesa, Andy.

– Anden – corrigiu Anden imediatamente, talvez de forma mais brusca do que intencionara. Sorriu de forma a tentar atenuar a situação, dizendo num tom mais amigável:

– Chamem-me Anden.

Não pretendia voltar a agir de forma constringedora perto do filho do Pilar, agora que finalmente tinham tido uma conversa com mais de vinte palavras e que estava a ser apresentado ao seu grupo de amigos. Acontece que, em Kekon, o seu primo Hilo era o único que o tratava por Andy; parecia estranho que mais alguém o fizesse.

Anden veio a descobrir que era um dos melhores jogadores. Rellayball era o desporto principal em Kekon, mas aqui em Espenia, somente as comunidades kekonesas e shotarianas o jogavam, pelo que os membros mais atléticos da pequena liga formada por Cory levavam outros jogos mais a sério — bootball, ruckets, natação — e só participavam nos jogos para se divertirem às segundas e quintas-feiras na escola. Instaurava-se um ambiente animado com falsos insultos e piadas à custa uns dos outros. Anden tinha dificuldade em acompanhar o calão

espeniano, mas rapidamente estes encontros se tornaram na melhor parte da sua semana. Não se encaixava perfeitamente no grupo, mas tudo bem, a isso ele já estava habituado. Pelo menos estava a tornar-se num membro aceite dentro da comunidade. Independentemente do quão ocupado estivesse com trabalho da universidade, os Hians incentivavam-no sempre a ir.

– É bom que estejas finalmente a fazer amigos.

Cory jogava na posição de finalizador. Era o melhor jogador e o organizador e líder não-oficial da liga do bairro. A princípio, Anden atribuíra-o ao facto de ele ser um Osso Verde e filho do Pilar, mas rapidamente veio a perceber que o rapaz se distinguia por si mesmo. Cory nunca falava dos assuntos do seu pai e, mesmo depois de dois meses a vê-lo duas vezes por semana, Anden ainda não conseguira descobrir onde o rapaz usava o seu jade. Tanto quanto Anden sabia, Cory nunca utilizava vantagens como Força ou Leveza dentro do campo de relayball. Ainda assim, fazia questão que Shun Todorho, o outro Osso Verde que jogava regularmente com eles, fizesse parte da equipa oposta, para tornar o jogo mais justo. Nunca reclamava dos pontos. Mais do que uma vez, quando os ânimos se começavam a exaltar, Anden ouvira-o dizer numa gargalhada:

– Migalhas, estamos aqui apenas para nos divertirmos.

Ainda que o estereótipo mais associado com os kekoneses fosse a rapidez com que partiam para a violência, Cory nunca ficava ofendido, nem ofendia os outros. Parecia dar-se bem com todos. Mesmo quando chamava Anden de “ilhéu idiota”, fazia-o com um piscar de olhos provocador que não podia ser interpretado com maldade.

Anden não conseguia imaginar Cory no papel de Dedo em Janloon. As pessoas não saberiam o que pensar de um Osso Verde tão descontraído, tão desejoso de agradar a quem o rodeava.

Jogaram durante todo o outono, com o vento húmido a ondular nas redes de relayball e as noites a tornarem-se tão frias que precisavam de gorros e de luvas. Numa quinta-feira, foram finalmente expulsos do campo pela primeira grande tempestade de inverno; as nuvens que sempre pairavam por cima de Porto Massy escureceram, cor de ardósia, e a neve gelada caiu sobre a cidade. As pessoas corriam entre carros e edifícios com malas e jornais por cima da cabeça. O terreno acidentado atrás da escola transformou-se num lamaçal encharcado. Durante um passe, Anden escorregou e caiu de costas em cheio numa poça de lama congelada. Nunca tinha sentido tanto frio na sua vida inteira. Ao levantar-se, com os dentes a ranger, com todas as extremidades dormentes e com os óculos sujos e embaçados, decidiu que não era de admirar

que os espenianos fossem conhecidos por terem navegado por todo o mundo, considerando o quão inóspita era a sua terra natal.

Cory deu o dia por terminado; todos se apressaram a ir para casa. Ia ser um desafio tentar pedalar de volta para casa dos Hians com este tempo.

– Não se preocupem que isto já melhora – disse Cory aos dois jogadores que se juntavam a ele e a Anden debaixo do toldo da entrada traseira da escola. – Vamos até ao Grudge Hall. Sempre nos aquecemos e comemos qualquer coisa enquanto esperamos.

Correram dois blocos de Southrap até chegarem ao edifício retangular cinzento que, de fora, se assemelhava a uma escola ou a uma biblioteca. Na grande placa branca na entrada principal lia-se CENTRO COMUNITÁRIO KEKONÊS, em espeniano e em kekonês. Anden passara por este edifício várias vezes. Por curiosidade, numa manhã de domingo, entrara lá dentro. À sua direita, descobrira um pequeno altar deitísta, com um pequeno poster emoldurado do mural do Exílio e do Retorno, pendurado na parede em frente a uma dúzia de almofadas verdes desbotadas e a uma fila de velinhas de incenso já gastas. À sua esquerda, uma cozinha no estilo de cantina era o cenário preenchido por várias mesas e cadeirões ocupados por pessoas idosas. Estas jogavam xadrez circular ou liam jornais antigos e livros bastante usados, retirados da biblioteca de língua kekonesa, a qual consistia numa série de estantes não supervisionadas na parede ao fundo da sala. Ao fim do corredor, havia uma pequena sala de exercício com algum equipamento e um horário das aulas afixado na porta. A creche era da responsabilidade de dois adolescentes.

– O centro comunitário? – perguntou Anden, cético. Os seus lábios estavam dormentes do frio. Atravessaram a rua gelada pelo meio do trânsito. Não parecia ser o lugar ideal para um grupo de jovens passarem o serão de quinta-feira. – Era a isso que te referias com Grudge Hall?

Um dos amigos de Cory, Ledt Derukun, deu uma gargalhada, mas o outro, Shun Todorho, disse:

– Isso é só a fachada do edifício, migalha. O Grudge Hall fica na cave; entra-se pela traseira.

Deram uma corridinha até à parte de trás do edifício cinzento, chegando a um par de portas metálicas onde, para surpresa de Anden, um toldo de metal portátil abrigava uma longa fila de pessoas — a maior parte homens, mas também mulheres — novas e velhas, a esfregar os braços e a bater com os pés contra o frio enquanto esperavam a sua vez de entrar. Cory

guiou-os até à porta. O segurança, um homem bastante musculado vestido com uma gabardina forrada a lã, disse:

– Cory, já lá vai algum tempo – acenou com a cabeça para os outros dois. – Derek, Tod, que bom ver-vos.

– Hey, Sano – disse Cory, apertando a mão do segurança e chocando o seu ombro no dele. – Que noite horrível, mas talvez tenha chamado mais pessoal para aqui, não é? Os meus pais estão?

– Claro que sim – o homem empurrou a porta de metal e deu um passo ao lado, deixando-os passar à frente de todos os outros que esperavam na fila.

Anden ficou surpreendido; era a primeira vez que via Cory a aproveitar-se do seu estatuto enquanto filho do Pilar. O segurança parou antes que Anden pudesse entrar.

– Ele não – disse Sano em kekonês, olhando para Anden com reprovação e virando-se para Cory. – Sabes as regras. Estrangeiros no Grudge Hall só às terças-feiras e são vinte thalirs.

– Ele é um de nós – disse Cory. – Direitinho da ilha, até. Joga relayball como um profissional.

– Ai é? – perguntou Sano, dirigindo-se a Anden. – Tu és kekonês?

– Nasci em Janloon – disse Anden. – A minha família mandou-me para cá para estudar.

– É verdade – disse Cory. – Podes perguntar ao meu velhote; ele pode confirmar.

Sano ergueu o sobrolho.

– Quem diria – disse ele, deixando Anden passar.

Uma vez lá dentro, o calor do aroma quente da comida atingiu Anden de uma só vez. Encontravam-se num grande salão aberto, com traves expostas e chão cimentado. Parecia ter sido originalmente construído para servir de garagem ao centro comunitário. Atrás das longas mesas brancas estavam pequenos fogareiros, onde as pessoas se serviam de sopa de noodles picantes, pão frito quentinho e pastéis kekoneses em tabuleiros. Havia também bolinhos de batata recheados com queijo e os ilustres reбуçados azedos sempre presentes em eventos desportivos espenianos. Já se formava uma fila perto da pequena plataforma onde tinha sido colocado o barril de hoji.

– Vamos arranjar uma mesa para nos sentarmos primeiro – sugeriu Tod.

Atravessaram a sala e desceram um lance de escadas. Anden estava a tentar conciliar o ambiente pouco inspirador da parte da frente do edifício com a animação da parte traseira. Na

cave, pequenas mesas e bancos ao longo das paredes de tijolos estavam ocupados; as pessoas asseguravam os seus lugares, marcando-os com casacos pendurados nas cadeiras. Tod e Derek encontraram quatro lugares livres junto ao radiador barulhento. Anden seguiu-os lentamente, distraído. Uma zona do tamanho de um campo interior de ruckets estava delineada com uma corda azul e rodeada por longos bancos. No centro, decorria uma luta de galos. Aqueles que apostavam debruçavam-se sobre a barreira, gritando entusiasmados ou barafustando a sua decepção à medida que um dos galos caía, derrotado pelas garras de aço do seu oponente, num pandemónio de penas.

Cory guiou-os até à mesa onde estavam os pais a comer noodles fumegantes em tigelas de plástico descartáveis e a falar com Rohn Toro — o homem que Anden considerava o Chifre de Southrap — e dois outros que Anden não conhecia, mas suspeitava que também fossem Ossos Verdes.

– Bem, acabou a época de relayball; choveu-nos em cima até sermos expulsos do campo, por isso decidimos vir até cá. Trouxe os meus migalhas.

Sorriu e cumprimentou os outros homens à mesa, os quais lhe deram palmadinhas nas costas com afeto, perguntando-lhe se estava entusiasmado com a sua futura faculdade de direito.

Dauk Losun irradiou um sorriso ao ver Anden, chamando-o.

– Meu jovem amigo de Janloon! É a tua primeira vez no Grudge Hall, não é?

Anden acenou em afirmação. Com o início de mais uma luta de galos, o entusiasmo fazia-se ouvir. O Pilar levantou a voz.

– Agora que já te conhecemos, és sempre bem-vindo. Mantemos algumas tradições da ilha, verás. Algumas são mais sérias, mas a maior parte são por diversão.

– Já agora, no que diz respeito ao nosso pequeno problema, já está tudo resolvido – disse Rohn Toro. – Não precisas de te preocupar.

– Muito obrigado, Rohn-jen – disse Anden, aliviado. – Não tencionava causar problemas a ninguém.

– Pelo que sei, tens sido uma grande ajuda para os Hians. Mais ainda do que os próprios filhos, sempre ocupados demais para os visitar – Dauk Sana estalou a língua em desaprovação. De seguida, deu uma pancadinha no braço de Anden. – Já comeste? Tens mesmo de provar os noodles da senhora Joek.

Anden e Cory voltaram para a sua mesa, junto de Tod e Derek, e foram à vez buscar comida e bebida. Rapidamente, as roupas de Anden secaram; estava bastante calor na cave e quanto mais pessoas chegavam e preenchiam o espaço, mais desconfortável e abafado o ambiente se tornava, mas ninguém se parecia importar. A luta de galos aparentava ser a atração principal, mas também se jogava às cartas, bebia-se e socializava-se. Anden ouviu múltiplas conversas e discussões sobre o envolvimento de Espenia na Guerra de Oortoko. Duas jovens dirigiram-se à mesa deles, com um olhar provocador.

– Olá, Cory – uma delas fez beicinho. – Tens andado desaparecido.

– Ah, Tami. Estou aqui agora, não estou? – Cory deu-lhe uma palmada no rabo e puxou-a para o seu colo. Ela deu um grito de falsa indignação e colocou os braços à volta dos ombros de Cory.

Anden desviou o olhar, desconfortável. Bebeu mais um golo da sua tigela de noodles quentes, os quais eram merecedores da recomendação de Dauk Sana, virando-se para Tod.

– Não fazia ideia de que este sítio existia. É sempre assim?

– Não, temos noites específicas – Tod olhou para Cory, passando-lhe a palavra para que pudesse explicar, mas o filho do Pilar parecia distraído, pelo que Tod se voltou para Anden. – Quando não é um salão de convívio, é um ginásio para treinos.

Anden olhou à sua volta e viu os tapetes azuis de ginásio dobrados a um canto contra a parede, blocos de madeira empilhados e armários de equipamento fechados.

– Um ginásio para Ossos Verdes – disse ele.

A conversa no salão parou de repente. A rapariga saiu relutante do colo de Cory e voltou para a sua mesa com a amiga. Uns adolescentes distraídos a um canto continuaram a conversar, mas foram silenciados com hostilidade por outro grupo de adultos. Anden virou-se no seu banco, vendo que a última luta de galos havia terminado e, agora, dois homens saltavam por cima das cordas azuis para dentro do campo. Tiraram as botas, despiram as camisas, e entregaram-nas aos amigos que se encontravam do outro lado das cordas, antes de se encararem.

O barulho da cadeira de Dauk Losun a arrastar-se fez-se ouvir claramente quando este se levantou. À primeira vista, nada distinguia o Pilar daqueles à sua volta. O seu lugar no salão era igual a todos os outros; vestia um blusão vermelho e limpava a boca num guardanapo de papel ao levantar-se. No entanto, ninguém abriu a boca quando Dauk tossira e enunciara:

– Orim Rudocun, é-lhe apresentada uma lâmina limpa por Yoro Janshogan. Aceita?

– Sim – disse um dos homens, o de estatura mais volumosa. Nenhum deles empunhava uma lâmina. Levaram as mãos juntas às respectivas testas, numa saudação breve, mas não ofereceram quaisquer orações aos deuses.

Yoro, que havia desafiado o outro homem, lançou-se ao seu oponente num grito de raiva. A luta terminou rapidamente. Yoro embateu com o ombro no peito de Orim. Tropeçaram juntos contra as cordas azuis, derrubando-as ao mesmo tempo que Yoro arrastava o seu oponente no chão pelo pescoço. Rebolaram emaranhados durante um minuto. Orim debateu-se e golpeou Yoro em cheio na face, mas este conseguiu ficar por cima e levou as mãos ao pescoço do adversário. Rosnando, sacudiu o outro homem — a nuca de Orim bateu contra o chão cimentado com um baque que fez todo o público no salão estremecer — depois, pressionou os antebraços cruzados contra a traqueia de Orim, inclinando-se para a frente e pondo todo o seu peso e vontade sobre o homem. Orim debateu-se, tentando pontapear e arranhar os braços de Yoro. No salão, ninguém se mexeu. Alguns sussuros preocupados começaram a fazer-se ouvir.

Passaram-se alguns segundos; a cara de Orim estava roxa. Dauk Losunyin levantou-se novamente e disse, numa voz severa e preocupada:

– Senhor Orim, rende-se? Se sim, levante as mãos.

Por um segundo, Anden achou que Orim se recusaria, consentindo a ser sufocado até à morte. Depois, relutante, abriu as mãos num gesto de submissão. Yoro cuspiu com desdém, soltando o homem, levantando-se e afastando-se para reaver a sua camisa e as suas botas, estancando a própria boca ensanguentada com as costas da mão. Orim permaneceu no chão, ofegante. Dois dos seus amigos levantaram-no até que se sentasse, segurando-o pelos braços e retirando-o do salão.

Alguém ajeitou a corda que fora derrubada. O Pilar voltou a sentar-se. Anden passou os olhos por Dauk; parecia aliviado, sussurrando algo ao ouvido de Rohn Toro. As pessoas regressaram às suas mesas e a conversa recomeçou no salão.

– Acreditas que o Orim e o Yoro costumavam ser grandes amigos? – disse Derek.

– Uma parceria de negócios que não deu certo – explicou Cory, em resposta ao olhar questionador de Anden. – O Orim diz que o Yoro lhe roubou dez mil thalirs. Por sua vez, o Yoro diz que fez todo o trabalho enquanto o Orim fazia negócios, mas era com a namorada do Yoro nas suas costas.

Cory desembrolhou um rebuçado azedo e levou-o à boca. Ofereceu um a Anden, que recusou. Não compreendia como é que era possível alguém gostar do sabor daquilo.

– O meu pai estava preocupado que levassem este duelo até ao fim – disse Cory, em voz baixa. – Não acontece frequentemente, só se houver alguma coisa mesmo séria. Mas ainda bem que o Orim se rendeu. Ninguém quer a polícia cá a bisbilhotar.

Anden estava chocado com o que presenciara. Não pelo duelo em si, mesmo com todas as diferenças nos costumes, mas desde o seu encontro no parque com o gângster, Carson Sunter, que tivera a grande preocupação de tentar aprender todas as regras de Espenia.

– Pensava que os duelos eram ilegais – disse ele.

– Migalha, em Espenia é tudo ilegal – Derek riu-se. – Até lutas de galos.

Cory deu uma pequena palmada no braço de Anden de forma tão tranquilizadora que o surpreendeu e o fez corar um pouco.

– Nah, a lei é complicada. E, normalmente, negociável.

– Grandes palavras vindas de um aspirante a advogado – disse Derek.

– Shun Todorho! – ouviu-se um grito do centro do salão. No mesmo sítio onde o duelo de lâmina limpa tinha acabado de acontecer, encontrava-se agora um jovem rapaz. – Tod, onde estás?

Apontou por entre a multidão para a mesa de Anden, cruzando os braços numa postura de falsa indignação.

– Tenho ouvido dizer que a tua Deflexão é melhor do que a minha Leveza. Queres testar esse rumor de treta?

Pés começaram a bater no chão em aplauso por todo o salão. Cory deu uma palmada encorajadora nas costas de Tod e gritou de volta ao outro homem:

– Ele ainda só bebeu dois copos, Sammy. Tens a certeza de que não queres esperar?

Shun Todo levantou o copo e esvaziou-o dramaticamente goela abaixo. Depois, bateu com o copo na mesa, levantando-se de mãos ao alto, demonstrando que anuiria às exigências do público.

– Etto Samishun – rosnou Tod. – Pela tua arrogância, eu apresento-te... um pontapé no cu.

Mais pés bateram no chão, aplaudindo à medida que Tod passava por cima da corda azul. Contrastando com a sensação de seriedade mortal do duelo anterior, o ambiente no

Grudge Hall era agora jovial; era óbvio que esta era uma luta realizada na desportiva, o tipo de desafio sociável que os kekoneses organizavam frequentemente.

Sammy, que iniciara o desafio, agachou-se, numa postura exagerada de concentração. Tod, sorrindo, encarou o público e desfilou de braços abertos, encorajando-os a fazer mais barulho, ao que lhe responderam com um entusiasmo semelhante ao encontrado em eventos desportivos espenianos, pensou Anden, tornando toda a situação longe de ser tradicionalmente kekonesa.

Tod rodou sobre si mesmo e lançou uma rajada de Deflexão contra Sammy, o qual se desviou com Leveza, gritando em provocação. A Deflexão atingiu algumas das pessoas perto do ringue, as quais seguraram as suas bebidas e se agarraram às mesas e cadeiras. Uma travessa de comida voou disparada. Tod lançou mais duas Deflexões em rápida sucessão na direção de Sammy, o qual teve dificuldade em se esquivar, pelo que saltou diretamente sobre a cabeça de Tod, aterrando atrás dele.

Cory aplaudiu, gritando:

– Acaba com isso, Tod!

O amigo virou-se e fintou para cima, lançando uma larga Deflexão baixa que apanhou o outro homem pelos joelhos a meio de um salto, arremessando-o contra o chão. Sammy rebolou, erguendo as mãos, rindo e fingindo encolher-se de medo enquanto Tod fingia saltar-lhe para cima e encenava derrotá-lo. O público no salão aplaudia.

Os dois Ossos Verdes abraçaram-se amigavelmente antes de passarem por cima da corda e voltarem aos seus lugares por entre aplausos.

– Aquilo foi mesmo fixe – disse Derek quando Tod se voltou a sentar.

– Mesmo muito fixe, migalha – reforçou Cory.

Anden acenou concordando, ainda que, na verdade, não tivesse achado a luta particularmente impressionante. A maneira como Tod e Sammy tinham utilizado as suas habilidades de jade era diferente e parecia, de certa forma, ineficiente. A Deflexão de Tod tinha precisão, mas pouca potência; a Leveza de Sammy era ágil o suficiente, mas faltava-lhe a velocidade que poderia obter com um pouco mais de Força. No geral, era o esperado de estudantes do quinto ano da Academia.

Estes eram pensamentos mesquinhos, Anden repreendeu-se a si mesmo. Aqui, os Ossos Verdes não recebiam a mesma educação completa nas disciplinas de jade. O pouco jade que carregavam, tinham de manter escondida. Treinavam em segredo, numa cave abafada do centro

comunitário, em vez de num *campus* extenso de uma escola como a Academia. Qualquer orgulho ou estatuto advindo de serem verdes só tinha impacto aqui, dentro da comunidade kekonesa, em noites como esta.

Durante todo o serão, Anden considerara o Grudge Hall um lugar estranho e desconfortável. Agora compreendia porquê: era uma versão destilada da cultura kekonesa — a comida e o hoji, as lutas de galos, os jogos de azar, a vida social, os duelos de lâmina limpa e a celebração de habilidades de jade — uma amálgama de tradições sob um só telhado numa só noite. Tudo isto causava uma grande sensação de estranheza em Anden. Era completamente kekonês e, ao mesmo tempo, não era kekonês de todo.

Distribuiu-se mais comida e bebida, conversava-se em todas as mesas. Decorreu mais uma luta de galos. Encorajados pelos amigos, outros Ossos Verdes desafiaram-se uns aos outros em disputas de Força e Ferro. Passado algum tempo, Tod, que tinha de trabalhar na manhã seguinte (era assistente de gerente numa loja de eletrónica), levantou-se para se ir embora. Anden, que não queria deixar os Hians preocupados por estar fora até tão tarde, pousou a sua bebida e seguiu-o.

– Vai estar muito frio e escuro a esta hora – disse Cory. – Deixem-me ver se o meu pai está a pensar ir embora em breve. Pode ser que nos dê boleia.

Anden não queria incomodar Dauk Losun, mas Cory não hesitou em pedir boleia a seu pai, o qual respondeu:

– Claro, sem problema. Não há necessidade de eu ficar mais tempo.

No entanto, antes que pudessem ir embora, a Sra. Joek, a senhora dos noodles, desceu as escadas do Grudge Hall, correndo para a mesa do Pilar.

– Dauk-jens – exclamou ela. – Temos polícias. Dois deles.

Na cave lotada, as suas palavras foram ouvidas imediatamente. As conversas silenciaram-se; as cabeças viraram-se ansiosamente em direção à mesa do Pilar. Para surpresa de Anden, Dauk Sana levantou-se imediatamente e dirigiu-se ao andar de cima. O marido não a seguiu; levantou a voz e disse calmamente, ainda que alto o suficiente para ser ouvido:

– Pessoal, fiquem onde estão e continuem a disfrutar da noite. Não se preocupem – virou-se para o filho. – Tu e os teus amigos, voltem para os vossos lugares.

Anden voltou a sentar-se. O ambiente no salão estava pesado de inquietação e de sussurros agitados. Anden observou Rohn Toro a levantar-se do seu lugar, posicionando-se a

um canto perto da porta. Retirou as suas luvas pretas do bolso de peito da camisa e vestiu-as. Depois, encostou-se contra a parede e cruzou os braços.

Dauk Sana regressou minutos depois, falando em voz alta num sotaque espeniano ao descer as escadas.

– Claro, sim, licença para alimentos, licença para bebidas alcoólicas. Posso mostrá-las, senhores agentes.

Chegou ao fim das escadas. Seguiam-na dois polícias de Port Massy, de botas pesadas e barulhentas, com as palas dos chapéus e os ombros dos uniformes cobertos de gelo.

– Não é um restaurante, nem um bar – continuou Sana. Há um minuto, estivera calma. Mas agora, agia extremamente nervosa, esfregando as mãos. – É apenas uma festa. Festa do bairro.

Os policiais olharam desconfiados à volta da cave.

– Uma festa, é? – disse o mais velho dos dois. – Qual é a ocasião? O que é que vocês kekos andam a fazer aqui em baixo? A lutar? A vender jade?

Sana olhou-o horrorizada e insultada.

– Não, claro que não. Será que não anda a ver muitos filmes? Só porque somos kekoneses, pensa que usamos todos jade como gângsters? – apontou à volta para as mesas repletas de pessoas, homens e mulheres, novos e velhos. – Não nos podemos reunir para comer e beber e passar um bom bocado junto da nossa comunidade numa noite tempestuosa como esta, sem que suspeitem de nós?

O mais novo dos polícias mostrou-se um pouco envergonhado ao ouvir Sana, mas o mais velho deslocou-se até ao centro do salão e tossiu, chamando a atenção para as marcas de sangue e penas no chão. Levantou um cobertor que havia sido lançado por cima de um dos bancos e inclinou-se, observando os galos nas suas gaiolas. Endireitando-se com um olhar presunçoso, disse:

– Lutas de galos são crime, senhora. A multa é de dois mil thalirs e podíamos fechar este edifício inteiro.

Sana respirou fundo.

– Por favor, senhores agentes – disse ela. – Nós pagamos a multa. Não temos muito dinheiro, mas compreendemos que existem consequências quando se infringe a lei. Pagaremos todos.

Como se fosse a sua deixa, um dos homens na mesa mais próxima retirou o seu chapéu e começou a passá-lo à volta do salão. Todos os presentes agarraram nas suas carteiras e depositaram dinheiro no espontâneo mealheiro coletivo. Sana aparentava estar à beira das lágrimas; torceu a ponta do cachecol nas mãos e disse aos agentes:

– Temos de organizar algumas lutas de galos de vez em quando, por causa dos mais velhos, especialmente. Sabe, não é ilegal no nosso país de origem. Eles trazem os galos e não posso dizer sempre que não. Por favor, não revogue as nossas licenças por algo tão insignificante.

Lançou-lhes um olhar suplicante.

– O centro comunitário é o coração da vizinhança, serve toda a gente. Há um altar, uma biblioteca e uma creche no andar de cima. Algumas pessoas, umas muito velhas, outras muito novas, vêm até cá para comer em companhia quando não têm outro sítio para onde ir. Sim, às vezes damos festas na cave, mas o pior que acontece são lutas de galos e alguma bebida.

Uma menina de cerca de dez anos correu até Sana com um chapéu cheio de dinheiro. Sana agradeceu-lhe, pegando no chapéu e contando o dinheiro numa mesa próxima.

– Dois mil quatrocentos e cinquenta thalirs – disse ela, empilhando as notas. – Mais do que necessário, mas pagamos extra. Só queremos manter o nosso centro comunitário aberto.

Colocou o dinheiro nas mãos do polícia mais velho e sorriu para o mais novo.

– Por favor, senhores agentes. Apreciamos todo o vosso trabalho árduo.

Os polícias olharam à volta do salão, encarando as expressões esperançosas e cautelosas dos kekoneses que os observavam. Passaram pela mesa de Dauk Losunyin sem atenção especial. O Pilar, à semelhança de todos os outros, ouvia o que se passava, mas estava recostado na sua cadeira, de mãos cruzadas, sem atrair qualquer atenção para si mesmo. Rohn Toro não tinha saído do seu lugar junto à parede perto da porta.

– Vou deixar-vos com um aviso desta vez – disse o polícia mais velho, como se tivesse ponderado o assunto e chegado a uma decisão relutante.

Num gesto deliberadamente dramático, levou o dinheiro ao bolso interior do casaco. Sana encolheu-se, visivelmente aliviada.

– Obrigada; são muito amáveis – murmurou agradecida.

– Vocês, kekos, devem manter os vossos narizes limpos e ter cuidado com a lei de agora em diante – disse o polícia mais velho. – Jade é ilegal. Já o devem saber por esta altura. Se forem apanhados a usá-la ou a vendê-la, dá tempo de prisão.

Sana assentiu com veemência.

– Também estamos preocupados com o jade – insistiu ela.

Começou a guiar os polícias para fora do Grudge Hall, escadas acima.

– Os Gangues estão sempre a armar confusão nesta parte da cidade. Diz-se que agora querem pôr mãos ao jade. Todos os kekoneses sabem que uma substância tão perigosa não deve ser utilizada por pessoas comuns; certamente, não por criminosos. Por isso é que precisamos da polícia.

Virou-se para o polícia mais jovem:

– Gosta de comida kekonesa? Gostaria de uma sopa de noodles, antes de voltar para o frio lá fora?

As suas vozes foram desaparecendo à medida que subiam as escadas. Lentamente, a tensão no salão foi-se dissipando. As pessoas relaxaram e voltaram às suas conversas normais, assim que se tornou claro que os polícias se tinham ido embora. Rohn Toro esperou um minuto antes de se voltar a sentar.

Dauk Losun dirigiu-se à mesa deles, novamente com uma expressão amigável.

– Eles voltarão. Isto acontece a cada poucos meses, exatamente da mesma maneira.

Sorriu e deu uma palmadinha no ombro de Anden.

– Pareces preocupado. Não estejas. A polícia de Porto Massy funciona da mesma forma que os Gangues: exigem pagamentos e não oferecem nada em troca.

Anden acenou com a cabeça, ainda que não compreendesse. Nunca lhe tinha ocorrido ter medo da polícia em Janloon. Quando o seu primo Hilo era o Chifre, encontrava-se frequentemente com a polícia de modo a alertá-la para zonas afetadas por pequenos crimes, denunciar gangues de rua que andavam a causar problemas, indicar onde deviam organizar rusgas; pelo que Anden sempre considerara a polícia como um corpo de funcionários públicos, úteis para os clãs, não um obstáculo aos mesmos. Aparentemente, em Espenia, havia uma série de regras e regulamentos subjetivos que até o Pilar de Southrap tinha o cuidado de não perturbar.

– Tenho de ficar mais um bocadinho, para me certificar de que está tudo bem – disse o Pilar. Sacou as chaves do carro do bolso da sua camisola e entregou-as ao filho. – Mas já é tarde, não quero que os Hians se preocupem com o Anden. Leva os teus amigos a casa e depois vem buscar-me.



O carro do Pilar, uma station wagon verde, estava estacionado no parque traseiro. Cory ligou o carro e pôs o aquecedor no máximo, no modo para descongelar, enquanto Anden e Tod raspavam o gelo dos pára-brisas dianteiro e traseiro. Dentro do carro, as respirações embaçaram os vidros. Cory conduziu, deixando primeiro Derek e depois Tod em casa. Os velhos limpadores pára-brisas raspavam o vidro, e as luzes dianteiras do carro iluminavam o caminho molhado à medida que navegavam em direção à casa dos Hians, do outro lado de Southrap.

Na esquina da rua, a um quarteirão de distância da casa, Cory estacionou o carro no passeio. Desligou o motor e virou-se para Anden. Os seus olhos brilhavam, refletindo a luz da rua, mas, de repente, a sua expressão era ilegível no escuro.

– Estás a perguntar-te onde está, não é? – perguntou ele. – O meu jade.

Anden sentiu o calor a subir-lhe pelo pescoço. Em resposta, forçou-se a olhar o outro jovem nos olhos. Cory abriu o fecho do casaco. Libertando-se deste, virou-se no lugar do condutor de modo a encarar Anden e levantou a blusa. A luz da rua iluminou-lhe o tronco nu. Anden engoliu em seco. Os seus olhos percorreram o peito de Cory, até ao trio de pedras de jade que perfuravam o umbigo do rapaz.

Anden tentou desviar o olhar, mas não conseguiu; os seus olhos continuaram a percorrer a linha em direção aos pelos finos e escuros que desapareciam sob o cós das calças de Cory. A pele dos braços de Cory estava arrepiada de frio. Devia dizer alguma coisa, pensou Anden. Talvez Cory estivesse à espera de que ele o fizesse, mas tinha medo de abrir a boca e dizer algo de errado.

Cory permaneceu também em silêncio. Inclinou-se e agarrou no pulso de Anden, puxando-o até que as pontas dos dedos frios de Anden lhe tocassem na pele exposta. Lentamente, Anden pousou a mão no abdómen do rapaz. Sentia a pulsação a bater na palma da mão. No espaço confinado do carro, de repente, conseguia ouvir a sua própria respiração, ruidosa e instável.

Nesse momento, Cory olhava-o com desejo. Guiou a mão de Anden pelo seu estômago, como se ajudasse um cego a ler braille. Ao tocar nas sólidas e suaves pedras de jade, uma sensação intensamente deliciosa e de ligeira náusea percorreu Anden, como a de algo doce, mas já demasiado maduro, atingindo-o no fundo da garganta e caindo-lhe pesadamente no estômago. A aura de jade de Cory vibrava dentro dele, quente de desejo, como uma pedra negra a cozinhar ao sol. Anden queria pressionar-se contra ela, agarrá-la gananciosamente, deixá-la envolvê-lo por completo, mas o seu corpo lembrava-se do sabor da energia de jade da mesma forma que um alcoólico se lembra do seu último coma alcoólico — com um murmúrio de desejo desesperado e uma repulsa visceral. Queria perder-se nela; queria afastar-se dela. Os dois impulsos colidiram; Anden congelou, o braço tremia-lhe. Os seus olhos encontraram os de Cory, observando a confusão na expressão do seu amigo a transformar-se em compreensão. Devagar, o jovem rapaz largou o pulso de Anden. Deixou cair a blusa e vestiu o casaco.

Anden recolheu a mão, pousando-a no seu colo. A sua face estava vermelha de remorsos e de vergonha.

– Desculpa – murmurou ele.

– Já usaste jade – disse Cory. – Foste treinado como Osso Verde numa das escolas de Janloon, não foste?

Foi uma pergunta colocada como afirmação, mas nas entrelinhas, escondia-se outra pergunta, subjacente.

Um segundo depois, Anden acenou com a cabeça.

– Suponho que não tenha sido difícil de adivinhar — com dificuldade, ergueu o olhar.
– Estás a perguntar-te porque já não a uso.

A princípio, Cory não respondeu.

– Não precisas de me dizer, migalha.

Anden enfiou os punhos dentro dos bolsos do seu casaco de lã. A sua respiração ofegante de repente parecia-lhe claustrofóbica, limitada pelo carro. Sem olhar para Cory, começou a falar.

– No meu último ano na Academia, a minha família estava em guerra com outro clã. Um dos meus primos, o Pilar... foi assassinado.

Há mais de um ano que não falava sobre Lan.

– Mesmo antes de obter o diploma, eu queria fazer o que fosse possível para o vingar e para ajudar a vencer a guerra. Eu... eu matei um homem. Alguém importante. Alguns homens, para dizer a verdade.

As palavras que lhe saíam da boca soavam-lhe vagas e imateriais; não conseguia imaginar que quem ouvisse conseguisse compreender completamente o seu significado. Certamente, não alguém tão afastado da situação como Cory Dauk.

Lentamente, Cory acenou com a cabeça.

– Não queres ser um assassino.

Anden ergueu os olhos, um pouco surpreendido. Não era isso, de todo. Às vezes, era necessário acabar vidas; todos os membros da sua família o tinham feito quando era necessário. Tentou pensar na melhor forma de explicá-lo, para que pudesse comunicar de que maneira isto era diferente, como o tinha afetado profundamente, o quão trágico, exaltante e doloroso tinha sido.

– Não quero gostar de o fazer – disse ele.

Cory considerou-o por um longo momento. Esfregou as mãos tentando aquecê-las e depois chegou-se mais perto do limite do seu lugar; de repente, estava a centímetros de Anden, o seu olhar mais contido, mas ainda insistente.

– És a pessoa mais interessante que conheci nos últimos tempos, ilhéu.

Inclinou-se e beijou Anden nos lábios.

Os lábios de Cory estavam gelados, mas não a sua língua. Deslizou-a, por um instante, sobre os dentes inferiores de Anden. O beijo acabara tão depressa que Anden tinha dificuldade em acreditar que acontecera de todo. Quando Cory se afastou, Anden agiu quase sem pensar, inclinando-se para a frente e agarrando o outro homem pelo seu casaco.

O segundo beijo demorou o tempo suficiente para que Anden sentisse o sangue a subir-lhe à cabeça, as suas respirações a misturarem-se e a embaçar as janelas, o calor da aura de jade de Cory a percorrer-lhe a pele. Quando se separaram, Anden conseguiu dizer:

– Eu... Eu pensava que gostavas de raparigas.

Cory riu-se.

– E gosto – inclinou-se novamente, os lábios contraídos em gozo. – E gosto de ti, migalha. És um paradoxo. Pareces saído de uma publicidade de revista, mas és tão... Kekonês. É muito sensual.

Cory torceu o nariz, a sua expressão era provocadora ao deslizar a mão sobre a perna de Anden.

– Não és como o resto de nós, kespies.

– Kespies? – disse Anden.

– Kespenianos. Tu sabes, kekoneses-espenianos.

Cory começou a roçar a mão sobre o centro das calças de Anden. Anden ficou muito quieto, não ousando mexer-se, ainda que parecesse que todo o sangue do seu corpo tivesse descido em direção à sua virilha. Cory desabotoou a parte de cima das calças de Anden e deslizou a mão sob o cós. Os dedos frios encontraram o caminho até aos seus pelos, começando a tocar-lhe e a circundar-lhe o membro endurecido.

Anden soltou um barulho inarticulado. Excitação e terror preenchiam-no simultaneamente.

– Espera, eu... – arquejou, mas não conseguiu continuar; Cory abriu o resto do fecho das calças de Anden, puxando-as para baixo e inclinando o rosto junto ao colo de Anden. Anden não acreditava que isto estava a acontecer. De certa forma, parecia inadequado deixar que Cory fizesse isto — ele era o filho do Pilar, para com quem Anden estava em dívida — mas também parecia errado tentar impedi-lo. Sentiu a boca de Cory. O calor súbito e extraordinário inundou Anden, fazendo com que revirasse os olhos. Deixou de conseguir pensar claramente sobre o que quer que fosse.

Acabou rápido de mais, Anden sentiu-se culpado. Gostaria que tivesse demorado mais tempo, mas de certa forma até estava aliviado, ainda que também desapontado. Era como se tivesse experienciado um dos momentos mais memoráveis da sua vida até então, ainda que o clímax em si não tivesse sido o melhor. Furtivo e inesperado, emocionante, um pouco desconfortável. Cory afastou-se e levou a mão à boca, limpando-a. Anden arrepiou-se com o choque do ar frio na sua virilha exposta e molhada. Abotoou-se rapidamente, ainda perdido, sentindo-se completamente fora de controlo.

– Nunca tinhas estado com um homem, não é? – disse Cory.

Sem o encarar completamente, Anden abanou a cabeça. Tinha vinte anos, mas nunca tinha estado intimamente com ninguém. Uma vez, durante o Dia do Barco há três anos, quando vários dos seus colegas da Academia tinham ido a um bar e se tinham embebedado, uma das suas colegas beijara-o durante um longo minuto preenchido por cheiro a bebida, colocando a sua língua na boca dele. Mas isso não contava.

Cory inclinou-se e levou os lábios levemente ao canto da boca de Anden, num movimento estranhamente terno e inocente.

– Okay – disse ele. – Vamos devagar, então.

Anden queria rir-se aos berros, histericamente, porque tudo o que acontecera esta noite tinha sido, na sua opinião, tudo menos devagar. As janelas do carro estavam embaçadas. Grandes e brancos flocos de neve começaram a cair. Ao fim da rua, as luzes da casa dos Hians ainda estavam acesas. Anden imaginou a Sra. Hian acordada depois da sua hora de deitar, sentada à mesa da cozinha para se certificar de que ele chegava a casa são e salvo nesta tempestade.

– Tenho de ir – disse ele. Devia dizer mais alguma coisa, mas o quê?

– Vemo-nos por aí, ilhéu – disse Cory, com um pequeno sorriso.

Anden saiu do carro. Puxou o casaco, agasalhando-se, e caminhou rua abaixo andando pelo passeio. Os faróis do carro iluminaram-se, a luz recaíndo-lhe sobre as costas, projetando a sua sombra no asfalto molhado. Ao chegar ao alpendre da casinha que, após oito meses, começara finalmente a ser um lar, ouviu o motor do carro a ligar-se e Cory passou por ele, raspando os pneus na lama. As luzes traseiras desapareceram ao virar da esquina.

Capítulo IV

Comentário de Tradução

Ao longo da tradução dos capítulos selecionados, foram recolhidos 96 casos relevantes dos quais alguns serão agora discutidos, de modo a analisar a sua passagem do texto de partida para o texto de chegada, no contexto da tradução de literatura fantástica. Durante a tradução dos capítulos selecionados, foram adotadas principalmente quatro estratégias: tradução literal, não-tradução, adaptação para a grafia portuguesa e a criação de neologismos.

Estes casos serão agrupados de acordo com a sua função na narrativa, nomeadamente: a categoria Mundo Fantástico, a qual se subdivide em Nomes e Títulos, Clãs e Sistema Hierárquico, Locais e Nacionalidades, e Calendário; a categoria Expressões Culturais, a qual se subdivide em Gastronomia, Desporto, Religião e Magia; e a categoria Expressões Linguísticas, a qual se subdivide em Formas de Tratamento, Calão, Gíria e Agramaticalidades.

A categoria Mundo Fantástico irá focar-se nos nomes das personagens e nas designações associadas ao tempo e ao espaço, tanto físico como político, em que estas se inserem dentro da sociedade em que se encontram. A categoria Expressões Culturais engloba os elementos que contribuem para a formação do contexto cultural em que se inserem as personagens através da designação de comidas, religiões, desportos e do uso da magia associada à pedra de jade. Por fim, a categoria Expressões Linguísticas focar-se-á nas interações entre as personagens, realçando a forma como o diálogo contribui para a formação do contexto sociolinguístico em que estas se inserem.

1. Mundo Fantástico

Ao analisar a construção de um mundo no contexto de uma narrativa, a verdade é que todos os casos selecionados poderiam, de certa forma, ser categorizados como tendo esta função: a de contribuir para a imersão do leitor num mundo secundário, isto é, como já referido anteriormente, o mundo fantástico em que decorre a narrativa. No entanto, de modo a agrupar casos semelhantes e compreender de que forma foram traduzidos, esta categoria abordará os elementos que contribuem para a formação do contexto político e geográfico em que se inserem

as personagens, através dos seus nomes, títulos e posições hierárquicas relacionadas com os clãs, assim como as suas nacionalidades e locais mencionados.

1.1 Nomes e Títulos

Na passagem do texto de partida para o texto de chegada, os nomes das personagens são marcadores de que este é um texto traduzido e com uma cultura de origem bastante diferente da cultura de chegada. No entanto, assumindo o papel de mediadora de culturas, a autora claramente distingue os nomes de origem kekonesa, de influência oriental, dos nomes de origem espeniana, de influência ocidental.

Verifica-se a inversão da ordem do primeiro e último nome para as personagens de origem kekonesa, a qual foi mantida no texto de chegada, de acordo com a convenção em vários países asiáticos. Assim, sempre que o nome completo de uma personagem kekonesa é referido, a sua ordem permanece igual no texto de partida e no texto de chegada, como exemplificado abaixo:

TP: Emery Anden sat on the bench under the cherry tree in the courtyard of the Kaul estate (Lee, 2019: cap. 3).

TC: Emery Anden sentou-se no banco debaixo da cerejeira no pátio da propriedade da família Kaul.

De forma semelhante, quando são referidos nomes de personagens de origem espeniana, a sua ordem segue a convenção ocidental, utilizando o primeiro nome seguido pelo último nome. Tal como no caso anterior, o texto de partida e o texto de chegada não diferem:

TP: I don't know who you think you are, but you step on Carson Sunter, you step on the wrong crewboy (Lee, 2019: cap. 16).

TC: Não sei quem pensas que és, mas metes-te com o Carson Sunter, metes-te com o gângster errado.

Ademais, torna-se interessante considerar os nomes das personagens kekonesas residentes na comunidade imigrante em Espenia, especialmente os da geração mais nova. Ainda que todas elas tenham nomes caracteristicamente kekoneses, são-lhes também atribuídas alcunhas que adaptam o nome próprio à cultura espeniana. Assim, Dauk Corujon é tratado por Cory, Shun Todorho por Tod, Ledt Derukun por Derek e Etto Samishun por Sammy.

No que diz respeito à geração mais velha, as personagens são normalmente chamadas pelo seu último nome, isto é, o nome de família, utilizando-se por vezes um diminutivo de acordo com os graus de familiaridade, como é o caso de Dauk Losunyin, que é tratado por Losun pela sua mulher Dauk Sana.

É de mencionar em particular a personagem Willum “Skinny” Reams, designada normalmente apenas por Skinny Reams. Ainda que “Skinny” seja claramente um nome motivado, isto é, um nome com carga semântica relacionada com uma característica física ou psicológica da personagem que designa, a sua motivação não é evidente. Por um lado, “Skinny” poderá referir-se ao aspeto físico desta personagem, por outro, poderá referir-se à sua identidade agressiva, aproximando o gangue a que pertence ao movimento dos Skinheads, um grupo anti cultural racista, com inclinações violentas e criminosas, influente durante os anos 60. Optou-se então por não traduzir esta alcunha, deixando o seu significado à interpretação do leitor.

Neste sentido, todos os nomes próprios e diminutivos utilizados no texto de partida encontram-se inalterados no texto de chegada, de modo a dar a entender ao leitor que este é um texto traduzido, levando-o ao encontro da cultura e da língua do texto de partida através da “estrangeirização” destes elementos do texto (Venuti, 1995: 20). Esta opção preserva também a dicotomia entre a cultura ocidental anglófona e a cultura oriental asiática e a forma como estas interagem nos nomes das personagens, por manter as diferentes convenções relacionadas com a escrita de nomes próprios de ambas as culturas.

1.2 Clãs e Sistema Hierárquico

Ao contrário do que sucede na subcategoria anterior com os nomes próprios das personagens, os títulos e posições que estas ocupam dentro dos clãs sofrem alterações na passagem do texto de partida para o texto de chegada.

Como se pode observar no Quadro I, a maior parte das palavras pertencentes a esta subcategoria foram traduzidas de forma literal, como é o caso dos títulos hierárquicos dentro do clã Sem Topo, nomeadamente, Dedo (“Finger”), Punho (“Fist”), Chifre (“Horn”), Homem do Tempo (“Weather Man”) e Pilar (“Pillar”). É através da extensão semântica que estas palavras, comuns no léxico da língua de partida (e de chegada), ganham novos significados dentro do contexto deste livro. As designações Punhos e Dedos (e, mais tarde, Unhas, a qual não consta nas passagens selecionadas) funcionam como títulos hierárquicos dentro da divisão do clã Sem Topo responsável por defender e lutar pelo território do clã. É através destas palavras que o sistema hierárquico se torna evidente, uma vez que é transposta a imagem mental de um Punho, “responsável” pelos Dedos (subsequentemente responsáveis pelas Unhas). Assim, o nome Punho ganha o significado de “membro do clã responsável pelos Dedos” e o nome Dedos ganha o significado de “membro do clã responsável pelas Unhas”.

Da mesma forma, os títulos de Chifre e Homem do Tempo funcionam como metáforas para designar as responsabilidades associadas às posições ocupadas pelas personagens a quem pertencem estes títulos dentro do clã. Enquanto o Chifre é um símbolo de força, coragem e liderança, características associadas ao portador deste título por ser o membro do clã responsável por toda a proteção e defesa do clã, cabe ao Homem do Tempo gerir a parte financeira do clã, tendo como responsabilidade, de certo modo, “prever” o futuro de forma a tomar as melhores decisões possíveis a nível financeiro e controlar o fluxo do dinheiro dentro do clã. O significado normalmente associado a um “homem do tempo”, o responsável pela previsão meteorológica, é transposto para este elemento do clã devido às suas capacidades dedutivas dentro do sistema económico deste mundo.

Ainda assim, estas personagens têm como principal função aconselhar o Pilar, o elemento mais importante do clã ao qual todos obedecem, descrito como “the spine of the body, without which nothing moves” (Lee, 2017: cap. 47). O Pillar é, então, a “base” do clã, responsável por suportar todos os seus elementos, conferindo-lhes estabilidade e uma fundação sólida onde se podem apoiar. Deste modo, o significado de “pilar” enquanto base de um edifício é passado para o Pilar do clã, enquanto líder do mesmo.

Assim, a tradução literal foi a estratégia selecionada de forma a conferir ao leitor do texto de chegada o significado destes “nomes motivados”, derivados de características ou funções das personagens, os quais são realizados através da extensão semântica, o processo pelo qual se atribui um novo significado a significantes já existentes na língua (António, 2018:

21), conseguindo-se um efeito equiparável na experiência de leitura entre o texto de partida e o de chegada.

No entanto, a tradução literal não foi solução para todos os casos. No que diz respeito aos grupos de crime organizado que se estabeleceram em Espenia, as personagens referem-se a eles como “crews”, as quais são constituídas por “crewboys”. Estas palavras foram traduzidas, respetivamente, como “ganguês” e “gângsteres”. Acontece, portanto, uma generalização da palavra, a qual é resumida a um termo mais familiar. Para além disso, a palavra “ganguê” acarreta uma conotação de violência que não se encontra presente no texto de partida com a palavra “crews”, pelo que, de certa forma, se verifica uma explicitação (Berman, 2000: 289) na passagem para o texto de chegada, por se tornar mais claro que este é um grupo com inclinações criminosas. Ademais, é de notar que, mais tarde, os elementos destes grupos são caracterizados no texto de partida como “gangsters”. Esta palavra foi também traduzida como “gângsteres”, pelo que se verifica algum empobrecimento quantitativo (Berman, 2000: 291), perdendo-se a multiplicidade de expressões que constava no texto de partida, uma vez que, na passagem do texto de partida para o texto de chegada, duas palavras diferentes passam a ser uma só.

É de notar ainda a palavra “Luckbringer”, referente aos indivíduos que, de uma maneira ou de outra, contribuem para a prosperidade dos clãs, pagando cotas em troca da sua proteção. Ainda que esta palavra pudesse ter sido traduzida literalmente, após consulta da tradução para o espanhol, da autoria de António Rivas, (Lee, 2019c), onde consta “hacedor de fortuna”, optou-se por utilizar a expressão “Fazedor de Fortuna”. Esta opção concede à expressão um sentido mais alargado, uma vez que “fortuna” tanto pode significar uma “quantia avultada de dinheiro” como uma “tendência para acontecimentos positivos ou favoráveis” (significado mais associado à “sorte”, a tradução literal de “luck”) (Priberam). Ademais, esta tradução permite a criação de uma aliteração, tornando a expressão mais cativante e de fácil memorização para o leitor. Assim, é possível concluir que se tomou alguma liberdade criativa no processo de tradução, conservando a intenção presente no texto de partida, mas enriquecendo-o através da exploração das potencialidades da língua de chegada.

1.3 Locais e Nacionalidades

No que diz respeito aos locais que compõem a geografia de *Guerra de Jade*, no geral, a tradução seguiu uma abordagem mista, na qual um dos elementos é traduzido literalmente,

enquanto o outro se mantém inalterado. É o caso de “Camres River”, traduzido como Rio Camres, “Whitting Bay”, traduzido como Baía de Whitting e “Port Massy”, traduzido como Porto Massy. Esta abordagem teve como objetivo manter a criatividade dos nomes atribuídos aos locais, ao mesmo tempo que transmite ao leitor da língua de chegada a imagem mental do local em questão.

A abordagem mista é também utilizada aquando da presença de instituições tais como a Universidade de Watersguard (“Watersguard University”) e a Universidade de Porto Massy (“Port Massy University”), mas não com instituições como a Assembleia Nacional (“National Assembly”) e o Departamento Federal da Indústria (“Federal Industry Department”). Novamente, esta opção contribui para uma experiência de leitura mais acessível ao leitor, para que este compreenda facilmente o cenário que se estabelece à volta da história e das personagens, não havendo perda significativa do estilo de escrita ou da criatividade associada à construção do mundo fantástico.

Em algumas circunstâncias, a tradução dos topónimos torna-se importante na construção e compreensão do mundo físico do livro. Por exemplo, ao aterrar pela primeira vez em Espenia, Anden refere vários pontos de interesse, os quais foram traduzidos de forma literal. É o caso da Ponte do Olho de Ferro (“Iron Eye Bridge”), as estátuas do Guardião do Porto (“Port Guardian Statues”) e o Edifício do Mastro (“Mast Building”). Todos estes locais e pontos de interesse contribuem para a criação da imagem mental de uma cidade no litoral, rodeada de referências marítimas e navais. Deste modo, a tradução literal permite ao leitor do texto de chegada experienciar a composição do mundo da mesma forma que o leitor do texto de partida, sem que haja uma perda significativa da criatividade lexical da autora.

Por sua vez, é de notar que, na sua maioria, os nomes dos países e cidades não foram traduzidos. Este é o caso de Kekon, Janloon, Espenia e Marenia, os locais mais relevantes onde se desenvolve a narrativa, assim como Shotar, Oortoko e Ygutan, mais distantes das personagens principais. Isto deve-se principalmente ao facto de estas serem designações criadas pela autora, sem motivação semântica evidente, pelo que a sua conservação no texto de chegada contribui apenas para a visibilidade da presença do tradutor (Venuti, 1995) e da aproximação do leitor de chegada ao texto de partida. No entanto, é de notar o topónimo Marenia, a designação do texto de partida para a aldeia costeira onde Anden vive no princípio de *Guerra de Jade*. Ainda que este topónimo não tenha sido traduzido, a sua aproximação à grafia da língua de chegada poderá levar o leitor a pensar que esta palavra resulta da junção de

[mar] + [-enia] devido à natureza costeira deste local, uma interpretação que não será evidente no texto de partida.

Ainda assim, as nacionalidades das personagens foram alvo de uma abordagem diferente, através da qual o texto foi adaptado em função da língua e da cultura de chegada. A adaptação das palavras associadas às nacionalidades das personagens deve-se principalmente a uma melhor fluidez na estrutura das frases da língua de chegada, manipulando a grafia das palavras com o objetivo de as submeter às regras da língua portuguesa e contribuindo para a legibilidade do texto, como se pode verificar no seguinte exemplo:

TP: There were four Tuni and two Shotarians in the class, but Anden was the only Kekonese (Lee, 2019: cap. 11).

TC: Havia quatro tuni e dois shotarianos na turma, mas Anden era o único kekonês.

Assim, de modo a referir personagens com origem em Kekon e Espenia, foram adicionados os sufixos [-ês] e [-ano], responsáveis por formar adjetivos relacionados com origem e naturalidade (Rio-Torto *et al*, 2016: 174), aos radicais [kekon] e [espeni-]. “Kekonese” e “Espenian” são então traduzidos como “kekonês” e “espeniano”, através de um processo de formação de palavras relativamente comum na língua de chegada, a derivação por sufixação, com o objetivo de designar nacionalidades, ao mesmo tempo que se eliminou a maiúscula, de acordo com a convenção gráfica da língua de chegada. Por sua vez, a palavra Tuni, torna-se na exceção à não tradução dos nomes dos países, por ser uma designação atribuída tanto ao país como à nacionalidade, mantendo-se então inalterada por não causar grande constrangimento na leitura do texto de chegada, alterando-se apenas a utilização da maiúscula em função do contexto em que se encontra. As páginas selecionadas para tradução não contêm um exemplo em que se mantém a maiúscula em “Tuni”.

Ademais, como este é um texto focado na experiência de diáspora e na fusão de nações e culturas, é de notar o conjunto de palavras que a autora utiliza para descrever a comunidade kekonesa que se estabeleceu em Espenia. É através da fusão destes dois países, Kekon e Espenia, que esta comunidade ganha o nome de “kespies”, “Kespenians”, “kecks”, “Keko-Espenians” ou “Kekonese-Espenians”.

TP: “Kespies?” Anden said.

“Kespenians. You know, Kekonese-Esphenians.” (Lee, 2019: cap. 22).

TC: – Kespies? – disse Anden.

– Kespenianos. Tu sabes, kekoneses-esphenianos.

TP: (...) it binds our community and is part of our identity as Keko-Esphenians.” (Lee, 2019: cap. 17).

TC: (...) é o que nos une enquanto comunidade e faz parte da nossa identidade enquanto keko-esphenianos.

A tradução destas construções segue a mesma fórmula do texto de partida no que diz respeito à formação destas palavras. Assim, “kespies” e “Kespenians”, palavras formadas por amálgama, constam no texto de chegada como “kespies” e “kespenianos”. Por sua vez, “Keko-Esphenians” e “Kekonese-Esphenians”, palavra formada por composição morfossintática, são traduzidas como “keko-esphenianos” e “kekoneses-esphenianos”, respetivamente. Já “kecks”, palavra formada por truncação, é traduzida como “kekos”. É de notar que, à semelhança dos casos anteriores, quando necessário, a ortografia foi adaptada em função da língua de chegada.

1.4 Calendário

De forma a contextualizar as ações das personagens no tempo, torna-se indispensável inserir referências temporais na narrativa, construindo-se assim uma linha cronológica a partir da qual o leitor depende de modo a acompanhar as personagens e a compreender o seu passado, presente e futuro. Surgem, assim, não só referências à passagem das horas, dias, meses e anos, mas também a eventos específicos que vêm a ter um impacto na história destas personagens.

Nas passagens selecionadas em *Guerra de Jade*, ao referir os dias da semana, o texto de partida é alvo de criação de neologismos, pelo que “Monday”, “Tuesday” e “Thursday” são substituídos por “Secondday”, “Thirdday” e “Fifthday”, respetivamente. No entanto, na passagem para o texto de chegada, verificou-se que esta nova nomenclatura se assemelha consideravelmente às palavras já estabelecidas no léxico da língua de chegada, nomeadamente, “segunda-feira”, “terça-feira” e “quinta-feira”. Ainda que os neologismos “segundo dia”,

“terceiro dia” e “quinto dia” fossem uma opção viável para a tradução, a falta da maiúscula assim como a impossibilidade de juntar as duas palavras, tendo em conta as regras e convenções da língua portuguesa, poderiam causar confusão à compreensão do leitor do texto de chegada, uma vez que o destaque gráfico é retirado aos neologismos em questão. Assim, e tendo em conta esta semelhança, considerou-se que a criação de neologismos para designar os dias da semana no texto de chegada não seria essencial à experiência de leitura e, por conseguinte, o leitor do texto de chegada não será confrontado com estes neologismos, contribuindo para a legibilidade do texto, ainda que em detrimento da inovação lexical presente no texto de partida.

É de notar também a referência ao “Boat Day”, ou “Dia do Barco”, uma celebração anual em Janloon cuja designação se deve ao facto de, neste dia, a população em geral construir pequenos barcos feitos de diferentes materiais, tais como papel ou fósforos, destruindo-os de seguida de várias maneiras como forma de rogar ao deus Yofu pela sua proteção durante os meses de tempestade (Lee, 2017: cap. 8). Deste modo, a tradução literal deste evento deve-se principalmente à tradição por trás da designação, isto é, o ritual de destruição de barcos como ritual de passagem de estação do ano.

2. Expressões Culturais

Esta secção irá focar-se nos aspetos culturais presentes em *Guerra de Jade*, responsáveis por conferir a este mundo características e rituais específicos que tornam a experiência de leitura mais imersiva e realista. Assim, serão analisadas palavras relativas à gastronomia, ao desporto, à religião e ao sistema de magia.

2.1 Gastronomia

No que diz respeito à comida e bebida referidas nos capítulos selecionados, foram utilizadas duas estratégias de tradução: a tradução literal e a não tradução.

A primeira estratégia ocorre principalmente nos casos em que os elementos do texto de partida são de natureza descritiva, pelo que a sua tradução, ainda que estranha ao leitor do texto de chegada, é viável por ser bastante explicativa. Este é o exemplo de “blackened chicken in milk”, traduzido como “frango enegrecido em leite” e “cheese-stuffed potato cakes”, traduzido como “bolinhos de batata recheados com queijo”.

Por sua vez, a não tradução foi utilizada em duas situações diferentes. Primeiro, para empregar palavras de origem estrangeira que, através de um empréstimo, o processo de formação lexical através do qual palavras são importadas de uma língua para a outra (Correia e Lemos, 2005: 53), são utilizadas com frequência na língua de chegada, tais como “noodles” e, segundo, no caso da palavra “hoji”, uma palavra criada pela autora, do tipo *ex-nihilo*, isto é, sem motivação semântica ou pragmática aparente (Correia e Lemos, 2005: 23). Ainda que a criação de uma nova palavra para o texto de chegada pudesse ser uma opção criativa que conferiria ao leitor uma experiência de leitura semelhante à do leitor de partida, optou-se por manter a palavra criada pela autora, de forma a manter a presença de expressões estranhas à língua de chegada e tornar clara a origem estrangeira do texto de partida.

2.2 Desporto

A linguagem desportiva acaba por ser um dos tópicos nos quais a criatividade e a inovação lexical da autora são mais evidentes. São mencionados desportos como “rackets”, “bootball” e “relayball”, sendo que este último ganha destaque por ser o desporto de eleição da comunidade kekonesa em Espenia. Ainda assim, para além de algumas posições e estratégias de jogo, nomeadamente o “first guard” e o “finisher”, o leitor da língua de partida não recebe muito mais informação relativa à natureza e às regras destes jogos, pelo que o seu funcionamento é deixado à imaginação do leitor.

Deste modo, no que diz respeito aos nomes dos desportos, ainda que a sua motivação semântica possa ser deduzida, optou-se por manter as designações da língua de partida, sem as traduzir, preservando a criatividade lexical da autora ao mesmo tempo que se mantém a natureza incógnita destes novos desportos. A interpretação do seu significado é deixada à responsabilidade do leitor, tanto no texto de partida como no de chegada, e, ainda que a não tradução se possa tornar num obstáculo à legibilidade, as designações destes desportos não constituem elementos suficientemente relevantes à caracterização cultural das personagens para impedir a compreensão do contexto em que se inserem.

Por sua vez, as posições dos jogadores foram traduzidas, nomeadamente, para “primeiro defesa” e “finalizador”, por se tratar de termos descritivos relativos à função do jogador e que facilitarão a criação de uma imagem mental não só da disposição das personagens em campo, mas também de alguns princípios relacionados com o funcionamento do jogo, nomeadamente, a da necessidade de “defender” e “atacar”.

2.3 Religião

A vertente religiosa deste livro, responsável por conferir ao mundo uma dimensão espiritual, é alvo da criação de expressões e conceitos associados às religiões criadas também no contexto da história. Surgem, por isso, novos nomes de religiões, referências a marcos religiosos e expressões populares de natureza religiosa.

Dois palavras que assinalam marcos importantes dentro do contexto religioso desta história são “Return”, e “Banishment”. Embora a primeira tenha sido traduzida de forma literal, “Retorno”, o mesmo não acontece com a segunda. A tradução de “Banishment” enquanto “Exílio” deve-se principalmente à carga religiosa associada a esta palavra, uma vez que o “exilado” é aquele que “sofre a pena do exílio” (Priberam), normalmente por razões políticas ou religiosas. Assim, esta opção permite também a formação de uma cadeia de significantes (Berman, 2000: 292) que não estava presente no texto de partida, como podemos verificar através do exemplo abaixo:

TP: “You want to be rid of me,” he choked out. “You’re **exiling** me.” (Lee, 2019: cap.3).

TC: – Queres livrar-te de mim – engasgou-se. – Estás a **exilar-me**.

TP: Inside and to the right he’d discovered a tiny Deitist shrine with a framed poster print of the mural of **Banishment** and Return hanging on the wall in front of a couple dozen faded green kneeling cushions and a row of blackened incense candles (Lee, 2019: cap. 22).

TC: À sua direita, descobrira um pequeno altar deitísta, com um pequeno poster emoldurado do mural do **Exílio** e do Retorno, pendurado na parede em frente a uma dúzia de almofadas verdes desbotadas e a uma fila de velinhas de incenso já gastas.⁴

Ainda que esta opção tenha como resultado um empobrecimento quantitativo (Berman, 2000: 291), uma vez que duas palavras distintas no texto de partida passam a ser uma só no

⁴ Destaques aplicados pela autora deste trabalho apenas para realce durante o comentário de tradução.

texto de chegada, é criada uma cadeia de significantes através da qual o leitor do texto de chegada poderá relacionar este evento religioso com o próprio exílio de Anden para Espenia.

Como já foi referido, tanto o “Retorno” como o “Exílio” referem-se a eventos religiosos relevantes para a formação de uma religião, o “Deítismo”. No entanto, ao longo do livro, o leitor não ganha um conhecimento aprofundado desta religião, sendo que a maior parte das referências à mesma surgem no contexto de objetos de devoção, descritos ao longo da narrativa. É possível especular que a criação desta palavra está associada à manipulação da palavra “deity”, um nome atribuído a algo de natureza “divina” ou que de alguma forma representa a figura de Deus (Merriam-Webster Dictionary). Assim, por se tratar de um neologismo, optou-se por traduzir “Deitist” de forma literal, seguindo o mesmo processo de formação de palavras que o texto de partida, sendo adicionado o sufixo [-ísta] ao radical [deit-] de forma a conferir qualidade adjetival a um objeto relacionado com esta religião.

No que diz respeito às expressões populares utilizadas pelos seguidores desta religião, destacam-se duas expressões. A primeira, “may the gods shine favor on you”, surge em duas situações diferentes, ambas com o objetivo de expressar gratidão para com o outro. Ainda assim, a tradução desta expressão sofre alterações de uma passagem para a outra devido à presença da palavra “favor”.

TP: “I’m Emery Anden. Thank you for opening your home to me. May the gods shine favor on you for your kindness.” (Lee, 2019: cap. 11).

TC: – O meu nome é Emery Anden. Obrigado por me acolherem em vossa casa. Que os deuses vos iluminem pela vossa bondade.

TP: “Dauk-jen, we can’t thank you enough for taking care of this problem for us. May the gods shine favor on you.” (Lee, 2019: cap. 17).

TC: – Dauk-jen, não lhe conseguimos agradecer o suficiente por resolver este nosso problema. Que os deuses iluminem o vosso caminho de bonança.

Ainda que a tradução da primeira passagem seja bastante literal, “que os deuses vos iluminem pela vossa bondade”, a palavra “favor”, cujo significado se relaciona com conceitos de bondade ou até privilégio (Merriam-Webster Dictionary), é eliminada. Deste modo, a segunda passagem sofre alterações com o intuito de introduzir este conceito, através da palavra

“bonança”. No entanto, é de notar que a intenção principal de gratidão e a sua ligação com a luz e a religião mantêm-se presentes em ambos os casos.

Por sua vez, a expressão “gods be thanked”, uma reformulação da expressão “thank god” utilizada frequentemente pelos falantes da língua de partida, é traduzida como “graças aos deuses”, perdendo-se a reformulação em prol da expressão mais familiar na língua de chegada, uma vez que a inversão causaria, neste caso, uma agramaticalidade na língua de chegada.

2.4 Magia

O sistema de magia deste livro tem como objeto principal o jade: uma pedra preciosa que confere ao seu utilizador a possibilidade de manipular o corpo e o meio à sua volta de formas muito específicas. Ainda que o jade seja central à cultura kekonesa e, em especial, à formação dos clãs, após um evento traumatizante no fim de *Cidade de Jade*, Anden decide deixar de usar jade e, conseqüentemente, perder as habilidades que este objeto lhe concedia.

Esta decisão torna-se no catalisador do rumo que toma a história de Anden em *Guerra de Jade*. No entanto, a magia continua a estar presente na sua vida, sendo utilizada por vários membros da comunidade kekonesa em Espenia. No capítulo 22, presenciamos uma luta entre dois Ossos Verdes, na qual as personagens alteram as regras do mundo físico, manipulando o meio à sua volta como forma de derrotar o seu oponente. Assim, neste capítulo, Tod “lança Deflexões” na direção de Sammy, enquanto este se esquiva utilizando “Leveza”. No mesmo capítulo, Anden reflete sobre a cultura kekonesa e sobre estas disputas de “Força e Ferro” entre diferentes membros da comunidade. Ademais, ao longo dos capítulos selecionados, são também mencionadas as habilidades de Percepção (“Com Hilo tão perto de si, conseguia sentir os índices da aura de jade do primo, conseguia Presentir a determinação relutante por trás das suas palavras”) e de Condução (“Posso não ser médica, mas estudei enfermagem em Kekon e aprendi o suficiente sobre Condução médica com a minha mãe para conseguir ajudar quem vem até mim com problemas”).

À semelhança dos seus pares na língua de partida, todas estas palavras resultam de uma extensão semântica. Como referido anteriormente, é através deste processo que as palavras ganham novos significados no contexto da história em que se inserem. Neste sentido, recorrendo ao Cambridge Dictionary, “deflection”/ “deflexão”, cujo significado se associa a uma “mudança de direção”, passa a designar uma manipulação do ar com o objetivo de

defender um ataque ou contra-atacar o oponente; “lightness”/ “leveza”, uma qualidade relativa ao peso ou ao estado emocional, significa, neste contexto, a manipulação do movimento do corpo, tornando-o mais ágil; “strength”/ “força”, uma medida de poder físico ou de resistência, passa a significar a habilidade de maximizar a força exercida pelo corpo no impacto com o outro; “steel”/ “ferro”, um elemento químico na forma de metal ou, no sentido figurativo, uma preparação mental para lidar com algo desagradável, corresponde à manipulação do corpo de modo a protegê-lo contra ataques físicos; “perception”/ “percepção”, o ato de estar ciente ou de compreender o outro ou o meio, significa agora a habilidade de maximizar a sensibilidade não só às sensações físicas, mas também às emoções dos outros; e, por fim, “channeling”/ “condução”, referente ao ato de direcionar algo numa direção específica ou ao ato de transportar, passa a significar a habilidade de redirecionar ou aplicar energia, expelindo-a de dentro do utilizador de jade para o exterior.

Como se pode observar, à exceção da última palavra mencionada, todos os termos referentes ao sistema de magia foram traduzidos de forma literal, transpondo a extensão semântica presente no texto de partida para o de chegada, de forma a que o leitor tenha de, em ambas as línguas, ajustar o seu conhecimento do léxico da língua à história e a estes novos conceitos em ambas as línguas. É de referir, no entanto, que a tradução de “channeling” por “condução” tem como principal motivo o significado associado à condutividade elétrica, isto é, a “capacidade de uma substância ou material de permitir a passagem de corrente elétrica através de si mesma” (About-Meaning), em oposição à palavra “canalização”, uma vez que o seu significado e consequente extensão semântica não seriam tão evidentes.

Além disso, e porque um bom sistema de magia nunca vem sem consequências, é de notar que a má utilização do jade e manipulação desmedida das habilidades que este possibilita resultarão numa doença designada por “Itches” ou “Comichões”. Através de extensão semântica, esta doença ganha o seu nome devido ao seu sintoma mais proeminente, a comichão extrema, que, associada aos outros sintomas, nomeadamente mudanças de humor, distorções sensoriais, febre, palpitações, ansiedade e paranoia, levam o utilizador de jade à loucura e, rapidamente, à morte. Uma vez que, à exceção dos kekoneses, a população em geral está mais propensa a desenvolver esta doença, foi criada a “shine”: uma droga comercializada com o objetivo de diminuir a sensibilidade ao jade e, consequentemente, diminuir o risco de Comichões. Ao passo que “Itches” foi traduzido de forma literal, por transmitir o mesmo significado na sua extensão semântica, optou-se por não traduzir “shine”. Em inglês, assume-se que está presente uma lexicalização de formas flexionadas através de nominalização

deverbal (Correia e Lemos, 2005), isto é, a conversão de um verbo, “to shine”, para um nome, “shine”. No entanto, uma vez que o processo de formação desta palavra e a motivação por trás da mesma não é evidente, por não estar presente a caracterização física desta droga, optou-se por não traduzir a sua designação. O leitor da língua de chegada é então confrontado com um neologismo, ao qual poderá ou não associar o verbo “to shine”, passando a associá-lo ao seu significado dentro do contexto do livro, nomeadamente, a droga em questão.

3. Expressões Linguísticas

Como já foi referido anteriormente, a criação de novas línguas é um mecanismo recorrente na literatura fantástica, utilizado com o intuito de auxiliar na criação no novo mundo fantástico, ao mesmo tempo que contribui para a formação do contexto sociolinguístico da história (Barnes, van Heerden, 2006: 116). No entanto, em livros como *Guerra de Jade*, à exceção dos neologismos que são introduzidos, tanto a narração como o diálogo decorrem na língua do mundo primário, neste caso, o inglês. São, porém, vários os momentos em que o leitor é lembrado de que as personagens interagem numa língua que lhe é desconhecida. Primeiro, e como analisado acima, através da introdução de neologismos com o objetivo de reforçar a criação do mundo e do seu contexto cultural e, segundo, através dos diálogos entre as personagens. Assim, esta secção tem como foco principal analisar de que forma estas línguas imaginárias são introduzidas por meio dos diálogos entre as personagens, através de formas de tratamento, da utilização do calão, da utilização da gíria e, por fim, da presença de agramaticalidade.

3.1 Formas de Tratamento

Durante os diálogos estão presentes pequenas palavras, ligadas a um nome próprio através de um hífen ou substituindo-o por completo, utilizadas pelas personagens como forma de respeito ou cortesia quando se dirigem ao seu interlocutor. Em *Guerra de Jade*, estes honoríficos estão fortemente ligados ao sistema de magia e à posição hierárquica das personagens dentro dos clãs. Deste modo, o honorífico “jen” é atribuído a Ossos Verdes, isto é, pessoas que utilizam jade e os seus poderes, enquanto o honorífico “se” é associado a pessoas que, ainda que de ascendência kekonesa, não utilizam jade, ou cuja relação com o interlocutor

é de igualdade. Assim, Anden dirige-se a Dauk Losunyin como “Dauk-jen”, enquanto a sua esposa, Sana, opta pelo segundo honorífico, dirigindo-se-lhe como “Losun-se”.

O uso de honoríficos é uma prática recorrente em países asiáticos como o Japão, a Coreia e a China, pelo que a sua presença nos diálogos entre pessoas de ascendência kekonesa torna-se numa forma de reforçar a ligação entre a cultura fictícia dos livros e a ascendência da própria autora, razão pela qual estes honoríficos mantêm-se inalterados no texto de chegada.

Ademais, é de notar a interação entre Sana e Anden, e entre o senhor Hian e Anden quando este se lhes dirige como “Auntie” e “Uncle”, respetivamente. De novo, esta é uma forma de tratamento que indica respeito para com a geração mais velha nos países asiáticos, utilizada independentemente da presença de um grau de parentesco (Tincknell, 2020: 3). Optou-se, então, por uma tradução literal das palavras, “Tia” e “Tio”, mantendo também a maiúscula, uma vez que, embora a sua utilização possa causar uma sensação de estranheza no leitor do texto de chegada, mantém a referência cultural do texto de partida. Ademais, dentro do contexto em que se encontra, torna-se evidente que estas personagens não têm uma relação de parentesco e que se trata apenas de uma forma de tratamento que indica respeito para com o outro.

3.2 Calão

O calão, um registo de língua que pode ser definido “pelo uso de um vocabulário simples com pouca exigência lexical e sintática” (Gonçalves, 2016: 5), é frequentemente utilizado pelo grupo de amigos de Anden em Espenia. Ainda que as palavras associadas ao calão sejam normalmente do conhecimento geral, integrando muitas vezes a “língua dos jovens” (Avelino, 2009: 6), no contexto em são usadas em Espenia, estas expressões são estranhas para a personagem principal e, por conseguinte, são também estranhas para o leitor.

Um exemplo a reter é o de “toppers” e “crumbs”. No primeiro caso, esta expressão tem uma função adjetival com o objetivo de conferir a opinião positiva do interlocutor sobre a situação em que se encontram. Optou-se por utilizar uma expressão comum no calão da língua de chegada, “fixe”, para manter o mesmo nível de língua, assim como a familiaridade entre as personagens, ao mesmo tempo que exprime “satisfação ou concordância” (Priberam). Ainda que haja perda da inovação lexical presente no texto de partida, considerou-se que uma tentativa de tradução literal não seria bem-sucedida devido à faixa etária das personagens e das expressões próprias que são utilizadas neste tipo de contexto social. No segundo caso, optou-se pela tradução literal da palavra “crumbs”, não só por ser de fácil identificação enquanto

chamamento ou interpelação, uma vez que surge sempre em posição de vocativo no diálogo, mas também devido à semelhança gráfica e fonética entre as palavras “migalhas” e “amigo”, sendo por isso evidente a ligação entre o significante e o seu significado.

3.3 Gíria

A gíria pode ser definida como “um conjunto de vocábulos e expressões adotadas em certas profissões ou atividade” (Pinto, Parreira, Lopes. 1994: 26), ou como o “uso da língua restrito a um grupo socioprofissional” (Azeredo, Pinto, Lopes. 2011:21).

Ao aplicarmos estes conceitos às palavras que designam atividades relacionadas com os clãs na ilha de Kekon, deparamo-nos com certas palavras cujo significado está intrinsecamente ligado a dado “grupo socioprofissional”. Entre elas, destaca-se “aisho”, um neologismo cuja motivação semântica não é evidente. Ainda que esta palavra surja várias vezes durante os capítulos selecionados para tradução neste trabalho, o seu significado não é explícito. Para compreender a alusão a este conceito, é necessário recorrer ao primeiro livro da série, *Jade City*: “Green Bones, governed by the honor code of aisho, were forbidden from killing any family members of their enemies who did not wear jade.” (Lee, 2017: cap. 8). Esta citação permite então ao leitor ter o conhecimento necessário para compreender esta palavra, pertencente à gíria utilizada pelos clãs de Kekon, e depreender que “aisho” designa um código de honra aceite entre os diferentes clãs enquanto compromisso que manterá os elementos da família desprovidos de jade em segurança em momentos de conflito entre os clãs. Assim, optou-se por não traduzir esta palavra, conservando o neologismo e, novamente, conservando a presença de elementos estranhos, tanto no texto de partida como no de chegada.

É de referir também o conceito de uma “clean blade”, o qual foi traduzido de forma literal, “lâmina limpa”. Ao contrário do conceito anterior, em *Guerra de Jade* é possível depreender o seu significado:

TC: – Não compreendo – protestou Anden. – Ele insultou-me e desafiou-me e eu ganhei a luta de forma justa. Ele rendeu-se; as pessoas viram. Se ele voltar para se vingar, não vai ter razão.

(...)

– Esse homem pode voltar para te magoar, ou mais provavelmente, a sua família pode exigir-nos um pagamento – explicou a Sra. Hian, limpando o rosto ensanguentado de Anden.

– De acordo com a lei espeniana – explicou o Sr. Hian – uma lâmina limpa não significa nada. (Lee, 2019: cap. 16).

Nesta passagem, através do contexto em que a expressão se encontra inserida, o leitor poderá interpretar o significado do conceito de “lâmina limpa”, associando-o à justiça de um duelo através da alusão à vingança ou extorsão. No entanto, o significado encontra-se mais evidente em *Jade City*: “The offer of a clean blade was an ironclad pledge. The victor took the loser’s life and jade without consequence—no relative or ally would seek retribution.” (Lee, 2017: cap.20). Novamente, o conhecimento do primeiro livro torna-se fulcral para a compreensão da gíria dos clãs. Uma vez que o neologismo resulta de uma extensão semântica, por associar uma “lâmina limpa” a um assassinio livre de julgamento posterior, a sua tradução torna-se viável de modo a transmitir o sentido ao leitor do texto de chegada.

Por último, considera-se a expressão “whispered”, a qual foi traduzida como “sussurrou”. À semelhança do exemplo anterior, este neologismo resulta de uma extensão semântica da palavra “whisper”, a qual figura no dicionário Merriam-Webster como “to speak softly with little or no vibration of the vocal cords especially to avoid being overheard”. No contexto de *The Green Bone Saga*, esta palavra ganha um novo significado:

The Kekonese term ‘to whisper a man’s name’ originates from the occupation period when the identities of foreign officials targeted for assassination were passed secretly through the rebel network. Ayt Mada whispered the name of her adoptive brother, and a day later, Eodo’s mistress emerged from the shower to find him lying on the bed with his throat slit and his jade gone (Lee, 2017: cap. 10).

Novamente, esta explicação encontra-se presente em *Jade City*, uma vez que é esperado que o leitor de *Guerra de Jade* já esteja familiarizado com a gíria dos clãs. Deste modo, o conceito de “sussurar” o nome de alguém é referido ao longo deste livro, mas não é explicado. Ainda assim, e tendo em conta a explicitação presente no primeiro livro, a tradução literal confere a mesma extensão semântica associada ao secretismo do assassinato por contrato.

3.4 Agramaticalidades

Como já foi referido anteriormente, à exceção dos neologismos criados pela autora, o texto encontra-se escrito numa língua do mundo primário, isto é, o inglês ou, na sua tradução, o português. No entanto, o leitor é lembrado várias vezes de que estas não são as línguas utilizadas pelas personagens, quer em Kekon, quer em Espenia, uma vez que são utilizadas as línguas nacionais (imaginárias), nomeadamente, o kekonês e o espeniano. Assim, durante uma interação entre duas personagens na qual uma delas não domina a língua oficial do país onde se encontram, é introduzida a agramaticalidade na língua de partida, de forma a demonstrar a falta de fluência na língua imaginária:

TP: “You thought you could steal my new bike?” He launched into an accusatory tirade in Espenian too rapid for Anden to follow.

“Sorry.” Anden’s face burned with embarrassment as he got off the bike. “Sorry. Mistake.” (...)

“You’ve got to be the dumbest thief around. You have any idea who I am? Don’t you even speak Espenian?”

Anden’s grasp of the language was far from perfect, but he understood enough to know he was being accused of thievery. (...)

“No steal,” he protested vehemently. “I said mistake.” (...)

“I didn’t steal your bike.” Anden enunciated each word. “Apologize.”

“Are you kidding me?” shouted the man. “You sound like a keck—is that what you are? You want your fucking face smashed?” (...)

One of the bystanders appeared to be Kekonese. Anden called out to him in his native language, “What’s going on? What’s the problem?” but the man looked at him with stony displeasure (Lee, 2019: cap. 16).

TC: – Pensavas que podias roubar a minha bicicleta nova? – lançou-se num discurso acusatório em espeniano rápido que Anden não conseguiu acompanhar.

– Desculpa – o rosto de Anden ardia de constrangimento ao descer da bicicleta. –
Desculpa. Engano. (...)

– Deves ser o ladrão mais burro das redondezas. Fazes ideia de quem eu sou? Nem sequer falas espeniano?

A compreensão de Anden da língua estava longe de ser perfeita, mas compreendia o suficiente para perceber que estava a ser acusado de ser ladrão. (...)

– Não roubar – protestou ele veementemente. – Eu disse engano. (...)

– Eu não roubei a tua bicicleta – Anden enunciou cada palavra. – Pede desculpa.

– Estás a gozar comigo? – gritou o homem. – Soas a keko, é isso que tu és? Queres que te parta a porra da cara? (...)

Um dos espetadores aparentava ser kekonês. Anden dirigiu-se a ele na sua língua nativa.

– O que é que se passa? Qual é o problema? – mas o homem olhou-o com um sério desagrado.

Através do exemplo anterior, são evidentes os vários mecanismos utilizados de modo a dar a entender ao leitor que se trata de uma interação numa língua na qual Anden não é completamente fluente. Para começar, o narrador delimita o diálogo que decorre em espeniano (a língua estranha a Anden) através da narração, fechando aspas, no texto de partida, ou introduzindo o travessão, no texto de chegada, de acordo com a convenção da escrita de diálogo da língua em questão. É o caso de “lançou-se num discurso acusatório” e “dirigiu-se a ele na sua língua nativa”. Assim, o leitor fica ciente de que o diálogo que decorre entre estas duas frases será falado em espeniano.

A seguir, e porque Anden não é fluente nesta língua, é introduzida a agramaticalidade como forma de sinalizar um discurso em que a personagem tem dificuldade em se expressar, não seguindo por isso as regras da língua padrão. Na língua de partida, isto acontece de várias maneiras diferentes. Primeiro, através da utilização de frases curtas, por vezes com apenas uma palavra, como é o caso de “Sorry. Mistake”. É de notar também a simplificação excessiva de algumas frases, mantendo-se apenas a estrutura nuclear da mesma através do sujeito + predicado, como é o caso de “I said mistake”, em oposição a “I said [it was a] mistake”. Refira-se igualmente a falta de concordância entre o sujeito e o predicado. É utilizado o sujeito subentendido, o que não é permitido no inglês padrão, e, para além disso, verifica-se a ausência do verbo auxiliar, pelo que “I didn’t steal” surge apenas como “No steal”.

Na passagem para o texto de chegada, a agramaticalidade foi adaptada de modo a infringir as regras da língua de chegada. Assim, ainda que sejam mantidas as frases curtas, traduzidas de forma literal, “Desculpa. Engano”, e a simplificação excessiva de algumas frases, tais como “Eu disse engano”, em vez de “Eu disse [que foi um] engano”, uma vez que o português europeu padrão permite a supressão do sujeito em função do sujeito subentendido, verifica-se apenas a falta de concordância entre o sujeito e o predicado, por falta de flexão da forma verbal. Assim, “Eu não roubei” surge apenas como “Não roubar”.

Ademais, ao longo desta interação, o narrador volta a chamar a atenção para o facto de que as personagens estão a falar em espeniano, reforçando o desconforto de Anden e o esforço que este faz para comunicar efetivamente, “A compreensão de Anden da língua estava longe de ser perfeita, mas compreendia o suficiente para perceber que estava a ser acusado de ser ladrão” e “Anden enunciou cada palavra”, assim como a reação do seu interlocutor às suas tentativas, “Nem sequer falas espeniano?” e “Soas a keko, é isso que tu és?”.

Todos estes elementos contribuem, então, para um momento em que o leitor é relembrado do contexto sociolinguístico em que Anden está inserido ao se deslocar para Espenia, um país com uma língua e cultura diferentes da sua, onde o seu discurso será semelhante ao de um falante pouco fluente da língua em que o livro se encontra escrito.

Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo realizar a tradução parcial comentada de *Guerra de Jade*, da autoria de Fonda Lee, de modo a refletir sobre os desafios associados à tradução de literatura fantástica, com foco no emprego de neologismos, na criatividade e na utilização da língua como veículo que transmite ao leitor a inspiração cultural por trás do mundo fantástico presente na obra. Tendo em conta o comentário de tradução exposto acima exposto, assim como o Quadro I do Anexo, o qual contém um levantamento de todos os neologismos e expressões consideradas relevantes ao longo dos cinco capítulos traduzidos, torna-se possível chegar a algumas conclusões.

Em primeiro lugar, torna-se clara a discrepância no número das expressões associadas às diferentes categorias: a categoria Mundo Fantástico contém 65 casos (~67%), a categoria Expressões Culturais contém 18 casos (~19%) e a categoria Expressões Linguísticas contém 13 casos (~14%). Estes dados vão ao encontro do que se propõe que seja o objetivo principal dos neologismos criados em contexto da literatura fantástica, isto é, o de nomear novos conceitos para os quais não existe designação, conferindo ao mesmo tempo uma marca estilística à prosa na obra. Como já foi referido, a inovação lexical funciona como uma ferramenta para a construção do mundo fantástico, fornecendo-lhe credibilidade e enriquecendo-o quer de uma perspetiva linguística como narrativa (Pauković, 2019: 4). Sendo a categoria com maior foco na inovação lexical, é através dos neologismos abrangidos pelo Mundo Fantástico que é construído o mundo ficcional de Fonda Lee. Recorrendo à utilização de neologismos para designar conceitos relacionados com o espaço e o tempo, assim como aos títulos associados às diversas posições das personagens na hierarquia em que inserem, forma-se o contexto espaço-temporal e político que envolve toda a narração e que permite ao leitor inserir-se e ser envolvido pela história.

Por sua vez, as categorias relativas às Expressões Culturais e às Expressões Linguísticas, embora em menor número, contribuem para dar corpo às personagens. É através dos registos de língua, como a gíria e o calão, das expressões relacionadas com a religião e da forma como as personagens utilizam a língua para interagir entre si que as suas identidades individuais são formadas, destacando-se das páginas e passando a ter vida própria. Ainda assim, é de voltar a referir que estas categorias foram constituídas no contexto deste trabalho com o objetivo de analisar as diferentes estratégias de tradução e que, no seu todo, contribuem

igualmente para a consolidação do mundo criado por Fonda Lee e para a imersão do leitor na história. Por este motivo, a categorização das expressões recolhidas pode ser considerada subjetiva, pelo que, na verdade, algumas das expressões poderão contribuir simultaneamente para a formação da obra nas suas várias vertentes, isto é, no âmbito do mundo fantástico, das expressões culturais e das expressões linguísticas.

Considerando a perspetiva do tradutor na elaboração deste trabalho, em função do exposto por Venuti (1995) e Even-Zohar (2000), torna-se também relevante voltar a realçar a presença do tradutor ao longo do texto de chegada, considerando tanto as expressões de natureza anglófona, como as expressões e referências relacionadas com a ascendência asiática da autora de *Guerra de Jade*. O contexto em que se elabora a tradução desta obra permite que a presença do tradutor se torne mais evidente por se conservarem referências culturais do texto de partida, assim como alguns neologismos de grafia anglófona, ao mesmo tempo que se exige cautela, considerando a legibilidade e fluência do texto, de modo a não afastar possíveis leitores e contribuir para a marginalização da literatura fantástica, um género literário já pouco cultivado em Portugal.

Assim, considerando a categoria referente ao Mundo Fantástico, optou-se por não traduzir os nomes não-motivados, isto é, como já foi referido, nomes cuja motivação não advém de características físicas ou psicológicas dos elementos que designam, na sua maioria nomes próprios, preservando assim a sua natureza anglófona ou asiática, consoante a personagem em questão. Por sua vez, os nomes motivados, na sua maioria referentes aos títulos das personagens, foram traduzidos com o objetivo de, como já foi mencionado, contribuir para a legibilidade da obra e fornecer ao leitor de chegada o mesmo recurso metafórico resultante da extensão semântica.

Já a tradução dos locais e nacionalidades foi alvo de diversas abordagens. No que diz respeito aos topónimos constituídos por dois nomes, um nome comum e um nome próprio, optou-se pela tradução literal do nome comum e pela não tradução do nome próprio, novamente com o objetivo de conservar a natureza estrangeira do texto de partida ao mesmo tempo que se dá informação suficiente ao leitor para que possa compreender o espaço físico em que decorre a história. Já os topónimos referentes a marcos ou pontos de interesse foram traduzidos de forma literal por serem constituídos apenas por nomes comuns que caracterizam o cenário em que se desenvolve a história. Ainda assim, os topónimos referentes à designação de países não foram traduzidos por não terem motivação semântica evidente, pelo que a natureza estrangeira da obra é novamente realçada. Neste sentido, os neologismos referentes às nacionalidades são

apenas alvo da adaptação da grafia, integrando-os mais facilmente no texto de chegada e contribuindo para a sua legibilidade. Ainda assim, é de notar que nem sempre se optou por conservar a inovação lexical presente no texto de partida. Este é o caso dos dias da semana, onde se verificou que não existia uma diferença considerável entre a designação criada pela autora no texto de partida e a sua designação comum na língua de chegada. Por este motivo, optou-se por não utilizar um neologismo no texto de chegada, havendo alguma perda de inovação lexical em prol da legibilidade e compreensão.

Por sua vez, ao considerarmos as categorias referentes às Expressões Culturais e às Expressões Linguísticas, a tradução das expressões selecionadas foi fortemente influenciada pelo contexto em que se inseriam. Estas duas categorias, responsáveis pela formação do contexto cultural e linguístico das personagens, contribuem para que, através das referências gastronómicas, desportivas e religiosas, assim como da forma como as personagens utilizam a língua para interagir e navegar o mundo, o leitor tenha a possibilidade de assimilar de que maneira este mundo secundário se assemelha ou se distingue daquele em que vivemos, o mundo primário.

Neste sentido, no que diz respeito às Expressões Culturais, optou-se por não traduzir os neologismos cuja motivação não fosse evidente, como é o caso de “hoji” na Gastronomia, ou “relayball” no Desporto, mas traduzindo os neologismos com carga semântica evidente como “Return” e “Banishment” em Religião, formando-se até novas redes de significação profunda (Berman, 2000) que conferem ao texto de chegada novas camadas de sentido que ficarão à interpretação do leitor desta tradução. Ademais, e como esta obra se integra na literatura fantástica, a magia tem um papel central na contextualização sociocultural das personagens e do funcionamento do seu mundo, uma vez que o poder mágico se torna num catalisador que motiva as ações de todas as personagens. Ao utilizar o jade como pilar da construção deste mundo fantástico, Lee utiliza uma pedra preciosa existente no mundo primário e concede-lhe uma importância acrescentada, potenciada pela manipulação do mundo físico que esta pedra possibilita e, conseqüentemente, o poder económico e social associado à posse do jade. Deste modo, e à semelhança das subcategorias anteriores, sendo o tradutor também um leitor com a sua própria interpretação do texto (Venuti, 2002), optou-se por considerar a motivação semântica das designações associadas aos poderes de jade em função do seu impacto e manifestação física. É então criada nesta subcategoria uma rede de extensões semânticas que transformam nomes como “leveza” e “força” em manifestações mágicas do poder de jade responsáveis por, nomeadamente, manipular de forma sobrenatural a agilidade ou força física

de uma personagem na posse de jade. No entanto, e voltando a referir a opacidade e ambiguidade da motivação de neologismos associada frequentemente à literatura fantástica (Pauković, 2019), optou-se por não traduzir “shine”, uma vez que a ligação entre a motivação semântica e a droga que este neologismo designa não é evidente, por não estar explícito no texto nenhuma característica responsável por nomear a substância em causa. Esta decisão poderá resultar na perda de conotação presente no texto de partida, pelo que o tradutor poderia optar por contactar a autora de forma a compreender a motivação na criação deste neologismo e conferir à tradução a mesma alusão possivelmente presente no texto de partida.

Por sua vez, a categoria Expressões Linguísticas, responsável por contribuir para a formação do contexto sociolinguístico a que pertencem as personagens de *Guerra de Jade*, teve como foco principal os diálogos e, conseqüentemente, as interações entre as diferentes personagens. Esta secção torna-se particularmente relevante por permitir à autora conferir conotações culturais à forma como as personagens se expressam. Assim, através de elementos como a utilização dos honoríficos “jen” e “se” e da utilização das alcunhas “Auntie” e “Uncle”, é reforçada a alusão à cultura asiática e aos seus costumes sociais, uma forma de a autora difundir a sua própria identidade cultural na obra. Optou-se então por não traduzir os honoríficos, pelo que, caso o leitor de chegada não esteja familiarizado com a sua utilização, poderá compreender a sua aplicabilidade através do contexto das interações entre as personagens, ou através de uma pesquisa individual com o objetivo de melhor compreender as influências culturais da obra. Já as alcunhas foram traduzidas de forma literal, ainda que sem o diminutivo, em oposição às formas de tratamento mais comuns na cultura de chegada, como “Senhora” e “Senhor”, utilizadas num contexto formal quando o interlocutor tenciona conferir respeito e deferência ao seu discurso.

As subcategorias Calão e Gíria apresentam um levantamento das expressões utilizadas para conferir diferentes registos de língua ao discurso das personagens, integrando-as num grupo social ou profissional através da utilização de expressões próprias do grupo a que pertencem. É o caso da linguagem utilizada pelos jovens em Espenia, com quem Anden passa a interagir ao se mudar para este país, assim como do conjunto de vocábulos específicos utilizados pelos indivíduos pertencentes aos clãs, intrinsecamente ligados ao seu código de honra e *modus operandi*. Nestes casos, a tradução teve como objetivo potencializar a compreensão pelo leitor destes grupos sociais e profissionais, indo ao seu encontro ao utilizar expressões que lhe são conhecidas, como “fixe”, ou levando-o a submeter-se às regras

linguísticas do mundo dos clãs, num processo de aprendizagem ao longo da história que lhe dará a possibilidade de compreender conceitos como “aisho” ou “lâmina limpa”.

Por último, analisou-se uma interação entre duas personagens onde a própria língua é um obstáculo à compreensão. Como já foi mencionado, a referência à existência de línguas imaginárias é uma ferramenta frequentemente utilizada na literatura fantástica com o objetivo de conceder credibilidade à estrutura sociocultural do mundo fantástico ao mesmo tempo que contribui para a formação das diferentes identidades nacionais de cada personagem (Barnes, van Heerden, 2006). Assim, durante a interação referida, torna-se necessário, da mesma forma que no texto de partida, introduzir segmentos agramaticais no discurso da personagem que não domina a língua utilizada pelo seu interlocutor. Através da compreensão dos processos de desconstrução da língua de partida, foi possível replicar as agramaticalidades na língua de chegada, os quais são reforçados pelas observações do narrador que acompanha os sentimentos de desconforto e apreensão da personagem na tentativa de se expressar.

Para concluir, a elaboração do presente trabalho possibilitou uma reflexão sobre a tradução da literatura fantástica, tendo a obra de Fonda Lee como objeto de estudo, em particular através da forma como os neologismos são utilizados enquanto ferramenta de construção do mundo fantástico em que se desenvolve a história de *The Green Bone Saga*. Considerando a sua posição no sistema literário português, a tradução teve como objetivo encontrar um equilíbrio que permita ao leitor estar ciente da presença do tradutor ao longo do texto, ao mesmo tempo que não é sobrecarregado com expressões que lhe não são familiares numa língua estrangeira. Tendo em conta que *Guerra de Jade* é o segundo livro desta saga, é de notar que, numa possível tradução integral da obra, as opções do tradutor estarão condicionadas tanto pelas definições e pelos conceitos estabelecidos no primeiro livro, *Jade City*, como por acarretarem a responsabilidade de definir o modo como será traduzido o terceiro livro desta saga. A obra de Fonda Lee distingue-se com excelência no contexto da literatura fantástica contemporânea, pelo que se espera que o presente trabalho contribua não só para a dinamização da produção e tradução da literatura fantástica em Portugal, como também para a difusão do trabalho desta autora no sistema literário português.

Bibliografia

About-Meaning. “Condutividade elétrica”. Disponível em: <https://pt.about-meaning.com/11035335-meaning-of-electrical-conductivity>. Último acesso: 07.10.2022.

Álvares, Luísa B. P. 2016. “Sobre a tradução dos nomes próprios – algumas reflexões”. *Revista da Universidade de Aveiro*, no. 5 série 2, 125-137. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/rua.v0i5.2371>. Último acesso: 05.10.2022.

António, Elsa. 2018. “Criação e inovação lexical nos textos literários: o caso do romance Os Transparentes de Ondjaki”. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9953/1/6402_13599.pdf. Último acesso: 05.10.2022.

Attebery, Brian. 1992. *Strategies of fantasy*. Bloomington: Indiana University Press.

Avelino, Hellen. 2009. “Variação Linguística – estudo comparativo do uso de palavras calão e gírias no português falado por alunos do ensino fundamental e médio de Dourados”. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/1140/1162>. Último acesso: 07.10.2022.

Azeredo, Olga, Pinto, Isabel e Lopes, Carmo. 2011. *Da Comunicação à Expressão – Gramática Prática de Português*. Lisboa: Lisboa Editora S.A.

Barnes, Lawrie e van Heerden, Chantelle. 2006. “Virtual Languages in Science fiction and fantasy literature”. *Language Matters: Studies in the Languages of Africa*, vol. 37, no. 1, 102-117, Disponível em: 10.1080/10228190608566254. Último acesso: 05.10.2022.

Berman, Antoine. 2000. “Translation and the trials of the foreign”. Lawrence Venuti (ed.) *The Translation Studies Reader*. 284-297. London, New York: Routledge.

Boase-Beier, Jean, Fisher, Lina e Furukawa, Hiroko (eds). 2018. *The Palgrave Handbook for Translation*. Palgrave Macmillan.

Cambridge Dictionary. “Channel”. Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/channel>. Último acesso: 13.10.2022.

_____. “Deflection”. Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/deflection>. Último acesso: 13.10.2022.

_____. “Lightness”. Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/lightness>. Último acesso: 13.10.2022.

_____. “Perception”. Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/perception>. Último acesso: 13.10.2022.

_____. “Strenght”. Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/strength>. Último acesso: 13.10.2022.

_____. “Steel”. Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/steel>. Último acesso: 13.10.2022.

Carroll, Lewis. 1865. *Alice’s Adventures in Wonderland*. London: Macmillan.

Céu e Silva, João. 2019. “A rainha portuguesa do fantástico aposta em mulheres fortes para contar as histórias”. *Jornal de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-out-2019/a-rainha-portuguesa-do-fantastico-aposta-em-mulheres-fortes-para-contar-as-historias-11346499.html>. Último acesso: 03.10.2022.

Correia, Margarita e Lemos, Lúcia San Payo de. 2005. *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. “Exilado”. 2008-2022. Disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/exilado>. Último acesso: 07.10.2022.

_____. “Fixe”. 2008-2022. Disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/fortuna>. Último acesso: 11.10.2022.

_____. “Fortuna”. 2008-2022. Disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/fortuna>. Último acesso: 07.10.2022.

Even-Zohar, Itamar. 2000. "The position of translated literature within the literary polysystem". Lawrence Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. London, New York: Routledge.

Fabrizi, Mark. 2016. *Fantasy Literature: Challenging Genres*. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-6300-758-0>. Último acesso: 04.10.2022.

Fernandes, Lincoln. 2006 "Translation of Names in Children's Fantasy Literature: Bringing the Young Reader into Play". *New Voices in Translation Studies*, vol. 2, 44-57. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.134.7754&rep=rep1&type=pdf>. Último acesso: 05.10.2022.

Furukawa, Hiroko. 2018. "A De-feminized Woman in Conan Doyle's *The Yellow Face*". *The Palgrave Handbook for Translation*. Jean Boase-Beier, Lina Fisher, Hiroko Furukawa (eds.). Palgrave Macmillan.

Gaiman, Neil. 2006. *Fragile Things: Short Fictions and Wonders*. New York: Harper.

Gonçalves, Marina. 2016. "O calão no Português Europeu: tendências e utilizações". Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44358>. Último acesso: 07.10.2022.

González, María Luísa Coronado e González, Javier García. 1991. "La traducción de los antropónimos". *Revista española de lingüística aplicada*, vol. 7, 49-72. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1959740>. Último acesso: 03.10.2022.

Heng, Geraldine. 2003. *Empire of Magic: Medieval Romance and the Politics of Cultural Fantasy*. Columbia University Press, 2003. Disponível em: JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/10.7312/heng12526>. Último acesso: 04.10.2022.

Hermans, Theo. 1988. "On Translating Proper Names, with reference to De Witte and Max Havelaar", M. J. Wintle (ed.) *Modern Dutch Studies. Essays in Honour of Professor Peter King on the Occasion of his Retirement*, 1-24, London/Atlantic Highlands: The Athlone Press.

Hume, Kathryn. 1984. *Fantasy and Mimesis: Responses to Reality in Western Literature*. New York: Routledge.

James, Edward e Mendlesohn, Farah. 2012. *The Cambridge Companion to Fantasy Literature*. Cambridge University Press. E-book.

Jones, Francis R. 2020 [1998]. “Literary Translation”. Mona Baker e Gabriela Saldanha (eds.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 294-299. Routledge.

Jordan, Robert. 1990. *The Eye of the World*. Tor Books.

Kirkus Reviews. Disponível em: <https://www.kirkusreviews.com/>. Último acesso: 11.10.2022.

Klapcsik, Sándor. 2008. “Neil Gaiman’s Irony, Liminal Fantasies, and Fairy Tale Adaptations.” *Hungarian Journal of English and American Studies (HJEAS)*, vol. 14, no. 2, 2008, 317–34. Disponível em: *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/41274433>. Último acesso: 04.10.2022.

Lee, Fonda. 2017. *Jade City*. Orbit Books. E-book.

_____. 2019. *Jade War*. Orbit Books. E-book.

_____. 2019b. “Fonda Lee on Star Trek: TNG, the Green Bone Saga, and the Transformative Power of Fantasy Diaspora Stories”. Entrevista por Joel Cunningham. Disponível em: <https://www.barnesandnoble.com/blog/sci-fi-fantasy/fonda-lee-on-star-trek-tng-the-green-bone-saga-and-the-transformative-power-of-fantasy-diaspora-stories/>. Último acesso: 04.10.2022.

_____. 2019c. *Ciudad de Jade*. Tradução de António Rivas. Insólita. E-book.

_____. 2020. “Interview with Fonda Lee (Jade City)”. Entrevista por The Fantasy Hive. Disponível em: <https://fantasy-hive.co.uk/2020/07/interview-with-fonda-lee-jade-city/>. Último acesso: 04.10.2022.

_____. 2021. “Fonda Lee: Exclusive Interview”. Entrevista por Amy Tenbrink. Sirens. Disponível em: <https://www.sirensconference.org/news/2021/04/fonda-lee-exclusive-interview/>. Último acesso: 04.10.2022.

_____. 2022. “Fonda Lee, Science Fiction and Fantasy Author”. Disponível em: <https://www.fondalee.com/>. Último acesso: 04.10.2022.

Leung, W. 2001. “Crouching Sensibility, Hidden Sense”. *Film Criticism*, vol. 26 no.1, 42–55. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44019095>. Último acesso: 10.10.2021.

Lewandowska-Tomaszczyk, Barbara. 1985. “On semantic change in a dynamic model of language”. *Historical Semantics. Historical Word-Formation* Fisiak Jacek, ed. 297- 293. Berlin: Mouton de Gruyter. Google Books. Último acesso: 10.10.2022.

Lewis, C. S. 1950. *The Lion, the Witch and the Wardrobe*. London: Geoffrey Bles.

LI, Hong-man. 2010. “Fantasy in Translation: A Study of Two Chinese Versions of the Lord of the Rings.” *Cross-Cultural Communication*, vol. 6, no. 4: 20-27. Disponível em: [dx.doi.org/10.3968/j.ccc.1923670020100604.011](https://doi.org/10.3968/j.ccc.1923670020100604.011). Último acesso: 03.10.2022.

Manlove, Colin. 1978 [1975]. *Modern Fantasy: Five Studies*. Cambridge: Cambridge University Press.

Marković, Mirjana. 2018. “Translating neologisms and proper nouns in fantastic literature”. Dissertação de Mestrado, Universidade de Osijek. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/198156717.pdf>. Último acesso: 05.10.2022.

Martin, G. R. R. 1996. *Game of Thrones*. HaperCollins.

Mendlesohn, Farah. 2008. *Rhetorics of Fantasy*. Westport, CT: Wesleyan University Press. E-book.

Merriam-Webster Dictionary. “Deity”. 1928-2022. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/deity>. Último acesso: 07.10.2022.

_____. “Favor”. 1928-2022. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/favor>. Último acesso: 13.10.2022.

Meyer, Stephenie. 2005. *Twilight*. Little, Brown and Company.

Newmark, Peter. 1988. *A Textbook of Translation*. New York: Prentice Hall.

Pago, Ana. 2007. “A Longa Viagem da Literatura Fantástica em Portugal”. *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/arquivo/2007/a-longa-viagem-da-literatura-fantastica-em-portugal-659606.html>. Último acesso: 03.10.2022.

Pauković, Annamaria. 2019. “Translating Neologisms in Fantasy: An Analysis of Patrick Rothfuss' *The Name of the Wind* and its Croatian Translation”. Dissertação de Mestrado, Universidade de Zagreb. Disponível em: <https://urn.nsk.hr/urn:nbn:hr:131:803657>. Último acesso: 05.10.2022.

Pinto, José, Parreira, Manuela e Lopes, Maria do Céu. 1994. *Gramática do Português Moderno*. Lisboa: Plátano Editora S.A.

Rio-Torto, Graça, Rodrigues, Alexandra, Pereira, Isabel, Pereira, Rui e Ribeiro, Sílvia. 2016 [2013]. *Gramática Derivacional do Português*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0864-8>. Último acesso: 23.10.2022.

Sousa, Cristina. 2002. “TL versus SL Implied Reader: Assessing Receptivity when Translating Children’s Literature”. *Meta Magazine*, vol. 47, no. 1, 16-29.

Stableford, Brian. 2005. *Historical Dictionary of Fantasy Literature*. Scarecrow Press.

Stross, Charles. 2010. “Books I Will Not Write”. Em “Charlie’s Diary”. Disponível em: <http://www.antipope.org/charlie/blog-static/2010/09/books-i-will-not-write-1-of-an.html>. Último acesso: 04.10.2022.

TIME. 2020. “The 100 Best Fantasy Books of All Time”. TIME Magazine. Disponível em: <https://time.com/collection/100-best-fantasy-books/>. Último acesso: 04.10.2022.

Tincknell, Estella. 2020. “Monstrous Aunties: the Rabelaisian older Asian woman in British cinema and television comedy”. *Feminist Media Studies*, vol. 20, no. 1, 135-150. Disponível em: [10.1080/14680777.2019.1599038](https://doi.org/10.1080/14680777.2019.1599038). Último acesso: 05.10.2022.

Tolkien, J. R. R. 1983 [1939]. “On fairy-stories”. C. Tolkien (Ed.), *The monsters and the critics and other essays*, 5-48. London, UK: HarperCollins.

Tymoczko, Maria. 1999. *Translation in a Postcolonial Context*, Manchester, UK: St Jerome.

_____. 2014. “Why Literary Translation is a Good Model for Translation Theory and Practice”. Jean Boase-Beier, Antoinette Fawcett e Philip Wilson (eds.). *Literary Translation: Redrawing the Boundaries*, 11-31. Palgrave Macmillan.

Tolkien, J. R. R. 2001 [1937]. *The Hobbit*. Houghton Mifflin Harcourt.

Whedon, Joss. 1998. *Buffy, The Vampire Slayer*. Mutant Enemy Productions.

Wright, Chantal. 2016. *Literary Translation*. Routledge.

Venuti, Lawrence. 1995. *The Translator's Invisibility*. London, New York: Routledge.

Venuti, Lawrence. 2002. "The Difference that Translation Makes: The Translator's Unconscious". Alessandra Riccardi, (ed.). *Translation Studies: Perspectives on an Emerging Discipline*. 214-241 Cambridge: Cambridge University Press.

Anexo

Quadro I

Texto de Partida	Texto de Chegada	Categoria	Subcategoria
blackened chicken in milk	frango enegrecido em leite	Expressões culturais	Gastronomia
cheese-stuffed potato cakes	bolinhos de batata recheados com queijo	Expressões culturais	Gastronomia
hoji	hoji	Expressões culturais	Gastronomia
hot fried bread	pão frito quentinho	Expressões culturais	Gastronomia
noodles	noodles	Expressões culturais	Gastronomia
sautéed greens	verduras salteadas	Expressões culturais	Gastronomia
sour sweets	rebuçados azedos	Expressões culturais	Gastronomia
bootball	bootball	Expressões culturais	Desporto
finisher	finalizador	Expressões culturais	Desporto
First guard	Primeiro defesa	Expressões culturais	Desporto
relayball	relayball	Expressões culturais	Desporto
ruckets	ruckets	Expressões culturais	Desporto
Banishment	Exílio	Expressões culturais	Religião
Deitist	deitista	Expressões culturais	Religião

gods be thanked	graças aos deuses	Expressões culturais	Religião
May the gods shine favor on you	Que os deuses vos iluminem	Expressões culturais	Religião
May the gods shine favor on you.	Que os deuses iluminem o vosso caminho de bonança.	Expressões culturais	Religião
Return	Retorno	Expressões culturais	Religião
aisho	aisho	Expressões linguísticas	Gíria
clean blade	lâmina limpa	Expressões linguísticas	Gíria
he's green	ele é verde	Expressões linguísticas	Gíria
moon blades	lâminas lunares	Expressões linguísticas	Gíria
whispered	sussurrou	Expressões linguísticas	Gíria
crumbs	migalhas	Expressões linguísticas	Calão
fool islander	ilhéu iditota	Expressões linguísticas	Calão
toppers	fixe	Expressões linguísticas	Calão
se	se	Expressões linguísticas	Formas Tratamento
Auntie	Tia	Expressões linguísticas	Formas Tratamento
jen	jen	Expressões linguísticas	Formas Tratamento
Mr. and Mrs. Hian	Senhor e senhora Hian	Expressões linguísticas	Formas Tratamento

Uncle	Tio	Expressões linguísticas	Formas Tratamento
Boat Day	Dia do Barco	Mundo Fantástico	Calendário
Fifthday	quinta-feira	Mundo Fantástico	Calendário
Secondday	segunda-feira	Mundo Fantástico	Calendário
Thirddays	Terça-feira	Mundo Fantástico	Calendário
coat	casaco	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
crewboy	gângster	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Crews	gangues	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Finger	Dedo	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Fists	Punhos	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
gangsters	gângsters	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Green Bone	Oso Verde	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Horn	Chifre	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Lantern Man	Homem Lanterna	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Luckbringer	Fazedor de Fortuna	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Mountain	Montanha	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico

No Peak clan	clã Sem Topo	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
One Mountain Society	Sociedade da Montanha	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Pillar	Pilar	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Pillar Man	Homem do Pilar	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Torch	Tocha	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Weather Man	Homem do Tempo	Mundo Fantástico	Clãs e Sistema Hierárquico
Adamont Capita	Adamont Capita	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Camres River	Rio Camres	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Espenia	Espenia	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Espenian	espenianos	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
federal Industry Department	Departamento Federal da Indústria	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Financial District	Distrito Financeiro	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
grudge hall	Grudge Hall	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Iron Eye Bridge	Ponte do Olho de Ferro	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Janloon	Janloon	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Janloon International Airport	Aeroporto Internacional de Janloon	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades

Kaul Dushuron Academy	Academia Kaul Dushuron	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Kecks	kekos	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Keko-Espenians	keko-espenianos	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Kekon	Kekon	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Kekonese	kekonês	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Kekonese-Espenians	kekoneses-espenianos	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Kespenians	Kespenianos	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Kespies	kespies	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Marenia	Marenia	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Mast Building	Edifício do Mastro	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
National Assembly	Assembleia Nacional	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
North Amaric Ocean	Oceano Nórdico Amaric	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Oortokon War	Guerra de Oortokon	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Ortykvo in Ygut	Ortykvo em Ygutês	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Port Guardian	Guardião do Porto	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Port Guardian statues	estátuas do Guardião do Porto	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades

Port Massy	Porto Massy	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Port Massy University	Universidade de Porto Massy	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Ship Street	Rua do Barco	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Shotarians	shotarianos	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Trials at the Academy	Provas na Academia	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Tuni	tuni	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Watersguard U	Universidade de Watersguard	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Watersguard University	Universidade de Watersguard	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Whitting Bay	Baía de Whitting	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Ygutarians	ygutianos	Mundo Fantástico	Locais e Nacionalidades
Chanelling	Condução	Mundo Fantástico	Magia
Deflection	Deflexão	Mundo Fantástico	Magia
Itches	Comichões	Mundo Fantástico	Magia
Lightness	Leveza	Mundo Fantástico	Magia
Perceive	Pressentir	Mundo Fantástico	Magia
shine	shine	Mundo Fantástico	Magia

Steel	Ferro	Mundo Fantástico	Magia
Strenght	Força	Mundo Fantástico	Magia

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal